

13^o colóquio
de pesquisas

2022 PROARQ UFRJ



VIVÊNCIAS e EXPERIÊNCIAS de pesquisas em arquitetura

Anais

realização:



UFRJ



apoio:

PROARQ



CAPES



CNPq



FAPERJ

UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Denise Pires de Carvalho

Reitora

Carlos Frederico Leão Rocha

Vice-Reitor

Denise Maria Guimarães Freire

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

FAU

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu

Diretor

Alexandre José de Souza Pessoa

Vice-Diretor

PROARQ

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

Ethel Pinheiro Santana

Coordenadora

Marcos Martinez Silvano

Vice-Coordenador

Aline Pires Veról

Coordenadora Adjunta de Pesquisa

Lucas Rosse Caldas

Coordenador Adjunto de Extensão

Priscila Alves Peixoto

Coordenadora Adjunta de Ensino

Rubens de Andrade

Coordenador Adjunto de Editoria

Maria da Guia Monteiro

Rita de Cássia Frazão

Secretaria Executiva

Anais do 13º Colóquio de Pesquisa do PROARQ VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE PESQUISAS EM ARQUITETURA

Comissão Organizadora

Lucas Rosse Caldas | Prof. Dr. PROARQ/FAU/UFRJ
Ethel Pinheiro Santana | Prof. Dra. PROARQ/FAU/UFRJ
Marcos Martinez Silvano | Prof. Dr. PROARQ/FAU/UFRJ
Rubens de Andrade | Prof. Dr. PROARQ/EBA/UFRJ
Luciana Bonvino Figueiredo | Prof. PROARQ/FAU/UFRJ

Comissão Científica

Ana Paula Polizzo | Prof. Dra. PROARQ/UFRJ
Benvinda de Jesus Ribeiro | Prof. Dra. EBA/UFRJ
Bruno Luis Costa | Prof. Dr. FAU/UFRJ
Daniella Martins Costa | Prof. Dra. FAU/UFRJ
Juliana Silva Pavan | Prof. Dra. FAU/UFRJ
Lucas Rosse Caldas | Prof. Dr. PROARQ/FAU/UFRJ
Luciana B. Figueiredo | Prof. Dra. PROARQ/EBA/UFRJ
Marcos Silvano | Prof. Dr. PROARQ/FAU/UFRJ
Patrizia Di Trapano | Profa. Dra. PROARQ/EBA/UFRJ
Rubens de Andrade | Prof. Dr. PROARQ/EBA/UFRJ
Thiago Melo Grabojs | Prof. Dr. PROARQ/FAU/UFRJ

FICHA CATALOGRÁFICA

Anais do 13º Colóquio de Pesquisa do PROARQ: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA EM ARQUITETURA. Organizadores: Lucas Rosse Caldas, Ethel Pinheiro Santana, Rubens de Andrade e Luciana Bonvino Figueiredo. Rio de Janeiro, PROARQ-FAU-UFRJ, 2022.

180 p.: 21 x 29,7 cm

ISBN 978-65-88335-19-2

1. Arquitetura 2. Pesquisa 3. Colóquio I. Universidade Federal do Rio de Janeiro II. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ III. Colóquio PROARQ IV. Caldas, Lucas V. Pinheiro, Ethel VI. Andrade, Rubens VII. Figueiredo, Luciana

CDD 720
CDU 72

*O conteúdo de todos os textos é de responsabilidade de seus respectivos autores.

Equipe de Executiva

- Discentes PROARQ -

Beatriz Amback | Mestranda
Camila Cunha | Mestranda
Cândida Zigoni | Mestranda
Clarice Mühlbauer | Mestranda
Eduardo Salsamendi | Doutorando
Felipe Lima | Mestrando
Julia Cavalcante | Mestranda
Lucas Yudi | Doutorando
Maria Vitória Ribeiro | Mestranda
Mariana Frota Agum | Mestranda
Natália Cruz | Mestranda
Pâmela Paris | Doutoranda

Realização:

PROARQ

FAU
UFRJ



Apoio:



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
-------------------	----

PROGRAMAÇÃO.....	11
------------------	----

MESAS TEMÁTICAS.....	12
----------------------	----

WORKSHOPS.....	14
----------------	----

SESSÕES CIENTÍFICAS.....	18
--------------------------	----

SESSÃO 01

Quatro considerações sobre a música na paisagem sonora urbana

Lucas Yudi Moriya Sampaio.....	19
--------------------------------	----

Cartografias (des)interrompidas - reflexos da reinserção no espaço público urbano carioca (parte 1)

Osmar Santos do Nascimento Jr.....	21
------------------------------------	----

Cartografias (des)interrompidas - reflexos da reinserção no espaço público urbano carioca (parte 2)

Andressa Domingos da Silva.....	23
---------------------------------	----

Lugares de Amnésia: Resgate da memória política através de narrativas

Pamela Paris Ávila.....	25
-------------------------	----

A linha entre duas cidades: quais são as possibilidades educadoras das ambiências da favela?

Felipe de Oliveira Barros Lima.....	27
-------------------------------------	----

Ambiências e Distopia pelos escombros da cidade de Petrópolis

Rafael Ferreira de Souza.....	29
-------------------------------	----

SESSÃO 02

Desafios de sistemas fotovoltaicos integrados considerando o contexto brasileiro

Anna Carolina Peres Suzano e Silva.....	32
---	----

Avaliação ambiental de painéis modulares autoportantes aplicados em edificações hospitalares emergenciais

Stefani Raiane Martins de Paula.....	34
--------------------------------------	----

SUMÁRIO

Adoção do BIM no ensino de conforto ambiental: estudos de caso

Camila Cunha de Souza

Allana Rocha de Almeida.....36

Madeira laminada cruzada: uma solução de baixo carbono? Avaliação do ciclo de vida (ACV) considerando diferentes zonas bioclimáticas brasileiras

Ana Beatriz Lima Joazeiro Cardão.....38

A representação social da sustentabilidade no design de interiores: visão dos profissionais

Alexandre Effori de Mello.....40

Catedral Cristo Redentor, Boa Vista/RR: análise bioclimática

Carlos Teodoro Olivares Olivares.....42

SESSÃO 03

Permanências e Rupturas socioespaciais em Macaé/RJ: narrativas morfológicas sobre a construção do espaço urbano na capital nacional do petróleo

Narjara Xavier dos Santos.....45

Trans(forma)cidade: hibridismo entre espaços físicos e digitais em novos modos de experiência urbana

Melanie Martins Barroso.....47

O funk carioca e o repensar das paisagens urbanas

Gabriella Stephany Pinto Oliveira.....49

A potência do lugar cotidiano na formação de identidade: por uma narrativa afetiva do território de São Lourenço - MG

Vitor Maciel de Britto Cunha.....51

Patrimônios invisíveis e olhares invisibilizados: cartografando afetos e aflições segundo percepções de estudantes das escolas municipais cariocas

Alex Assunção Lamounier.....53

Fronteiras do moderno no plano urbanístico de Boa Vista/RR

Cláudia Helena Campos Nascimento.....55

SESSÃO 04

Aldo Rossi - Razão e memória em atlas

Natália de Freitas Cruz.....58

O centenário da exposição internacional de 1922 em vídeos

Mariana Rodrigues Oliveira.....60

SUMÁRIO

Dossiê digital Mário Barata (1950-1959). A crítica de arte e de arquitetura no cotidiano

Luiza Apolinário Victorino

Camille Vieira de Oliveira

Natalia Barbosa Abdala.....62

Arquiteturas Narrativas em “escavações” italianas: Peter Eisenman, arquitetura e ficção em Veneza e Verona

Carolina Ferreira de Carvalho.....64

As exposições como máquinas de leitura e as engrenagens para uma experiência corporificada

Suzane de Queiroz Ribeiro.....66

A poética dos sons: o efeito das ressonâncias nas salas de Sarau Luso-Brasileiras do Século XIX

Rodrigo de Almeida Spinelli Pinto.....68

SESSÃO 05

Casa de Mendes: o conceito de autenticidade aplicado a uma obra de Oscar Niemeyer no interior do Rio de Janeiro

Julia Cavalcante de Andrade.....71

Diagramas projetuais em trabalhos finais de graduação em arquitetura e urbanismo UFRJ - Ensino Remoto

Samara de Oliveira Brandão

Mariana Campello do Rêgo Valença

Rodrigo Kamimura.....73

Arquiteto Educador - uma reflexão sobre o projeto enquanto ação artística e educativa

Gabriel Martucci.....75

Alojamento Materno-infantil no espaço prisional: padrões e representações sociais

Eduardo Sanches Salsamendi.....77

Arquitetura do desenvolvimento em Roraima: levantamento de fontes

Claudia Helena Campos Nascimento.....79

Relatos de experiências e vivências: um projeto arquitetônico para abrigos institucionais em Roraima

Márcio Baraúna Bento.....81

SESSÃO 06

Legislação de prevenção e combate a incêndio aplicada ao museu histórico e diplomático do Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, Brasil

Amanda Ribeiro Carneiro.....84

SUMÁRIO

Formas e ideias: a tendência dialética no SESC Pompéia

Weber Schimiti.....86

A gestão como elemento de preservação dos museus a céu aberto: o caso da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, Brasil

Isabel Cristina Ferreira Ribeiro.....88

Instrumentos de proteção e conservação do imóvel cultural protegido

Isabela Peixoto de Mello.....90

Teoria e prática da adaptação de uso do patrimônio industrial: algumas considerações

Ayesha de Oliveira Luciano.....92

Arquitetura moderna em Roraima: redesenho da Catedral Cristo Redentor

Claudia Helena Campos Nascimento.....94

SESSÃO 07

Contribuições da arquitetura para uma ambiência urbana responsiva

Andréa Cristina Soares Cordeiro Duailibe.....97

Paisagem-política: o reflexo do território dos Sem-Terra na paisagem rural do Rio de Janeiro

Vanessa Sartori Rodi.....99

A influência das árvores para o conforto ambiental: nova metodologia

Miguel Nogueira da Motta

Suzana de Oliveira Gomes

Maria Eduarda Mira Valentim

Gabriela Oliveira Maia.....101

Planos de conservação e as múltiplas camadas do patrimônio cultural

Clarice Futuro Mühlbauer.....103

Rumos da uberização: os espaços públicos pela dinâmica dos entregadores de aplicativo a partir de um contexto pandêmico

Cândida Zigoni de Oliveira Landeiro.....105

SESSÃO 08

A cidade paralela do lixo: uma etnotopografia dos catadores de material reciclável nas ruas de Botafogo, RJ

Mariana Frota Agum.....108

Etnoconservação urbana: o mapeamento sensível dos valores da paisagem cultural carioca

Alda de Azevedo Ferreira.....110

SUMÁRIO

Lugares jogabilizados: analogias de experiências híbridas em videogames como construção do conhecer e sua abrangência sobre o espaço/lugar

Thiago dos Santos Rangel.....112

Contribuições da ANT para a historiografia da arquitetura

Claudio Roberto Comas Brandão.....114

Ambiência escolar e pandemia de Covid 19: percepções dos usuários da escola X

Dagmar Dias Cerqueira.....116

Aspectos culturais e identitários na formação de espaços públicos centrais de Boa Vista/RR

Sued de Oliveira.....118

SESSÃO 09

A cidade e suas cores: um primeiro estudo cromático do sítio histórico urbano de Petrópolis/RJ

Luísa Kobi Rangel

Daniela Quireza Campos Morgado.....121

Reformas do ensino acadêmico de arquitetura em meados do século XIX em perspectiva panorâmica: cartografando fragmentos biográficos (ou homens e ideias em circulação)

Karolyna de Paula Koppke.....123

Narrativas latino-americanas: 60 anos de bienais de arquitetura na América Latina

Júlia da Silva Grangeiro Cardoso.....125

Narrativas latino-americanas: publicização e divulgação

Luiza Draeger de Andrade

Roberta Barbosa dos Passos.....127

Navegando em narrativas: o atlas como possibilidade de construção de crítica arquitetônica

Thiago Soares da Silva.....129

Imagem, razão e engano na nova arquitetura em Portugal

Lis Dourado Pamplona.....131

SESSÃO 10

Ocupações expositivas e diversidades expográficas do campus do Fundão

Renato Alves e Silva.....134

SUMÁRIO

A inquietação da busca pelo autêntico no patrimônio edificado

Gisele Montalvão Freixo.....136

Percurso e suas identidades: esfera participativa popular no patrimônio de Magé/RJ

Daniel Athias de Almeida.....138

Cor e Arquitetura: paradigmas e possibilidades de intervenção no patrimônio edificado

Luciana Florenzano.....140

Intervenção e atribuição de valor em patrimônio industrial: o caso do porto de Pelotas/RS

Aline de Oliveira Mendes.....142

SESSÃO 11

Rastros da paisagem de fronteira: a teoria-ator rede e o método da cartografia de controvérsias

Lorena Maia Resende.....145

A luz materializada e sua relação com a percepção de presença em ambiências noturnas

Nathália Moreira Carvalho.....147

Acelerações citadinas, normatizações viárias e pedalar na cidade

Fernando Manteufel Fiorotti Mathais.....149

Se essa casa fosse minha, eu mandava ladrilhar - representações corpo-arquitetura no contexto doméstico periférico

Victória Helena Michelini Junqueira.....151

Paisagem do risco: um estudo morfológico das encostas do distrito de Conselheiro Paulino, em Nova Friburgo/RJ

Aline Ourique Toledo.....153

SESSÃO 12

Otimização de um modelo de habitação social no Brasil: a aplicação do EPS para reduzir o impacto das mudanças climáticas no desempenho energético dos edifícios

Alexandre Santana Cruz.....156

Integração fotovoltaica em fachadas e sua contribuição para renovação energética de edifícios em centros urbanos no Brasil

Giselle Graça Bahiense de Lyra.....158

Autoconstrução e a democratização da arquitetura: considerações sobre formação profissional e o necessário debate de conceituação da ATHIS do empreendedorismo social

Conrado Carvalho.....160

SUMÁRIO

Diretrizes da avaliação social do ciclo de vida (ASCV) para projetos arquitetônicos: estudo de caso sobre habitação de interesse social

Eduarda Alberto.....162

Correlação de imagem digital aplicada ao diagnóstico de patologias no Edifício Jorge Machado Moreira

Fernanda Alves.....164

A modelagem da informação da construção (BIM) e o ensino de concepção de projetos arquitetônicos

Rodrigo Dantas Mendonça.....166

SESSÃO 13

Ferramenta para análise do potencial da ventilação natural nos espaços de internação dos estabelecimentos assistenciais de saúde

Katia Maria Macedo Sabino Fugazza.....169

A influência de normas para prevenção de incêndio e pânico do projeto arquitetônico

Natana Janiele Nobre Alves.....171

O habitar mínimo: avaliação da qualidade espacial em apartamentos de área reduzida

Isabella Queiroz Rohr.....173

Requalificação urbana e ambiental na mitigação de inundações: caso do Rio Catarino, Realengo - Rio de Janeiro

Giulia Figueiredo Ferreira.....175

Matriz de prioridades para projetos urbanos multifuncionais estruturados pela drenagem urbana sustentável

Beatriz Cruz Amback.....177

Cidades resilientes às cheias: a água como eixo estruturante do planejamento territorial - o caso de Guaratiba/RJ

Mylenna Linares Merlo.....179

APRESENTAÇÃO

O PROARQ chega ao ano de 2022 com um grande marco: os 35 anos de existência do Programa! Nos dois últimos anos nos perguntamos, durante o deflagrar de uma Pandemia que não estava no escopo de nenhum habitante deste planeta: “como dialogar em espaços remotos?” (2020) e, depois, “o que fomos e o que somos?” (2021), dúvidas para um futuro (sempre) emergente. Tais inquietações nos fizeram perceber que a pesquisa é uma estrada imprevisível e que na “floresta das questões científicas”, procurar/produzir ou abrir mão de métodos para deliberar uma solução, intentar análises, descobrir processos, fulgurar hipóteses e – quem sabe – dizer não a elas, é parte essencial do crescimento de todo produto científico, principalmente na área das Humanidades.

Desde 2009 temos realizado os encontros anuais intitulados COLÓQUIOS DE PESQUISA PROARQ, e todos eles tem nos apontado que a prática do compartilhamento e da construção de pesquisas é ato essencial para o sucesso dos saltos epistemológicos e para uma prática consistente. No campo acadêmico, somos aquilo de que fazemos parte. Cada área, cada linha, cada projeto do PROARQ explicita a nossa Missão – ao mesmo tempo em que permite aflorar o desejo, como uma ainda não-existência proximal, mas algo em alcance. Desde 1987, cada um dos coordenadores, docentes, discentes e pesquisadores associados imprimiu sua visão, mas, também continuou a tecer essa incrível malha que sustenta todo o desenvolvimento científico e social do Programa. Somos e fomos, então, o resultado de nossas VIVÊNCIAS e EXPERIÊNCIAS, seja em espaços físicos ou virtuais.

Após 35 anos de percurso, e como um dos mais antigos Programas de pós-graduação em Arquitetura, o PROARQ acena para a ampliação de suas redes de pesquisa e parcerias em âmbito local, nacional e internacional, reforçando o valor de seu conceito 6 CAPES e suas muitas abrangências. É com orgulho que possuímos em nossos registros atuais mais de 665 dissertações de mestrado e mais de 162 teses defendidas, orientadas por docentes hábeis em suas áreas de atuação – destes, alguns que se foram e outros que continuam no Programa, tendo começado sua trilha como estudante.

Neste ensejo, o 13º. Colóquio foi mais uma oportunidade para nos encontrarmos, desta vez em espaços físicos, também para crescermos e dedicarmos tempo para a frutificação de nossas experiências, diálogos, ideias e possibilidades de trabalhar cientificamente para o crescimento da sociedade e do campo de saber que escolhemos arar.

Ethel Pinheiro Santana e Marcos Silvano
Coordenação PROARQ

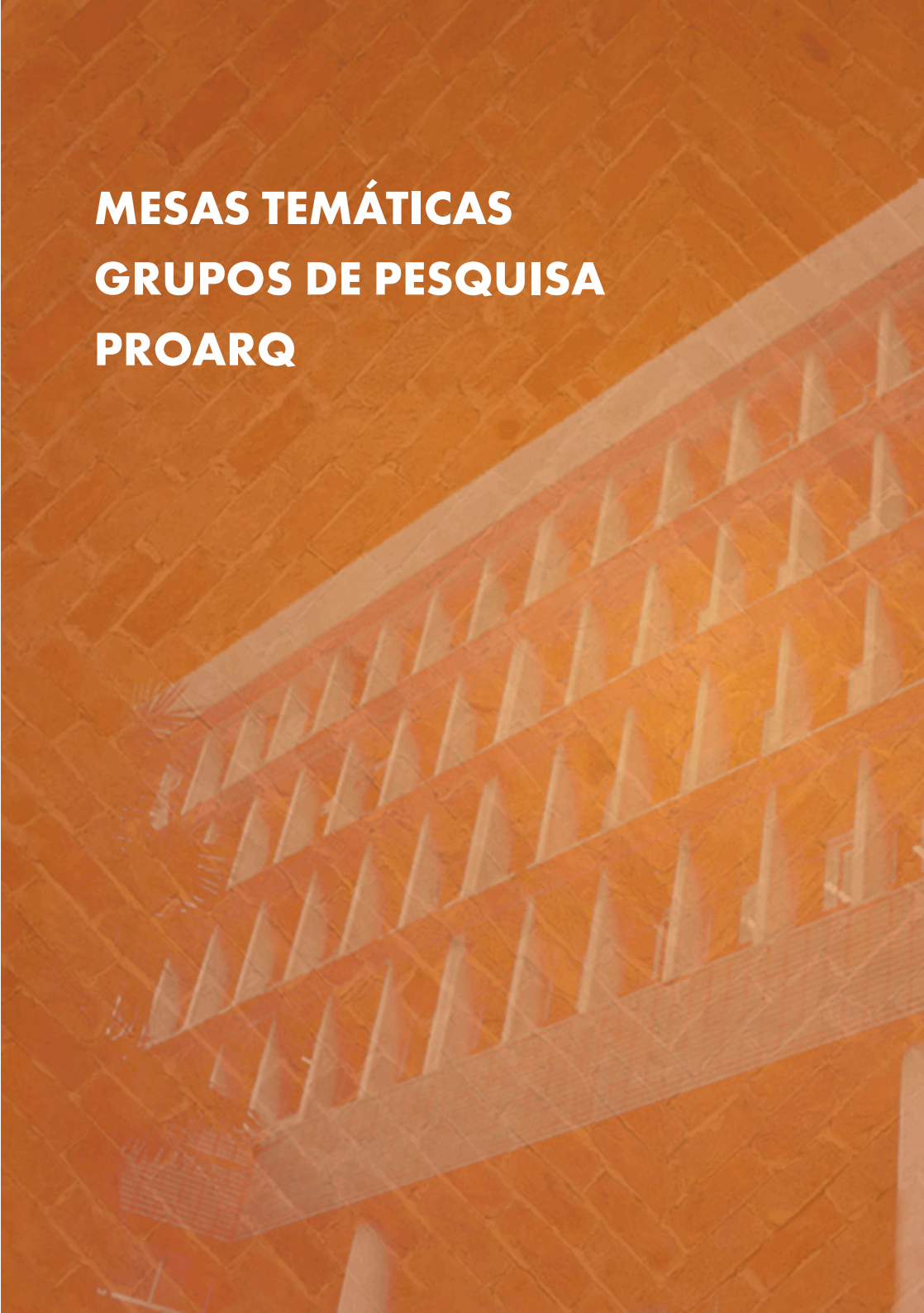
Site: <https://coloquioproarq.wixsite.com/13coloquioproarq>

PROGRAMAÇÃO

A programação do 13º. Colóquio de Pesquisas do PROARQ – “VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS em Pesquisas de Arquitetura” foi pensada, similarmente às edições remotas de 2020 e 2021, como uma ação contínua e bastante articulada, de modo a gerar maior engajamento do corpo social (interno ao PROARQ) e permitir o acesso do público externo. Assim, os primeiros encontros presenciais, e abertos a todo o público, aconteceram todas as segundas-feiras, entre 29 de agosto a 03 de outubro, entre 14h e 17h, com Sessões Temáticas encabeçadas por 3 grupos de pesquisa do PROARQ em cada uma das segundas-feiras, sendo uma das sessões organizada pelo curso de Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio da UFRJ.

As Sessões Científicas ocorreram entre 10 e 13 de outubro, de 13h30 às 17h30, fechando o ciclo do 13º. Colóquio, e foram voltadas para a divulgação das pesquisas em andamento ou já concluídas por discentes, egressos, estudantes de IC e pesquisadores do PROARQ, favorecendo o reconhecimento de nosso cenário atual, as experiências acumuladas a autoavaliação do Programa. No dia 14 de outubro, entre 14h e 17h, tivemos a Mesa de Encerramento, com a Palestra que concluirá o evento.

Entre os dois períodos acima mencionados, uma fase intermediária e essencial para o PROARQ aconteceu entre 12 e 26 de setembro: a oferta de Workshops variados, voltados para o desenvolvimento de Ações Afirmativas do PROARQ. Os workshops foram ministrados por docentes e pesquisadores do PROARQ e exigiram inscrição dos interessados por link exclusivo, que foi disponibilizado para cada dia das ações, indicados no website do evento, e com vagas limitadas.



MESAS TEMÁTICAS
GRUPOS DE PESQUISA
PROARQ

SESSÃO TEMÁTICA 1 (05/09)

Ambiente-Educação - GAE

Profa. Giselle Arteiro

Sistemas de Espaços Livres no Rio de Janeiro - SEL/RJ

Profa. Vera Tangari

Lugares e Paisagens - Pro/Lugar

Prof. Paulo Rheingantz

SESSÃO TEMÁTICA 2 (12/09)

Laboratório de Habitação - LabHab

Prof. Mauro Santos

Profa. Luciana Figueiredo

Energia, Espaço e Sociedade - ESS

Profas. Sylvia Rola e Virgínia Vasconcellos

Projeto, Arquitetura e Sustentabilidade - GPAS

Profs. Leopoldo Bastos e Lygia Niemeyer

SESSÃO TEMÁTICA 3 (19/09)

Estudos de Arquitetura de Museus - Arquimuseus

Profa. Ceça Guimaraens

Laboratório de Narrativas em Arquitetura - LANA

Prof. Gustavo Rocha-Peixoto

A Educação do Olhar

Profa. Maria Angela

SESSÃO TEMÁTICA 4 (26/09)

Gestão de Projetos em Arquitetura - GEPARQ

Profs. Mônica Salgado e Marcos Silvano

Preservação e Restauração do Patrimônio Edificado - Restaurarq

Profa. Rosina Trevisan

Programa de Pós-Graduação em Projeto e Patrimônio - PGPP

Profs. Margaret Lica e Virgínia Vasconcelos

SESSÃO TEMÁTICA 5 (03/10)

LabLugares

Profa. Ana Amora

Projeto e Representação do Ambiente - Proamb

Profs. Andrea Rego e Aline Veról

Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura - LASC

Profs. Cristiane Rose Duarte e Ethel Pinheiro

WORKSHOPS

Corpo, projeto e espaço (Parte 1): 13/09

Responsável: Ana Amora (LabLugares)

Este workshop tem como objetivo ensinar opções básicas de levantamento métrico, apresentando aos alunos os instrumentos e métodos de medição manual, contextualizando o corpo do usuário e a ergonomia na definição de elementos e espaços arquitetônicos

Os alunos realizarão todas as etapas referentes ao processo de levantamento arquitetônico em um espaço da FAU: desenvolvimento de croquis para medição in loco, registro fotográfico e, posteriormente, a transcrição de dados para desenho técnico (manual ou digital, dependendo do nível do aluno)

Introdução ao QGIS para pesquisa e extensão em Projeto de Arquitetura: 13,14 e 15/09

Responsáveis: Andrea Queiroz Rego, Aline Pires Veról, Aline Ourique, Beatriz Amback, Mylenna Linares (PROAMB)

Este workshop tem por objetivo introduzir conceitos e ferramentas básicas do software de uso livre QGIS, com ênfase na aplicação para pesquisa e extensão em Projeto do Ambiente. O software, que utiliza da tecnologia de Sistema de Informações Geográficas (SIG), permite a visualização, a representação, a edição e a análise de dados georreferenciados. O workshop irá orientar quanto à elaboração de mapas temáticos a partir de informações, principalmente, de fontes oficiais. O conteúdo será ministrado em três módulos distintos, com apresentação do conteúdo básico seguido atividades,

práticas, como forma de fixar o conhecimento adquirido. O 1º módulo será reservado para a introdução ao software, instruções para o download, apresentação de sua interface e orientações de como pesquisar dados shapefile e bases de satélite. O 2º módulo se dedicará à manipulação dos arquivos em formato shapefile, raster e csv, ao manejo e organização das camadas e à edição dos elementos gráficos para a elaboração dos mapas temáticos. Já o 3º módulo introduzirá a montagem de pranchas e a definição de layout dos mapas para impressão. É esperado que, ao fim do workshop, os estudantes sejam capazes de produzir mapas georeferenciados de forma simplificada.

Corpo, projeto e espaço (Parte 2): 13 e 20/09

Modelagem Tridimensional Física

Responsável: Ana Amora (LabLugares)

Dando sequência à Parte 1, esse módulo do workshop visa ensinar noções básicas para o desenvolvimento de modelos físicos arquitetônicos. Serão apresentados ferramentas, materiais e técnicas de modelagem física.

Os alunos que tiverem participado da Parte 1 irão desenvolver as maquetes dos espaços que foram levantados nessa etapa; alunos que não participaram da primeira etapa poderão levar algum trabalho previamente realizado, em escala apropriada, para executar seus respectivos modelos.

Estruturação de Célula BIM em Instituição de Ensino Superior:

15/09

Responsável: Mônica Salgado (GEPARQ)

As inovações propostas pelas tecnologias digitais aplicadas ao projeto e construção, particularmente considerando as potencialidades oferecidas pela modelagem da informação da construção BIM (Building Information Modeling), podem alterar significativamente as práticas em arquitetura. A partir do Decreto nº 9.983 de 2019, que dispõe sobre a Estratégia Nacional de Disseminação do Building Information Modelling, as discussões sobre o tema se intensificaram. No entanto, observa-se que o avanço nas discussões sobre o tema não tem sido acompanhado pelas mudanças necessárias na formação profissional. Uma das estratégias para viabilizar essas mudanças seria a implementação de uma Célula BIM na instituição de ensino. A Célula BIM é capaz de fomentar a disseminação BIM por diferentes agentes e direções de difusão variadas: pela Direção ou Coordenações da instituição (difusão descendente do BIM), pelos professores e ou funcionários (difusão radial do BIM) e finalmente pelos próprios alunos (difusão ascendente do BIM). Nesse sentido, o presente workshop é voltado aos arquitetos e professores interessados nas estratégias a serem adotadas na estruturação e implementação de Célula BIM no âmbito dos cursos de graduação em arquitetura e urbanismo.

Neurociência e Iluminação

Conceitos básicos para projeto: 19/09

Responsável: Patrizia Di Trapano (GPAS)

O workshop abordará os princípios básicos da neurociência e iluminação relacionados ao projeto, fazendo uma ponte com as dimensões das emoções, percepção, cognição e psicologia ambiental. A visão é considerada o principal sentido usado para entender os estímulos ambientais, logo a luz influencia na percepção visual e nas sensações obtidas ao se vivenciar os espaços. Como a luz poderá ser projetada para gerar resultados nos espaços residenciais, comerciais e de lazer; o que deverá ser considerado no projeto de iluminação sob o olhar da neurociência de forma a se criar memórias, engajamento emocional e identidade. Criação do stimmung (humor, clima, ambiência). Influência do material, da cor e da textura.

Análise Sistemática da Literatura: orientações básicas e ferramentas> 19 e 20/09

Responsável: Aline Veról, Andrea Rego e Luciana Guimarães (PROAMB)

Este workshop tem por objetivo apresentar orientações básicas e algumas ferramentas para quem está iniciando atividades na área de pesquisa acadêmica. Ele está dividido em dois módulos. No 1o. módulo, de introdução à pesquisa acadêmica, serão apresentados os principais materiais científicos disponíveis, com a indicação de uso de cada um e sua estrutura básica.

Além disso, também serão apontados os principais pontos considerados

em uma revisão por pares e as principais ferramentas de busca disponíveis atualmente, com indicação de alguns critérios “chave” para fazer uma busca mais eficiente. Ainda neste mesmo módulo, será abordada a revisão sistemática da literatura em si, com apresentação do Método PROKNOW-C, útil para a seleção de artigos. Por fim, serão apresentados modelos de fichamento detalhado e de mapas mentais para o registro das informações obtidas na leitura dos artigos selecionados. O 2o. módulo se aprofunda na discussão de artigos de revisão de literatura, utilizando o apoio do software gratuito VOSviewer. Será feita breve introdução ao software, seguida da realização de uma atividade prática, como forma de internalizar os conhecimentos do workshop.

OFICINA - Arquitetura e Museografia: o Museu de Astronomia e Ciências Afins: 20 e 21/09

Responsável: Cêça Guimaraens, Antonio Carlos Martins e Diego Dias (ARQUIMUSEUS)

A OFICINA tem como objetivo apresentar e problematizar temas e conteúdos voltados aos Museus, à Museografia e às Técnicas de Conservação na perspectiva da reconversão e uso de espaços museológicos localizados em edificações históricas. A proposta se utiliza, em parte, de estudos realizados no conjunto arquitetônico e paisagístico do Museu de Astronomia e Ciências Afins- Mast. Tendo em vista que o Mast é o principal exemplo teórico e prático abordado na OFICINA, serão propostas possibilidades de reflexão e experimentação conceitual e prática baseadas em metodologias de pesquisa

e interação multidisciplinar. Os elementos museográficos e as técnicas aplicadas na gestão e conservação dos espaços de edificações consideradas bens patrimoniais serão discutidos com base na apresentação do trabalho de arquitetos e arquitetas, museólogos e museólogas, e demais profissionais envolvidos. A discussão dos métodos de trabalho que geram soluções integradas em processos de intervenção dos espaços expositivos dos museus destacará os seguintes tópicos: Equipes, Pesquisas, Métodos, Recursos Financeiros, Registro Documental, Intervenções e Práticas, Concepção e Desenvolvimento de Projetos, Conservação Curativa/Preventiva e Avaliação de Resultados.

OFICINA - Arquitetura e Museografia: o Museu de Astronomia e Ciências Afins: 20 e 21/09

Responsáveis: Marcos Silvano, Thiago Grabois e Beatriz Temtemples

(GEPARQ)

Diante dos elevados impactos socioambientais que envolvem as atividades do setor construtivo, o emprego de técnicas que utilizam materiais e processos construtivos alternativos é cada vez mais urgente. Em um contexto de resgate de técnicas construtivas vernáculas e atualização do uso de materiais naturais, baseados em fontes renováveis, como é o caso da terra e suas técnicas de construção, propõe-se a Oficina de Canteiro Experimental: Produção de Blocos e Alvenaria em BTC. A partir da exposição da(o) participante às diferentes escalas deste saber construtivo, objetiva-se apresentar desafios e soluções para a materialização de um sistema construtivo, que

tem se apresentado como solução contemporânea para a minimização dos impactos socioambientais na construção. Em particular, destacam-se os seguintes tópicos abordados ao longo da oficina: o reconhecimento da terra como material de construção; noções sobre o comportamento e as propriedades da terra; métodos de estabilização; o processo de confecção do BTC; e os detalhes de execução da alvenaria em BTC. Para além disso, com uma abordagem focada em atividades práticas, realizadas no Canteiro Experimental da FAU UFRJ, a oficina provoca a (re)aproximação de arquiteta(o)s e urbanistas com o ato de construir.

SESSÕES CIENTÍFICAS

sessão 1



QUATRO CONSIDERAÇÕES SOBRE A MÚSICA NA PAISAGEM SONORA URBANA

Lucas Yudi Moriya Sampaio

Doutorando PROARQ

Orientadora: Andrea Rego

Na contemporaneidade, a quase onipresença musical na escuta urbana indica a relevância de se compreender como práticas musicais atravessam a construção da paisagem, principalmente, mas não exclusivamente, em termos sonoros. Entretanto, a recente pesquisa da paisagem sonora do ambiente construído, representada pela norma ISO 12913, aborda práticas musicais de forma generalista. Espelhando a abordagem da ecologia acústica de denominar e quantificar fontes sonoras, esta abordagem busca estabelecer relações causa-consequência entre a produção e percepção de sons, mas se limita a qualificar música como uma fonte sonora única, como se dotada de características universais. Sabe-se, por outro lado, que práticas musicais se apresentam das mais diferentes formas e qualidades para os usuários da cidade, e estes reagem de forma particular a estas configurações. Neste âmbito, a presente pesquisa tem como objetivo estruturar critérios para se avaliar as particularidades das práticas musicais na paisagem sonora urbana e, para tal, se propõe a caracterizar seu objeto de estudo, a música, no contexto urbano. Elencam-se neste texto quatro considerações importantes para esta caracterização. É preciso, primeiramente, se livrar da concepção eurocêntrica de música, que para culturas ocidentais apresenta-se como hegemônica por sua dominância histórica e pela manutenção de seu status quo pela indústria musical e as classes dominantes. O etnomusicólogo Nettl (2010) afirma que a música se manifesta de forma diferente, além de possuir diferentes valores e funções para diferentes culturas. Neste sentido, nem todas as culturas definem música como a organização de sons, e também não se relacionam com ela somente pelo entretenimento ou pelo prazer estético. Tal visão não se limita a tribos remotas, pois determinadas cenas de música urbana podem se relacionar diretamente com a expressão corporal, como a dança do hip hop, ou à comunicação de uma realidade social, como o rap. Estas práticas musicais têm tanto direito de compor a paisagem, ocupar os espaços, quanto a música de concerto, sendo importante compreender quais os valores e funções da música para os atores urbanos e seus rebatimentos na paisagem. Outro ponto é trazido pelo musicólogo Small (1998), que cunhou o verbo *musicating*, em português “musicando”, para afirmar que ao buscar o significado de determinada prática musical,

deve-se focar não na obra, em sua configuração imanente, mas sim nas atividades que a circundam. Somente ao compreender as relações entre pessoas e o ato musical poderia se compreender sua natureza e função. Assim, ao analisar práticas musicais na paisagem, é importante compreender que a atividade musical consiste nas relações traçadas com a performance, podendo esta ser gravada, em termos de realização, escuta, dança, estendendo-se até aqueles que possibilitam a performance ocorrer, como os produtores. Também, o “musicar” não consiste em uma valoração de uma atividade, sendo puramente descritivo, considerando toda atividade passiva e ativa relacionada à atividade musical, independente de julgamento. Para ser experienciada na paisagem sonora, a materialidade sônico-musical é, segundo Born (2013), inerentemente mediada, sempre, mas de formas variadas, experienciada por uma constelação de formas tecnológicas, sonoras, visuais, performativas, corporais, sociais, entre outras. Neste terceiro ponto, a autora estabelece a necessidade de se analisar estas formas de mediação para se compreender o significado de práticas musicais especializadas. Assim, torna-se importante, além de se atentar aos atores envolvidos nas práticas, descrever a forma como a música é mediada entre eles, como por instrumentos musicais, partituras ou alto-falantes. Por último, o contexto tecnológico, cultural e de consumo musical da sociedade ocidental pós-moderna é representado, para Kassabian (2013), pela escuta ubíqua, induzida pela onipresença de (re)produções musicais. Este modo de escuta é reflexo dos inúmeros reprodutores eletroacústicos e a disponibilidade instantânea de música por streaming, e indica novas formas de se relacionar com a prática musical. É necessário, portanto, considerá-lo como intermédio entre a escuta de fundo e atenta, e compreender como as produções e consumo musical se relacionam com esta escuta, além de observar sua influência na experiência cotidiana na paisagem. A partir destas quatro considerações, embasa-se o objeto da presente pesquisa, a música nas cidades.

Palavras-chave: Música, Paisagem Sonora, Escuta, Paisagem Urbana , Etnomusicologia.

Referências bibliográficas

BORN, Georgina (Ed.). Music, sound and space: Transformations of public and private experience. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

KASSABIAN, Anahid. Ubiquitous listening: Affect, attention, and distributed subjectivity. Berkeley: University of California Press, 2013.

NETTL, Bruno. The study of ethnomusicology: Thirty-one issues and concepts. Champaign: University of Illinois Press, 2010.

SMALL, Christopher. Musicking: The meanings of performing and listening. Middletown: Wesleyan University Press, 1998.

CARTOGRAFIAS (DES)INTERROMPIDAS – REFLEXOS DA REINserÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO URBANO CARIOCA (PARTE 1)

Osmar Santos do Nascimento Jr

Graduando FAU/UFRJ

Orientadora: Ethel Santana

A partir da pesquisa guarda-chuva “Cartografias Afetivas: mapeamento da vitalidade urbana no Rio de Janeiro”, apoiada pela FAPERJ e coordenada pela prof. Ethel Pinheiro, a intenção deste estudo é mapear as ambiências afetivas por meio de métodos de abordagem etnográfica, com enfoque nos espaços de convívio públicos. Com a imposição de uma segregação a partir da Pandemia pela COVID-19, deflagrada em 2020, a pesquisa foi desenvolvida de forma diferente da originalmente estabelecida e a completude dos dados só foi atingida em 2022, com o retorno ao convívio social. Neste resumo apresentamos uma primeira parte dos resultados obtidos pelo retorno das pesquisas em formato presencial nas ruas, com a aplicação de metodologias etnotopográficas desenvolvidas pelo LASC/UFRJ – em especial com o uso do “Arquivo Mnemônico do Lugar” (Uglione, 2008) e de croquis etnográficos (Kuschnir, 2007). Na primeira etapa, realizada a distância, a busca pela condensação de diferentes narrativas e o mapeamento dos espaços valorados como “casa valorada” e “lugar valorado”, foram realizados por meio de survey eletrônico e georreferenciamento de dados. Após as etapas de sondagem, o método foi nomeado “Cartografia de Histórias Interrompidas” – uma vez que buscava identificar as perdas, o luto e as dificuldades de sociabilidade no uso do espaço público. O método é baseado na obtenção de narrativas dos informantes em relação aos espaços públicos valorados, conjugando a coleta de imagens, textos e impressões por meio de perguntas direcionadas. Assim, permitiu-se a exploração de dados georreferenciados e as consequentes relações de afeto associadas a tais dados geográficos (saúde, esperança, desprezo, ou medo). Buscava-se descobrir as histórias cidadinas que se interromperam pela pandemia, assim como as impossibilidades de convivência na cidade pandêmica. Descobriu-se, entretanto, que não foram as histórias que se interromperam, mas a própria ideia de cidade, pois, sentimentos de prazer, esperança e alegria foram depositados em espaços públicos mencionados pelos informantes, muitos inacessíveis em 2020. A pesquisa, nesta etapa, conseguiu ancorar dados de 128 informantes do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo, contudo, foram focados os resultados obtidos em bairros do Rio de Janeiro, para facilitar o desenvolvimento completo da pesquisa. A possibilidade de

retornar à análise in situ, em 2022, tornou-se uma premissa para concluí-las de forma adequada, uma vez que os dados obtidos não explicavam, com totalidade, as mudanças ocorridas nos espaços públicos da cidade. Desta forma, os desdobramentos da pesquisa foram impulsionados pelas incursões livres, errantes e baseadas na descoberta da afetividade, segundo a Teoria dos Afetos (ANDERSON, 2006), como forma de evidenciar as respostas dos informantes que ressignificaram as áreas ao redor da casa como “casa valorada”, ou reforçaram o valor do espaço pelos pontos notáveis do Rio de Janeiro, como “lugar valorado”. Foram escolhidos os dez bairros com maior representatividade de respostas, dentre os quais serão abordados na apresentação das sessões científicas: Barra da Tijuca, Bangu, Vila Isabel e Icaraí. Por isso considera-se este resumo uma primeira parte da apresentação das respostas, visto que a segunda parte será apresentada em outro trabalho. Ao adentrar o desenvolvimento do método de croquis etnográficos para entender a nova situação da cidade, cada um dos pesquisadores de Iniciação Científica pôde entender e confrontar as narrativas colocadas por informantes há 2 anos. As narrativas sobre os bairros (agora, revisitados) proporcionaram entendimentos sobre as mudanças na percepção do cotidiano e na visão de espaço habitável que as pessoas tinham, à época. As mudanças de cotidiano foram relatadas pelos participantes a partir de uma perspectiva sensibilizada, de modo que narrar o espaço se tornou algo poético, evidenciando que as sensações se tornaram parte da memória local. Assim, ao retornar aos espaços físicos citados, as narrativas em grande parte se confirmaram, mas, como esperado, algumas mudaram. O uso do espaço público é diferenciado de acordo com as zonas analisadas, e parece mais intenso nos bairros não litorâneos. O que reforça a ideia de que nesses bairros, todas as áreas livres são entendidas como espaço pessoal e assim permitiram a manutenção do cotidiano durante a Pandemia, principalmente pelo crescimento das atividades informais. Acreditamos, assim, que a cidade sobreviveu às necessidades de adaptação por meio de ações humanas de coesão nas periferias, o que justifica todas as “quebras de protocolos sanitários” – basta lembrar que delas emergiram as sensações de maior medo e insegurança, e por meio de individualização nos bairros litorâneos, refor-

çando que o valor da paisagem cultural sobrepuja os dilemas enfrentados.

Palavras-chave: Ambiências, Narrativas, Croquis Etnográficos, Rio de Janeiro.

Referências bibliográficas

ANDERSON, B. Becoming and being hopeful: towards a theory of affect. *Environment and Planning: Society and Space*, volume 24, 2006, pp. 733-752.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

KUSCHNIR, K. *Antropologia da Política*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2007.

UGLIONE, P. *Arquivo Mnemônico do lugar: memória e histórias da cidade*. Tese doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro

CARTOGRAFIAS (DES)INTERROMPIDAS – REFLEXOS DA REINserÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO URBANO CARIOCA (PARTE 2)

Andressa Domingos da Silva

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadora: Ethel Santana

Ao pensar sobre a nova condição cidadina no século XXI, e a necessidade de reformulação de pesquisas aplicadas no campo da arquitetura e urbanismo, uma proposta para a construção de um ‘mosaico de ideias’ sobre o papel da mudança das cidades, que devem ser planejadas e construídas continuamente, mesmo em crise, surgiu. Partindo de estudos que se debruçam sobre o mapeamento afetivo dos lugares e a potencialidade das ambiências na manutenção da vivência inerente à convivialidade urbana, como o LASC/PROARQ/UFRJ tem trabalhado há anos, apresentaremos os resultados de uma pesquisa que propôs a condensação de diferentes narrativas do lugar e a reinterpretação dos espaços valorados como “casa” e “lugar”, desde 2020, chegando à etapa de exploração presencial em 2022. Se em 2020 a Pandemia trouxe a impossibilidade de atuar na pesquisa de forma presencial e exigiu uma reformulação da proposta e de sua metodologia (por meio de survey eletrônico e georreferenciamento pela plataforma VISCONSAGA, como apresentado no 12º. Colóquio do PROARQ), neste momento, o retorno aos espaços físicos apresentados pelos informantes em 2020 permitiu aos pesquisadores confrontar as narrativas definidas para tais espaços, durante o momento de isolamento, e elencar as diferenças de cenário entre a cidade “inventada, idealizada” e a cidade “vívda”, como Lavallo (2005) coloca. O método desenvolvido em 2020 durante a Pandemia pela COVID-19, com o apoio de estudantes de iniciação científica, mestrandos e doutorandos do PROARQ/UFRJ, criou diferentes oportunidades de exploração de pontos georreferenciados relacionados a dados imateriais (como o sofrimento psíquico de quem perdeu a mobilidade na cidade ou perdeu entes queridos, ou mesmo o ganho de ‘esperanças’ e confiança para um futuro das cidades) ou materiais (os lugares físicos em si). Intitulado “Cartografia de Histórias Interrompidas”, o objetivo central do método foi ampliar a abordagem da Metodologia Etnodinâmica, desenvolvida em projetos de pesquisa anteriores pelo LASC/UFRJ. No formulário criado em 2020, algumas perguntas como “Quais mudanças/transformações o isolamento trouxe para sua vida na cidade?”, ou “Existem lugares que ganharam maior importância para você com o isolamento, seja dentro ou fora de casa?” permitiram explorar o cenário sensível, no momento, das grandes cidades

brasileiras, em especial do Rio de Janeiro. É importante mencionar que o formulário foi enviado livremente e teve acesso em mais de 3 estados do Brasil. A partir de depoimentos, coletados pelo survey, conseguiu-se ampliar a circunscrição de narrativas, de modo que os afetos foram direcionados a espaços físicos a partir dessas, sendo estes, em grande parte, saudosos às experiências vividas no espaço público anteriormente ao isolamento promovido pela quarentena. Também foi marcante a força das narrativas de bairros como Bangu, Deodoro e municípios como Tijuca, Campo Grande e Duque de Caxias, onde os informantes reforçavam o papel da “casa valorada”. Foram escolhidos para a etapa presencial os bairros com maior quantidade de menções. Para fins de pesquisa, os bairros foram congregados em zonas, o que permitiu que cada zona fosse explorada de forma proximal pelos pesquisadores de IC, por meio das derivas e croquis etnográficos. Neste trabalho apresentam-se os bairros: Flamengo, Ipanema, Laranjeiras e Centro, sendo estes a segunda parte de bairros visitados e reconhecidos pela pesquisa presencial, realizada a partir de 2022. A primeira parte, com outro conjunto de bairros, será apresentada em outro resumo deste mesmo evento. Para desenvolver a etapa de derivas e errâncias urbanas (BENJAMIN, 1994), foi necessário reconhecer as categorias mais mencionadas para cada um dos bairros/zonas e, assim, enquadrar as escolhas de observação, por meio da realização dos croquis. Neste movimento, uma “antropologia da política” pareceu surgir, pois, ao entender como os atores sociais interagem e atribuem significados às práticas locais, foi possível reverberar sobre o quanto as narrativas produzidas em momento de isolamento eram reais ou fictícias. Por fim, o conjunto de croquis etnográficos desenvolvido conseguiu demonstrar que algumas práticas mudaram, outras se mantiveram, e que a vitalidade do espaço público, designada como “fonte de segurança”, se intensificou nas zonas em que há ausência de espaços de lazer. Essas mesmas zonas/bairros, conhecidas como periféricas, praticamente não enfrentaram o isolamento pela Pandemia, por necessitar da manutenção de tais práticas para o desenvolvimento social e por entender que o território pessoal é na verdade multiterritorial (Haesbaert, 2004). cremos, assim, que o impacto social de novos conceitos voltados para os aspectos sensíveis

indicam, neste momento pós-pandemia, um aumento da importância dos espaços públicos, de diversas formas. Este estudo mostra a importância da qualidade da experiência coletiva no campo social, político e científico das cidades brasileiras, e a certeza de que os espaços livres das cidades são a fonte de resposta para grandes problemas urbanos.

Palavras-chave: Narrativas, Croquis Etnográficos, Ambiências, Rio de Janeiro.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.
- FALABRETTI, E. Desejo, corpo e intencionalidade na fenomenologia/ Phenomenology: desire, body and intentionality. In: Pensando, Revista de Filosofia, v.7, n.14, 2016, pp. 196-211.
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LAVALLE, A. G. As dimensões constitutivas do espaço público: uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. In: Espaço & Ambiente Debates 46. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, 2005, v. 25 n. 46 jan./jul. 2005. pp. 33-44.

LUGARES DE AMNÉSIA: RESGATE DA MEMÓRIA POLÍTICA ATRAVÉS DE NARRATIVAS

Pamela Paris Ávila

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Ethel Santana

Toda cidade é formada por muitas camadas de tempo. No entanto, ainda não é prática absorvida e estruturada a necessidade de planejar adequadamente a preservação de ícones edificados (prédios, marcos patrimoniais ou elementos simbólicos) diante de mudanças sensíveis e constantes na paisagem urbana. As políticas de intervenção, muitas vezes, lidam com essas condicionantes materiais para estabelecer jogos de ação e reparação, que nem sempre logram sucesso para a manutenção da imageabilidade (segundo LYNCH, 1999) de uma cidade. Pensando a cidade e seus ícones edificados como Lugares de Memória, uma vez que permitem o “trabalho da memória” pela ação das ressignificações sobre o que aconteceu ou o que se perdeu, tema abordado por Pierre Nora (1993) em sua obra completa “Lieux de Mémoire” – que propõe outra articulação entre memória, história e nação (LIFSCHITZ, 2016), podemos dizer que se existem os Lugares de Memória, também existem os Lugares de Amnésia (VALENSI, 1995, apud LIFSCHITZ, 2016). Os Lugares de Amnésia são justamente aqueles onde escolhe-se não falar nada. Primeiramente toma-se em consideração que um olhar sobre a cidade contemporânea permite a conclusão de que a mesma é um grande palimpsesto, pois ela oferta dezenas, centenas de anos de sucessão em escritas e apagamentos que ocorrem na malha urbana. O espaço da cidade é um lugar que abriga rastros. Pensando na questão central do conceito de palimpsesto, entende-se que ao condenar o apagamento de espaços da cidade e julgá-los como negativos, também considera-se que todo lugar que não seja considerado um Lugar de Memória, seria então um Lugar de Amnésia. No entanto, alguns apagamentos resultam em cicatrizes muito mais profundas do que uma simples mudança do desenho de uma edificação ou de uma malha urbana, interessando assim a análise de lugares que, de alguma maneira, sofreram um apagamento – e através dos seus reflexos na sociedade onde o passado atua como permanência. Por mais que se queira negar o fato/acontecimento, ele se espreita no presente como lembrança que se irrompeu, construindo uma camada velada, como palimpsesto. O conceito Lugares de Amnésia pode ser usado em espacialidades onde aconteceram, por exemplo, crimes de Estado com tortura e mortes – sendo os mesmos forçosamente obliterados pela sociedade e pelo governo, ou

muitas vezes transformados por usos completamente diferentes, em nome de uma ação de encobrimento ou de rejeição da dor, sofrendo um processo de apagamento. Podemos citar como exemplo o caso do cárcere de Punta Carretas, localizado no Uruguai, que durante a ditadura era um local de tortura e prisão de presos políticos. O governo democrático esvaziou o edifício, realizou uma licitação onde o edifício acabou sendo vendido e transformado em um shopping center, onde suas 384 celas foram transformadas em 170 locais comerciais. (ACHUGAR, 2013 apud LIFSCHITZ 2016). Segundo Verovšek (2016), possuímos uma obsessão com o passado que confirma a avaliação de Friedrich Nietzsche (1985) de que “todos estamos sofrendo de uma febre histórica maligna”. Da mesma forma, Derrida (2001) observa a “urgência universal da memória” e como a importância política dessas disputas excede o passado e levanta pontos sobre o presente e o futuro, de modo preponderante. Devido à complexidade do contexto cultural, histórico, político e socioeconômico de países latino-americanos como Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, é necessário compreender, através de uma visão comprometida com seus espaços e seus territórios, que novos discursos de memória emergem da perspectiva decolonial, sobretudo posteriormente aos processos de redemocratização na segunda metade do século XX. A partir do reconhecimento da importância da retomada salvadora do passado e do registro de relatos construídos a partir das narrativas de memória, podemos resgatar as memórias que ficaram “esquecidas” pelo apagamento e instauração dos Lugares de Amnésia; sendo assim, podemos evidenciar a importância do ‘narrar’ para a construção do sujeito, pois as ruas, casas, mitos, símbolos, paisagens, edificações e lugares construídos, assim como cada pedaço da cidade, contam uma história e têm um significado na memória de quem as vivenciou. Verovšek (2016) coloca que a política da memória está enraizada no passado. Seu efeito comunicativo esperado nesses discursos é motivado por considerações políticas contemporâneas. Em muitos casos, a memória tem efeitos reais de mudar a maneira como atores sociais importantes pensam e reagem às circunstâncias no presente. É possível refletir sobre narrativa e memória para conseguir a interpretação do espaço que, mesmo após sofrer um apagamento, pode ser reconstruí-

do através das narrativas de memórias especializadas dos indivíduos, pois o ato de lembrar é uma experiência de ressignificação, reconhecimento e recriação dos lugares e de si mesmo. Nessas narrativas resgatadas dos indivíduos, em que o passado se faz presente de forma transfigurada por meio de lembranças encobridoras, a história é reinterpretada e traduzida em linguagem arquitetônica consubstanciada.

Palavras-chave: Memória, Lugares de Amnésia, Memória urbana, Ditadura, Narrativas.

Referências bibliográficas

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma Impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume, 2001.

LIFSCHITZ, Javier A. (2016) Em torno da memória política. *Revista Morpheus*.

Estudos Interdisciplinares em Memória Social, v. 9, n. 15, p. 67-84.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. 1ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1999

MOITA LOPES, L. P. e PINTO, Joana Plaza. (2020) Colocando em perspectiva as práticas discursivas de resistência em nossas democracias contemporâneas: uma introdução. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, p. 1590-1612, 2020. In: MOITA LOPES, L. P. ; PINTO, J. P. (Orgs.) *Dossiê Resistência em práticas discursivas de contestação em democracias frágeis*. *Trabalhos de Linguística Aplicada* . UNICAMP. v. 59, pp.1590 - 2070.

VERSOVSEK, Peter J. (2016) Collective memory, politics, and the influence of the past: the politics of memory as a research paradigm. *Journal Politics, Groups and Identities*, 4: 3, 529-543.

NORA, P. *Les Lieux de Mémoires*. Gallimard: Paris, 1997.

A LINHA ENTRE DUAS CIDADES: QUAIS SÃO AS POSSIBILIDADES EDUCADORAS DAS AMBIÊNCIAS DA FAVELA?

Felipe de Oliveira Barros Lima

Mestrando PROARQ

Orientadora: Ethel Santana

Dentre os desafios da contemporaneidade se destacam os dilemas da urbe contemporânea, resultado das vivências possíveis do homem pós-moderno e dos modos de se pensar cidade efetivamente praticados em seus diferentes níveis de territorialidade, em todas as suas heterotopias. Ao analisar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS da ONU, é possível notar uma grande recorrência de assuntos relacionados a um ideal de desenvolvimento humano nas cidades através de educação, saúde e outros aspectos da sustentabilidade. Nesse sentido, A Carta das Cidades Educadoras (revisada em 2020) estabelece metas e diretrizes que definem o que configura uma cidade educadora e qual o seu propósito. Tal carta afirma, a respeito das cidades, que “o desenvolvimento dos seus habitantes não podia ser deixado ao acaso” e propõe o aproveitamento das oportunidades educativas que cada urbe oferece para o desenvolvimento pessoal ao longo da vida de seus cidadãos. De igual modo, a noção de Empatia Espacial, conceito trabalhado por Cristiane Duarte e Ethel Pinheiro (2015), demonstra que quanto maior a atração relacional entre espaço e pessoa, maior a possibilidade de apropriações culturais e sociais. Contudo, em seu texto “Para que serve a cidade?”, o Professor Luiz Antonio Baptista (2021) alerta para os limites de uma visão universalizante de cidade, dos grandes planos urbanos, do traço preciso e supostamente inequívoco dos seus administradores. Ao comentar um trecho de Walter Benjamin, o professor afirma que “A urbe oferece uma tensão insolúvel, ensejada pela ‘máquina humana viva, a mecânica da vida concreta’, da qual sóbrias ideias, projetos são produzidos, testados e destruídos infinitamente” (Ibid., p.13). Igualmente, lançando olhares sobre a complexidade urbana, no artigo de Elisa Vieira e Julio Aquino (2015) vemos a proposta de que o projeto de cidade também pode ser relacionado a um “projeto de cidadão”. Referenciando a teoria foucaultiana, os autores Vieira e Aquino propõem que “a cada momento em que a cidade se reinventa, forja-se um novo cidadão” (Idem, Ibid., p.314) tendo em vista os processos de subjetivação que ocorrem. Tendo em vista esse panorama, proponho em meu projeto de pesquisa de mestrado a análise da condição atual da comunidade do Salgueiro, na cidade de São Gonçalo - RJ, frente à sua exclusão socioespacial. Busca-se, através deste recorte, refletir sobre os

aspectos topológicos que se enunciam como facilitadores ou desafios para se alcançar uma dinâmica urbano-educativa em territórios tão opostos ao vendável urbanismo global. Para investigar essas relações, a pesquisa foi realizada através de observação participante e conversas não estruturadas com moradores locais, que ocorreram no período de janeiro de 2021 até agosto do mesmo ano. O recorte escolhido foi definido fazendo o trajeto do centro comercial do Salgueiro até o Conjunto da Marinha no bairro Palmeiras nas manhãs de terça, quinta e sábado. Durante a pesquisa foi possível notar a presença de marcos importantes na paisagem que também foram referenciados no trabalho de Robson da Silva (2013) como o CIEP, o antigo DPO (que foi destruído durante operação policial no período da pesquisa) e a estrada da Comperj. Percebi que novas divisões territoriais se anunciam à medida que começamos a conhecer o local. A estrada abandonada pela Petrobrás em 2013 hoje funciona como mais um limite que separa o bairro Salgueiro das regiões mais empobrecidas do Complexo, a mesma é hoje usada como rota logística do narcotráfico. Também foi encontrada uma diferença no discurso de moradores do salgueiro que se consideram socialmente distintos de quem habita o antigo Conjunto da Marinha, que por sua vez se consideram menos desafortunados que os residentes do abandonado Conjunto da PM (localizado na porção mais interior do complexo). A pesquisa ainda está em curso, mas mostrou-se necessário perceber as diferenciações socioespaciais entre as micro territorialidades presentes no Grande Salgueiro, além das complexas relações entre os moradores de diferentes áreas do complexo. Somente a partir daí é possível propor uma cidade educadora na favela, sem ignorar suas particularidades e vetores que excedem os esforços reguladores dos planos municipais de intervenção.

Palavras-chave: Ambiências educadoras, territorialidade, Covid-19, território educativo.

Referências bibliográficas

VIEIRA, Elisa; AQUINO, Julio Groppa. Sobre a pedagogização da experiência urbana: o projeto da cidade educadora. *Educação Unisinos*, v.19, n.3, p. 313-324. setembro/dezembro de 2015.

BAPTISTA, Luis Antonio. Para que serve a cidade? *Desmanche*, n.02, p.2-15, agosto de 2021.

DUARTE, Cristiane Rose e PINHEIRO, Ethel. A Empatia Espacial e Sua Implicação nas Ambiências Urbanas. In: *Revista PROJETAR*, out. 2015, pp. 70-76. Disponível em: <<https://lasc.fau.ufrj.br/public/upload/2019-11-04/cf578bde7c01b4f25d9457eddacafc85.pdf>> Acesso em: 02 de setembro de 2022.

DA SILVA, Robson Campaneruti. "Saindo da calçada": mapeamento das redes sociais de lideranças femininas do bairro do Salgueiro, em São Gonçalo/RJ. Dissertação (mestrado em antropologia social) - Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Niterói, 2013.

AMBIÊNCIAS E DISTOPIA PELOS ESCOMBROS DA CIDADE DE PETRÓPOLIS

Rafael Ferreira de Souza

Doutorando PROARQ

Orientadora: Ethel Santana

No início do ano de 2022, chuvas torrenciais assolaram a cidade de Petrópolis-RJ. Com níveis pluviométricos nunca antes registrados, a cidade foi abalada de maneira contundente, com deslizamentos que causaram destruição por todo o município. O cenário distópico que foi registrado após os desastres, remeteu a imagens de cidades fictícias, um panorama desolador para seus cidadãos. A cidade que frequentemente é vendida com uma imagem patrimonial, devido ao seu conjunto arquitetônico bem preservado do centro histórico, foi revirada ao avesso e com isso a sua imagem real, estampada em sua concretude arquitetônica complexa, revelou um cenário de ruínas, com escalas comparadas as destruições causadas por terremotos e outros desastres ambientais de grande monta. Essas novas imagens de ruínas trouxe ao público uma realidade de cicatrizes, que há muito cortam as ruas e espaços urbanos de Petrópolis. A cidade que já teve uma pujança industrial no século XX há muito vêm tentando obliterar de sua imagem as indústrias abandonadas que geram um impacto de concussão densa em sua paisagem urbana. Não somente as indústrias obsoletas, como também áreas desocupadas por desastres ambientais (como a localidade fantasma de Lagoinha), apontam para a real paisagem híbrida que é constituída a cidade, longe da imagem estéril e pasteurizada que se vende, na intenção de fortificar a atividade turística que se tornou nas últimas décadas a força motriz do município. Nesse contexto, a pesquisa que venho desenvolvendo ganhou contornos mais aguçados. As catástrofes recentes ampliaram o espectro de análise já engendrado sobre as ambiências dos espaços aruinados do município. Desta vez a cidade oculta se elevou a superfície, revelando camadas obtusas, que são frequentemente sufocadas na indução da imagem coesa de Petrópolis. Nesta fase do estudo pude realizar ações de campo nas novas ruínas da cidade, infiltrando nos escombros e ambientes distópicos da arquitetura contorcida que conforma esse tipo de espaço. Com um método fenomenológico de abordagem, onde o corpo e a percepção multissensorial permitem uma nova contextualização das ruínas, o intento da pesquisa parece ter ganhado força. Esse intento vem se ancorando num esforço de destacar a análise de arquiteturas em ruínas de teorias que na maioria das vezes se situa no debate dualista entre os princípios

de restauro e conservação apontados por Viollet-Le-Duc (2000) e as ideias de imanência das arquiteturas em ruínas conduzidas por Ruskin (1849). Ao meu entendimento, as arquiteturas em ruínas necessitam de um debate ampliado onde a ruinologia, ou seja, o campo de estudos das ruínas precisa transitar pelas reflexões contemporâneas da cultura das ruínas. Essa cultura estaria abalando os princípios estanques de reflexões patrimoniais, com certo distanciamento analítico, muito baseado em obras artísticas e textos arraigados numa representação nostálgica das ruínas. Com as características inerentes dos espaços urbano-arquitetônicos da cidade do século XXI, a escala de arruinação catapultou um novo entendimento dos ambientes fantasmagóricos contidos de modo indelével na urbe contemporânea. Concomitantemente, a aceleração do modus vivendi da sociedade capitalista, cada vez mais midiaticizada e acachapada com a profusão irreal da hipermídia (FELICE, 2009), catalisou imagens impactantes de arquiteturas em ruínas, completamente distintas da efusiva nostalgia relatada principalmente no período do Romantismo inglês. Num contexto de dispositivos digitais, as câmeras com suas lentes ópticas, revelaram um cenário explosivo de ruínas ao redor do globo. Um dos grandes responsáveis por essa profusão imagética é o movimento de exploração urbana Urbex (sigla em inglês para urban explorer). Nele, distintos atores interessados em registrar e se infiltrar em ruínas, vêm publicando a real imagem da cidade através de suas redes sociais (GARRET, 2011). Com um método, que se diferencia totalmente de uma análise historiográfica das ruínas, os urbexers, expõem camadas ocultas das cidades, uma espécie de arqueologia multitemporal ancorada na experiência vivida da arquitetura como plataforma para análise de seus destroços arquiteturais. Logo, é nesse contexto que se insere a minha pesquisa investigativa das arquiteturas em ruínas de Petrópolis. Pretendendo desse modo, contribuir para um alargamento no campo de estudos das ruínas, através da experiência pelos escombros da cidade.

Palavras-chave: Arquitetura, Ruína, Cidade, Fenomenologia, Distopia.


Referências bibliográficas

FELICE, Máximo di. Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

GARRET, Bradley L. Assaying history: creating temporal junctions through urban exploration. In: Environment and Planning D: Society and Space, volume 29, 2011, p.1048-1067.

RUSKIN, John. The seven lamps of architecture. New York: Ed. John Wiley, 1849.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. Restauração. Série Artes & Ofícios. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.



SESSÕES CIENTÍFICAS

sessão 2

DESAFIOS DE SISTEMAS FOTOVOLTAICOS INTEGRADOS CONSIDERANDO O CONTEXTO BRASILEIRO

Anna Carolina Peres Suzano e Silva

Doutoranda PROARQ

Orientador: Marcos Silvano

Este artigo se engloba em uma tese em desenvolvimento que visa compreender os possíveis impactos dos sistemas fotovoltaicos no conforto térmico dos usuários na escala da edificação e das ilhas de calor urbanas. O objetivo é a investigação de diferentes tecnologias fotovoltaicas – silício amorfo e filmes fotovoltaicos orgânicos (OPV) – e formas de integração na arquitetura. Para tal, um dos capítulos iniciais é dedicado à criação deste repertório, além da apresentação de estudos de caso para compreensão da aplicabilidade em condições reais. Este trabalho traz uma das referências investigadas, apresentando os desafios da integração de sistemas fotovoltaicos em um edifício brasileiro. O projeto da sede da TOTVS, uma empresa de tecnologia baseada em São Paulo, foi realizado visando a sustentabilidade e diminuição dos seus impactos ambientais. Algumas das medidas adotadas foram um telhado verde de 5.300 m² e um sistema de reaproveitamento de água de chuva capaz de abastecer até 80% da demanda predial (ArqBrasil, 2017). Fatores como a inovação na integração de sistemas fotovoltaicos e a disponibilidade de informações, facilitando a compreensão do projeto, contribuíram para a escolha deste estudo de caso. Uma das maiores inovações da edificação está na sua envoltória, onde filmes fotovoltaicos orgânicos foram integrados aos vidros no andar da diretoria (SUNEW, 2022), um dos mais altos da edificação e, conseqüentemente, menos propenso ao sombreamento do entorno. O OPV foi instalado nas duas fachadas principais da Sede, voltadas para a rua, que possuem com azimutes 287° e 325°. Considerando a orientação e a altura da instalação do OPV investigados pela carta solar, é possível afirmar uma alta disponibilidade de radiação solar.

Além da integração de filmes fotovoltaicos orgânicos em formato de rolo convencional, a edificação também se destaca pela utilização do OPV na logo da empresa. Tal resultado só é possível visto que o OPV é uma tecnologia fotovoltaica produzida por meio de impressão, podendo então ter qualquer formato desejado pelo cliente. No caso da Sede da TOTVS, a adoção da logomarca na edificação explora também a Lei Cidade Limpa (São Paulo (SP), 2006), que regula a comunicação visual das edificações de São Paulo. Segundo esta lei, “(...) logotipos incorporados à fachada dos imóveis por meio de aberturas ou gravados nas paredes, sem aplicação ou

afixação (...)” (São Paulo (SP), 2006) não possuem área máxima, dando maior liberdade à Sede para colocar sua logomarca. O sistema construtivo do vidro da Sede da TOTVS foi o primeiro do seu tipo no mundo (SUNEW, 2022). Ao invés de utilizar a instalação tradicional do OPV, que é a fixação no vidro por meio de fitas, a tecnologia fotovoltaica é integrada em vidros laminados. Este produto é produzido no Brasil em parceria da SUNEW com a Unividros, fabricantes do OPV e do vidro respectivamente, sendo chamado de OPVGlass (UniVidros, 2022). As camadas do OPVGlass são: vidro; interlayer como por exemplo o EVA, PVB (polivinil butiral) ou Sentryglas; filmes fotovoltaicos orgânicos; interlayer; e vidro. É importante destacar que apesar do OPVGlass ser um sistema construtivo utilizado em projetos em escala nacional, a integração dos filmes fotovoltaicos orgânicos é realizada diretamente nos vidros. Há algumas limitações e consequências com a escolha da utilização do OPV na Sede da TOTVS. Principalmente levando em consideração a forma de utilização dos filmes fotovoltaicos orgânicos, em pequenas “listras” horizontais com transparência diferente das áreas de vidro adjacentes. Estes fatores apresentam um considerável impacto no conforto visual dos ambientes internos devido à possibilidade da falta de homogeneidade na iluminação dos cômodos e na redução da integração visual entre o interior e o exterior.

Sendo assim, é recomendável a utilização de outras tecnologias que apresentem: cores homogêneas na célula; que preencham a totalidade do vidro ou apresentem uma transparência semelhante às áreas adjacentes. Alternativas seriam as tecnologias com silício amorfo ou CIGS. Como resultado, espera-se a obtenção de ambientes internos com maior qualidade de iluminação. Contudo, pela perspectiva do conforto térmico, segundo o fabricante, o OPV consegue realizar um trabalho adequado (SUNEW, 2022), apresentando vantagens principalmente considerando a orientação da edificação. Além disso, há a geração de energia que, apesar de não ocorrer em toda a fachada, contribui para tornar o edifício mais eficiente.

Palavras-chave: Sistemas fotovoltaicos integrados, BIPV, energia solar,

conforto ambiental, eficiência energética.

Referências bibliográficas

Prefeitura de São Paulo. Lei Cidade Limpa. São Paulo: 2006.

SUNEW. SUNEW - Case TOTVS. Disponível em: <https://sunew.com.br/case/totvs-instalacao-de-opv-na-fachada/>. Acesso em: 03/08/2022.

UniVidros. OPVGlass. Disponível em: <http://www.unividros.com.br/34/engenharia/vidros-laminados-com-opv/>. Acesso em: 03/08/2022.

AVALIAÇÃO AMBIENTAL DE PAINÉIS MODULARES AUTOPORTANTES APLICADOS EM EDIFICAÇÕES HOSPITALARES EMERGENCIAIS

Stefani Raiane Martins de Paula

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadores: Thiago Grabois e Lucas Caldas

Introdução: O setor da construção civil é responsável por 30% das emissões totais anuais de Gases de Efeito Estufa, que são responsáveis pelas mudanças climáticas (MAO et al., 2013). A adoção de sistemas construtivos modulares pré-fabricados é uma resposta para mitigação destes impactos, além de contribuir para a minimização de resíduos e otimização dos processos construtivos (HU et al., 2019). Durante a pandemia da COVID-19 foram construídos hospitais de campanha com sistemas construtivos modulares devido a rápida execução (ANDRADE et al., 2021). Estas edificações precisam ser climatizadas constantemente e é necessário uma especificação do sistema de vedações, principalmente em termos de capacidade de isolamento térmico. O presente estudo abordou o Centro Hospitalar INI-Fiocruz como estudo de caso. Localizado em Mangueiras, foi executado com sistema construtivo em painéis autoportantes de 10 cm de espessura, com núcleo de Poliisocianurato (PIR) revestido com chapas de aço. As divisórias e o forro também são em painéis PIR, com 5 cm de espessura, e cobertura em isotelhas em PIR de 5 cm. OBJETIVOS Avaliar o impacto ambiental, em termos de emissões de CO₂eq, do sistema de vedação modular em Poliisocianurato (PIR), adotado no Centro Hospitalar INI-Fiocruz, comparando-o com opções disponibilizadas em EPS e Lã de Rocha (LDR). Metodologia:

A Avaliação do Ciclo de Vida (ACV) foi utilizada a fim de identificar impactos ambientais relacionados ao ciclo de vida dos materiais, em uma abordagem do berço ao túmulo, que considera da etapa de produção até o descarte de resíduos de demolição (EDWARDS et al, 2013). O banco de dados utilizado foi o Ecoinvent v. 3.6. As etapas consideradas durante o ciclo de vida da edificação foram produção, transporte e fim de vida em aterro sanitário. As etapas de uso foram desconsideradas devido aos painéis não requererem atividades de manutenção e substituição durante o período de uso. A unidade funcional considerada foi 1 m² de painel autoportante, com núcleo isolante revestido com chapa de aço de 0,65mm de espessura e com resistência térmica de aproximadamente 0,20 w/m.K. Deste modo, foram comparados: painel de PIR com 10 cm de espessura (aplicado no caso real do INI-Fiocruz) e 15,28 kg; painel de EPS com 15 cm de espessura e 12 kg; e painel de LDR com 0,20 cm de espessura e 34 kg. As etapas

de produção e transporte foram consideradas na indústria Isoeste, localizada em Cambuí (MG), a aproximadamente 500 km de distância do Centro Hospitalar INI-Fiocruz. Os resíduos gerados foram descartados em aterro sanitário a um raio de 45 km de distância do local de montagem após o fim do ciclo de vida (60 anos) avaliado. Nesta etapa, a densidade influenciou os resultados encontrados, devido ao consumo de combustível. O tratamento dos resíduos foi desconsiderado devido a falta de informações no banco de dados. Resultados: De maneira geral, a ACV indicou que a etapa de produção foi a de maior potencial de impacto com base nas emissões de CO₂eq, independente do tipo de painel isolante analisado, seguida do descarte de resíduos em aterro sanitário e do transporte do produto até o local da obra. Ao confrontar os resultados dos diferentes painéis, observou-se que durante a etapa de produção, dos isolantes EPS apresentou menor potencial de impacto, com 8,64 kg CO₂eq/m², seguido da LDR com 29,19 kg CO₂eq/m², do PIR com 32,88 kg CO₂eq/m² e a chapa de aço 20,72 kg CO₂eq/m². Durante o processo de descarte em aterro sanitário sem tratamento, os valores encontrados para EPS, PIR, LDR e aço foram 1,71, 4,83, 22,65 e 9,71 kg CO₂eq/m², respectivamente. Os resultados encontrados para as etapas de transporte foram proporcionais à densidade de cada painel. Com isso, o painel com EPS, mais leve, apresentou menor potencial de impacto, em contraponto ao painel de LDR (mais denso), que apresentou as maiores taxas de emissão (2,76 kg CO₂eq/m²). O transporte dos painéis de PIR foi responsável por 1,24 kg CO₂eq/m². Conclusões: Visando cenários futuros de construções emergenciais, os dados resultantes desta análise são valiosos para estabelecer diretrizes projetuais. Em síntese, a utilização de painéis autoportantes, descartando a necessidade de mais elementos estruturais apresenta-se como uma alternativa ecológica, devido à diminuição dos componentes construtivos. Para os fechamentos e divisórias, o uso de EPS apresentou menor potencial de impacto ambiental - considerando as etapas de produção, transporte e fim de vida -, em comparação à LDR e ao PIR.

Palavras-chave: Mudanças Climáticas, ACV, Construções emergenciais, Sistema autoportante, Painéis de isolamento térmico

Referências bibliográficas

ANDRADE, D. P.; ROSÁRIO, R. A. R. D; FERNANDES, R. B. Arquitetura emergencial: Considerações sobre respostas projetuais à pandemia da Covid-19. *Revista Projetar, Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 6, n.2, p. 128-140. 2021.

EDWARDS, B. O guia básico para a sustentabilidade. 2ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.

HU, X; CHONG, H.; WANG, X. Sustainability perceptions of off-site manufacturing stakeholders in Australia. *Journal of Cleaner Production*, v. 227, p. 346-354, 2019.

MAO, C.; SHEN, Q.; SHEN, L.; TANG, L. Comparative study of greenhouse gas emissions between off-site prefabrication and conventional construction methods: Two case studies of residential projects. *Energy and Buildings* -

Elsevier, v. 66, p. 165-176, 2013.

ADOÇÃO DO BIM NO ENSINO DE CONFORTO AMBIENTAL: ESTUDOS DE CASO

Camila Cunha de Souza

Mestranda PROARQ

Allana Rocha de Almeida

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadora: Mônica Salgado

A modelagem da informação da construção BIM, propiciada pela interoperabilidade entre softwares que permitem a parametrização de dados, viabiliza a realização de simulações antecipando a avaliação de desempenho para etapas iniciais do projeto. Jernigan (2017) define BIM como um ecossistema de aplicativos e processos relacionados que permitem que as informações sejam compartilhadas e utilizadas durante todo o ciclo de vida de um edifício. Leal e Salgado (2019) apontam a simulação do modelo como o principal uso BIM para inserção em disciplinas de Conforto Ambiental na graduação. O uso de simulações em sala de aula possibilita o melhor entendimento do aluno sobre os aspectos de desempenho ambiental e condiciona o futuro profissional a desenvolver projetos mais convenientes em relação aos conceitos da arquitetura bioclimática. (ROSA et al, 2018). Desta forma, este trabalho tem o objetivo de apresentar as experiências didáticas que adotaram o processo BIM no ensino de conforto ambiental. Para tanto realizou-se a análise bibliométrica nos anais de dois eventos da ANTAC: o ENEBIM 2018-19-21 e o ENCAC 2019-21, usando as palavras-chave Conforto, Ensino e BIM. A busca nos anais do ENEBIM resultou em 4 artigos que apresentam experiências didáticas: Integração de multi-desempenhos em projeto: aplicação de abordagem construtivista de apoio à decisão em experiência didática – LIMA e RUSCHEL 2018 UFPR; O estudo dos materiais de construção e sua sistematização em ferramenta BIM para integração às disciplinas de projeto de arquitetura do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRRJ – ARAUJO e RIBEIRO 2018 e O planejamento do ensino de BIM na disciplina de Informática Aplicada à Arquitetura II do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRRJ – ARAUJO et al 2019, ambos da UFRRJ; VDC/BIM na matriz curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo-Facens – BARROS e BRÍGITTE 2021 Facens. Os dois artigos da UFRRJ tratam da inserção do BIM na grade curricular a partir da disciplina Informática Aplicada à Arquitetura: o primeiro é um relato de experiência utilizando a modelagem de projetos visando o emprego dos modelos e componentes em abordagens de tec-

nologia da construção e simulações para conforto. O segundo detalha o planejamento a longo prazo porque a intenção é replicar a experiência em outras disciplinas. Os outros artigos tratam da inserção do VDC (Virtual Design Construction) e BIM na matriz curricular a fim de auxiliar, entre outros aspectos, na concepção e simulação do projeto; e da modelagem visando a análise de multi-desempenhos.

Nos anais do ENCAC 2021, 3 artigos identificados tratam de ensino: A utilização de ferramentas digitais no ensino de conforto ambiental: experiências didáticas no contexto de ensino remoto – ANTONIO et al, IAU-USP; Ensino e a prática do conforto ambiental aplicado ao projeto de arquitetura em Palmas – Rodvalho et al, UFT; Ensino de simulação termoenergética em edificações: um estudo de caso com estudantes de arquitetura – SOUZA et al UFSC. Não foram encontrados artigos relacionados nos anais do ENCAC 2019. O emprego de ferramentas digitais não deve ficar restrito ao contexto de aulas remotas. As experiências demonstraram que seu uso garante maior pluralidade de respostas, estimula a criatividade e o pensamento crítico. A análise dos artigos publicados no ENEBIM leva a crer que a experiência da UFRRJ teve continuidade, na medida que o texto apresentado em 2019 menciona os desdobramentos da proposta compartilhada em 2018. Ações que promovam a integração entre disciplinas, associadas ao uso de softwares de modelagem e simulação computacional, permitem aos estudantes melhor entendimento dos conceitos de conforto ambiental. Este aspecto também se reflete na prática profissional, com tendência à valorização das soluções de conforto ambiental desde a etapa inicial do projeto, tal como evidenciado no trabalho da UFT. Os trabalhos realizados também indicam a importância da continuidade das experiências visando a produção de banco de modelos-base, a elaboração de projetos complementares e a construção de biblioteca de componentes. O treinamento de professores e disponibilização de tutoriais para facilitar o uso dos softwares é estimulado de forma a preparar o aluno para ser um profissional capacitado. As experiências didáticas apresentadas reforçam a realização das atividades em grupos, de forma que a colaboração entre alunos e a integração entre disciplinas seja estimulada, sendo esses aspectos que fundamentam o pro-

cesso BIM.

Palavras-chave: BIM, Ensino de Arquitetura, Simulações Computacionais, Conforto Ambiental, Tecnologias digitais.

Referências bibliográficas

JERNIGAN F 2017 Big BIM 4.0: Ecosystems for a Connected World. Editor 4site Press. UK, 444p.

LEAL, B. M. F.; SALGADO, M. S. Propostas de incorporação de BIM no curso de Arquitetura e Urbanismo. PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção, v. 10, p. e019025, Campinas, SP 2019.

ROSA, A. H. da; PEREIRA, A. T. C.; PEREIRA, F. O. R. Aproximando o ensi-

no de conforto térmico às ferramentas BIM através de recursos de aprendizagem. 2018. Disponível em: <https://eventos.antac.org.br/index.php/entac/article/view/1750>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MADEIRA LAMINADA CRUZADA: UMA SOLUÇÃO DE BAIXO CARBONO? AVALIAÇÃO DO CLICO DE VIDA (ACV) CONSIDERANDO DIFERENTES ZONAS BIOCLIMÁTICAS BRASILEIRAS

Ana Beatriz Lima Joazeiro Cardão

Graduanda FAU/UFRJ

Orientador: Lucas Caldas

A madeira engenheirada tem ganhado grande destaque recentemente no setor da construção civil, principalmente por credenciais ambientais, como o fato de ser um material renovável e com potencial de estocar CO₂. Dentre os produtos de madeira engenheirada existentes no mercado a madeira laminada cruzada, do inglês Cross Laminated Timber (CLT) tem se sobressaído, já que pode ser aplicada principalmente como elemento de vedação ou até mesmo com função estrutural. Pelo fato de ser um material massivo, pode contribuir significativamente com o sequestro e estoque de CO₂, quando utilizado em edificações. A presente pesquisa buscou avaliar o potencial da CLT como uma solução de baixo carbono quando aplicada como elementos de vedação vertical em habitações, considerando o contexto do Brasil. Foi avaliado um estudo de caso de projeto de habitação unifamiliar localizado em diferentes zonas bioclimáticas (ZB) brasileiras: Curitiba (ZB1), São Paulo (ZB3) e Belém (ZB8), considerando algumas especificações de projeto, denominadas de configuração 1 (espessura de 26,45 cm), configuração 2 (espessura 15,45 cm) e configuração 3 (espessura 19,45 cm). Foi utilizada a metodologia de Avaliação do Ciclo de Vida (ACV) com um escopo do berço ao túmulo e simulação computacional termoenergética para quantificar o gasto energético para a climatização artificial das habitações nas diferentes ZB e configurações construtivas. Para o cálculo do carbono biogênico foi empregado o método GWPbio e considerados diferentes fins de vida da CLT. Os resultados mostraram que a CLT aplicada em habitações têm o potencial de ser uma solução de baixo carbono, mas varia dependendo da zona bioclimática onde a habitação está localizada. A maior parte da emissão de carbono se deu devido à operação da edificação (considerando uma vida útil de 50 anos), principalmente para a cidade com temperaturas elevadas em todo o ano, Belém, cuja melhor configuração foi a 2, de menor espessura, ela se apresenta mais benéfica principalmente pelo menor consumo de energia desta opção. Para Curitiba e São Paulo, cidades de

clima mais frio, a configuração 1 foi a melhor, de maior espessura, pois ela possibilita um maior isolamento térmico, além de ter em sua composição uma maior quantidade de CLT, consequentemente possibilitando um maior estoque de CO₂. Portanto, a pesquisa contribui por apresentar diferentes fatores que influenciam no ciclo de vida da CLT, sendo, portanto, um estudo que auxiliará projetistas e os demais atores interessados no emprego da CLT como um elemento construtivo que possibilite o aumento da eficiência energética e redução de carbono.

Palavras-chave: Madeira engenheirada, CLT, CO₂, Carbono biogênico, Fim de vida.

Referências bibliográficas

COLTRO, L. & MOURAD, ANNA & GARCIA, ELOÍSA & QUEIROZ, G.C. & GATTI, JOZETI & JAIME, SANDRA. (2007). Avaliação do Ciclo de Vida como Instrumento de Gestão. CETEA/ITAL.

NUNES, G. et al. Thermo-energetic performance of wooden dwellings : benefits of cross-laminated timber in Brazilian climates. J. Build. Eng. (2020)

MACIEL, Marco Aurélio Diniz Levantamento de Inventário de Emissões de Gases de Efeito Estufa em Obra da Indústria da Construção Civil em Maringá/PR. Marco Aurélio Diniz Maciel Maringá-Pr. Unicesumar, 2016. 97p.

OLIVEIRA, G. L. Cross Laminated Timber (CLT) no Brasil: processo construtivo e desempenho / Gabriela Lotufo Oliveira; orientadora Fabiana Lopes de Oliveira. - São Paulo, 2018. 192 p.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA SUSTENTABILIDADE NO DESIGN DE INTERIORES: VISÃO DOS PROFISSIONAIS

Alexandre Effori de Mello

Mestrando PROARQ

Orientadora: Sylvia Rola

A pesquisa aqui apresentada se encontra em elaboração no âmbito do curso de mestrado acadêmico do PROARQ, sob orientação da Profa. Dra. Sylvia Meimaridou Rola. O objetivo principal desse trabalho é compreender a representação social que os designers de interiores têm da sustentabilidade na sua área de atuação, hoje no Brasil. Em sintonia com a conhecida definição de desenvolvimento sustentável apresentada em 1987 pelo Relatório Brundtland, o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado foi inscrito na Constituição do Brasil, assim como o dever de preservá-lo para as presentes e futuras gerações (NINO; DOS ANJOS; ESTRADA, 2022). Para possibilitar essa evolução na qualidade de vida, é imprescindível envolver os diferentes atores sociais numa participação pública ativa, sondando suas opiniões e sensibilidades em relação ao desenvolvimento sustentável, além de incluí-los na tomada de decisões segundo uma lógica participativa (SÁNCHEZ; ARROZ; GABRIEL, 2021). As representações sociais podem ser definidas como uma modalidade de conhecimento elaborada e partilhada socialmente, reconstruída ativamente pelo sujeito, e capaz de desempenhar funções essenciais na elaboração e comunicação da realidade, forjando a sociedade e a identidade de cada um dos seus integrantes. Produto da interação, as representações sociais tentam explicar o mundo e os objetos sociais segundo o que uma comunidade partilha sobre eles (SÁNCHEZ; ARROZ; GABRIEL, 2021). Metodologicamente, esta pesquisa segue a abordagem qualitativa e quantitativa, baseada em lógica indutiva e epistemologia interpretativista, à exemplo do trabalho de Franklin Frogeri et al. (2021) e de muitos outros, disponíveis na literatura sobre representações sociais. Da mesma forma que no estudo elaborado por Joia e Vieira (2021), o presente trabalho se utiliza de revisão de literatura e pesquisa empírica para a obtenção das informações necessárias à sua realização. A etapa empírica envolve a coleta de dados através da técnica de evocação de palavras, utilizando formulário eletrônico. Os dados coletados serão tratados por meio da técnica do quadrante de 4 casas, proposta por Jean-Claude Abric e operacionalizada por Pierre Vergès (JOIA; VIEIRA, 2021). Essa técnica cruza as frequências das evocações (de natureza quantitativa) com as ordens das evocações (de natureza qualitativa) (FRANKLIN FROGERI et al.,

2021). Para o tratamento dos dados, será utilizado o software openEVOC, versão 0.84. Segundo Franklin Frogeri et al. (2021), esse é o software que melhor se adequa à análise da representação social, pois aplica o quadrante de Vergès por default. Esse software realiza cálculos estatísticos e constrói matrizes de co-ocorrências, que são a base para o quadrante de quatro casas de Vergès. O resultado é o agrupamento das palavras em categorias e sua distribuição nas quatro casas (FRANKLIN FROGERI et al., 2021). Ainda com base na estrutura adotada por Franklin Frogeri et al. (2021), os respondentes serão solicitados a completar frases, que serão analisadas pela técnica de análise lexical. Essa análise também será feita utilizando-se um software, neste caso o Iramuteq. Esse software aplica às frases coletadas as análises de nuvem de palavras e similaridade. A primeira é a forma de análise lexical mais simples, porém bastante informativa; e a segunda possibilita a apresentação da estrutura de conectividade entre as palavras que formam os textos das frases (FRANKLIN FROGERI et al., 2021). Espera-se, como resultado dos procedimentos acima descritos, caracterizar a representação social da sustentabilidade pelos designers de interiores brasileiros contemporâneos.

Palavras-chave: Representações sociais, sustentabilidade, design de interiores.

Referências bibliográficas

FRANKLIN FROGERI, R. et al. Social representation of the innovation concept: cross-country in bolivia, brazil, india and mexico. *Journal on Innovation and Sustainability RISUS*, v. 12, n. 4, p. 144–166, 23 dez. 2021.

JOIA, L. A.; VIEIRA, J. A. P. Going beyond cryptocurrencies: The social representation of blockchain. *Sustainability (Switzerland)*, v. 13, n. 24, 1 dez. 2021.

NINO, L. B.; DOS ANJOS, F. S.; ESTRADA, E. M. Winds of change and rural multifunctionality: Study on social representations of farmers in the extreme south of Brazil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 60, n. 3, p. 1–18, 2022.

SÁNCHEZ, A. F.; ARROZ, A. M.; GABRIEL, R. Social representations about

sustainable development: The perspectives of residents of small islands' cities. *Ambiente e Sociedade*, v. 24, p. 1–22, 2021.

CATEDRAL CRISTO REDENTOR, BOA VISTA/RR: ANÁLISE BIOCLIMÁTICA

Carlos Teodoro Olivares Olivares

Doutorando PROARQ

Orientador: Leopoldo Bastos

Introdução: A motivação pelo tema deu-se pelo interesse em estudar a Arquitetura na região Norte do Brasil, especificamente na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, na procura de investigar a influência nas edificações das características ambientais nesta região Amazônica. A Catedral Cristo Redentor fica localizada na Praça do Centro Cívico, onde se concentra a maioria dos edifícios públicos. É um cartão postal da cidade e um exemplar da arquitetura moderna. Sua construção aconteceu entre os anos de 1967 e 1972, com uma planta arquitetônica de forma orgânica, construída em concreto armado como um sistema inovador da época.

A arquitetura bioclimática supõe que em Boa Vista teve suas primeiras propostas como consequência da implantação do novo traçado urbano da cidade no ano de 1944, o qual criou a Praça do Centro Cívico onde foram dispostos os principais edifícios públicos da cidade. A partir dos anos 70 foram implementadas outras edificações como Assembleia Legislativa do Estado, Palácio da Cultura, Catedral, Fórum, Tribunal de Justiça e Correios. Destaca-se também na região a obra do arquiteto Severiano Mário Porto como principal expoente da arquitetura moderna em Roraima, com ênfase na arquitetura bioclimática amazônica (NASCIMENTO, 2016). Através de visitas realizadas na catedral em diferentes horários, foram detectados problemas relacionados ao conforto ambiental: Iluminação, acústico e térmico devido às condições ambientais e climáticas da região tropical, diante dessa realidade justifica-se o estabelecimento de critérios para uma arquitetura bioclimática aplicada à Catedral. **Objetivos:** Como objetivo geral esta pesquisa busca analisar a Catedral Cristo Redentor, considerada cartão postal da cidade em termos de suas características arquitetônicas de adaptabilidade bioclimática. Seguidamente, através de aparelhos específicos (Luxímetro) procura-se medir a iluminação natural interna, realizar maquetes virtuais e simulações sobre o comportamento climático. **Metodologia:** O presente estudo se estrutura a partir dos seguintes eixos: [1] a caracterização da edificação, a partir de sua relevância e localização, apresentando seus elementos técnico-construtivos; [2] a avaliação bioclimática da edificação a partir de Givoni (1976) e das normas técnicas referentes a esse tema, tais como ABNT:NBR 15.215/2005. As pranchas técnicas foram obtidas através

da Prelazia, órgão da igreja responsável pelo acervo. O trabalho de campo compreende o levantamento de dados e análises in loco e simulações computacionais. Contudo os resultados obtidos a partir da avaliação feita com base nas referências já apresentam subsídios capazes de balizar uma crítica ao edifício, assim como indicar propostas de adequação para atendimento ao conforto térmico. Para a definição do objeto de estudo foi desenvolvido texto descritivo, com dados formais de sua geometria, assim como materiais e características consideradas relevantes para a percepção do edifício. Passando para a análise macro dos aspectos referentes ao clima e relevo de Boa Vista, identificamos os subsídios para a inserção de dados para o estudo. O conceito de bioclimatismo e conforto térmico finalizam esse panorama conceitual do desenvolvimento do trabalho que, em sequência, se articula às estratégias bioclimáticas aplicáveis ao edifício. Para tanto foram feitas simulações quanto à orientação de implantação do edifício no software Sketchup, referente às 9 horas da manhã do dia 02 de setembro de 2022 e medição com o luxímetro MLM-1011. Resultados: A planta geral da Catedral Cristo Redentor apresenta os valores de cada ponto aferido com o luxímetro, nos 50 pontos demarcados conforme NBR 15.215 (ABNT, 2005). A simulação da projeção de sombras geradas pela trajetória solar apresenta uma incidência solar na fachada principal e sombreamento na fachada lateral. Conclusões: Segundo os resultados obtidos com luxímetro, os valores sofrem variação a depender de sua proximidade com a envoltória transparente, variando de 1.400 Lux a 110 Lux, sendo o maior valor próximo a fachada principal como mostra a simulação por sombreamento, onde nesse horário estaria iluminado conforme sua orientação solar.

Palavras-chave: Análise Bioclimática, Catedral, Boa Vista, Arquitetura, Região Norte.

Referências bibliográficas

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15215-4:2005 - Iluminação natural. Parte 4: Verificação experimental das condições de iluminação interna de edificações - Método de medição. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.

GIVONI, Baruch. Man, Climate and Architecture. 2. Ed. Londres: Applied Science Publishers, 1976.

NASCIMENTO, C.H.C. et al. Modernidade e contemporaneidade na arquitetura pública de Boa Vista/RR. I Sama - Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, Manaus, v. 00, n. 00, p.00-00, fev. 2016.

SESSÕES CIENTÍFICAS

sessão 3



PERMANÊNCIAS E RUPTURAS SOCIOESPACIAIS EM MACAÉ/RJ: NARRATIVAS MORFOLÓGICAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA CAPITAL NACIONAL DO PETRÓLEO

Narjara Xavier dos Santos

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Vera Tângari

O presente trabalho refere-se à parte do projeto de pesquisa de tese de doutorado atualmente em desenvolvimento (PROARQ), orientado pela Profa. Dra. Vera Tângari, e alinhado às pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisas Sistemas de Espaços Livres no Rio de Janeiro (SEL-RJ). Conhecida como a “Capital Nacional do Petróleo” e localizada no litoral norte do Estado do Rio de Janeiro, a cidade de Macaé passou por profundas transformações em sua paisagem urbana a partir da década de 1970. Tais transformações são apontadas como decorrência de três eventos principais: a descoberta de petróleo na Bacia de Campos dos Goytacazes em 1974, o início das atividades petrolíferas na região em 1977 e a implantação da Sede Operacional da Petrobrás na cidade em 1979 (FREITAS et al, 2006). Dessa forma, a mudança do perfil de cidade balneário para potência nacional da indústria do petróleo ocorreu de forma acelerada nas décadas seguintes, sendo acompanhada de um intenso processo de urbanização do seu distrito sede. Porém, se por um lado o estabelecimento da Petrobrás e de diversas empresas de suporte à indústria petrolífera e de serviços em Macaé proporcionou um rápido crescimento econômico, por outro também acarretou significativo aumento populacional, com ocupação intensiva do solo urbano e com consequentes impactos socioambientais, devido ao avanço da mancha urbana sobre ecossistemas frágeis e áreas de preservação ambiental (FREITAS et al, 2006; JERONYMO et al, 2017). Como consequência desse processo de urbanização e devido à falta de preparo apropriado por parte do município para receber essa população migrante, Macaé apresenta sinais de sobrecarga nos serviços públicos, falta de saneamento básico e de asfalto em diversas localidades, além de um elevado déficit habitacional. Apesar do alto PIB per capita, um elevado índice de Gini de 0,56 e a crescente favelização de sua porção central apontam que a cidade apresenta uma alta concentração de riqueza em uma pequena parcela da população. Nesse contexto, o objetivo principal da pesquisa é estudar os reflexos socioespaciais dos impactos gerados pela ação da indústria petrolífera na cidade de Macaé, a fim de compreender de que forma tais efeitos influenciaram nos modos de produção do espaço, e se manifestaram nos processos de transformação da paisagem e de conformação do sistema

de espaços livres desse tecido urbano. Dentre os objetivos específicos, se pretende estudar os agentes e atores incidentes na produção urbana de Macaé; analisar os tecidos urbanos e rurais da cidade, assim como seu sistema de espaços livres; investigar as condições de habitação, saneamento, mobilidade e acesso aos serviços públicos nos distintos assentamentos humanos, a fim de traçar uma análise comparativa entre suas condicionantes socioeconômicas; mapear os ecossistemas nativos e os reflexos da urbanização sobre estes; e, por fim, fortalecer o diálogo com o poder público local, a fim de contribuir tecnicamente com o desenvolvimento e proposição de políticas públicas equitativas. O trabalho visa o desenvolvimento e a aplicação de um método cartográfico que proporcione uma análise mais aprofundada desse processo de constituição da forma urbana. Para tanto, é prevista a adoção de estratégias combinadas, pela conjunção de métodos quantitativos e qualitativos, tais como: revisão bibliográfica pertinente ao recorte temático e espacial; coleta e análise de dados referentes ao contexto territorial; levantamento dos instrumentos legais, projetos e planos existentes; identificação dos compartimentos e unidades de paisagem; realização de entrevistas; confecção de cartografias críticas; comprovação (ou não) da hipótese da pesquisa; e, por fim, apresentação dos resultados. Considerando que a concentração de renda e a falta de planejamento das cidades e de políticas públicas urbanas equitativas contribuem significativamente para o caráter segregador dos espaços e para o restrito acesso aos bens e serviços pela camada mais vulnerável da sociedade, a pesquisa almeja como resultado fornecer subsídios críticos com relação à desigual distribuição dos investimentos na cidade de Macaé. Dessa forma, anseia colaborar no âmbito decisório do poder público local, almejando que este, quando em processo de desenvolvimento de novas resoluções, tome como fundamento básico os princípios que visem o pleno direito à cidade (LEFEBVRE, 2008) e a mitigação das desigualdades socioespaciais com base nos princípios da ecologia política (ALIER, 2018).”

Palavras-chave: Forma urbana, Processos morfológicos, Espaços livres, Políticas públicas, Macaé-RJ.

Referências bibliográficas

ALIER, Joan Martínez. O Ecologismo dos Pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

FREITAS, Leonardo et al. Atlas Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Macaé. Rio de Janeiro: Editora Nova Tríade do Brasil Ltda, 2006.

JERONYMO, Carlos et al. Evolução do uso e cobertura da terra e a formação de assentamentos humanos em ecossistemas frágeis, áreas protegidas, de risco ou degradadas: o caso da cidade de Macaé (RJ-Brasil). Revista Tamoios, São Gonçalo, ano 13, n. 2, p. 94-117, jul/dez. 2017.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2008.

TRANS(FORMA)CIDADE: HIBRIDISMO ENTRE ESPAÇOS FÍSICOS E DIGITAIS EM NOVOS MODOS DE EXPERIÊNCIA URBANA

Melanie Martins Barroso

Mestranda PROARQ

Orientador: Rubens de Andrade

Introdução: Para analisar o indivíduo e a construção da subjetividade na cultura digital hoje, não é mais possível pensar nos espaços físico e ciber como espaços antagônicos. Com a hiperconectividade e a hipermobilidade das cidades, as redes se tornaram onipresentes no cotidiano urbano, em uma espécie de fagocitose cultural. Os assim chamados, dispositivos tecnológicos, se tornaram uma extensão do corpo biológico humano, que se vê cercado de informações produzidas nas redes de sociabilidade digital e amparados por dispositivos móveis que o auxiliam a se locomover na cidade, se comunicar em grupos, expandir as fronteiras territoriais e a criar individualidades. O corpo humano e as cidades são partes do hibridismo entre carne e conexão, pois se convergem em instâncias materiais de fluxo de dados, assim como sugeriu Giselle Beiguelman. Pode-se entender uma nova composição orgânica, onde a desconexão, já não é uma realidade. A ideia da perturbação, por Arthur Danto diz que "somos indefesos diante de imagens que nos dizem o que consumir, ou para onde ir e o que apreciar, logo nossos desejos seriam gerados por imagens que não são baseadas em um mundo real pré-existente." Objetivos: Segue-se a hipótese, de que as cidades sempre foram produzidas a partir de um modelo eurocêntrico de homem. O homem Vitruviano, o homem moderno, o pós-moderno e o contemporâneo. Independente das relações culturais e heterogêneas do contexto de cada região, o modelo hegemônico sempre foi dominante nas estruturas da sociedade. Essa relação está presente não somente na má distribuição de renda e nos enclaves gerados pelo colonialismo, mas também está relacionado ao pensamento dicotômico da relação homem e natureza, acentuado pela hipervalorização da figura do homem, como ser racional e estratégico, onde seu poder de captação pela razão o põe em uma posição hegemônica de manejo e exploração da natureza. Busca-se como objetivo dessa pesquisa, estruturar novas relações e métodos de produção de cidades, a partir de relações sensíveis a apreensão de ambiências possíveis, criadoras de subjetividades, usando como conceito a ótica do ciborgue, de Donna Haraway, 1985, como conceito responsável por romper com estruturas que estariam ligadas a problematização da hipervalorização da figura do homem biológico, com a possibilidade de manipulação do espaço de modo que pudesse

questionar o binarismo imposto pela modernidade. Buscando a contestação da dicotomia entre cidade e natureza, centro e periferia, público e privado e a inversão de uma lógica funcionalista e racionalista. Entender a cidade, não como um organismo vivo capaz de se transformar através do desejo do homem. Mas entendê-la como um processo orgânico e biológico, onde os seres humanos, como espécie dominante, devem modificar-se para uma melhor adaptação à sua estrutura. Visto que, a cidade se transfigura e se reformula de acordo com as experiências sociais, individuais e coletivas dos indivíduos que nela habitam. Com a cibercultura, tanto as especialidades quanto as individualidades do sujeito experimentam uma nova experiência urbana, objeto de estudo dessa pesquisa. Metodologia: Para isso, busca-se debruçar sobre uma genealogia de autores, bebendo da transdisciplinaridade, para incluir no discurso arquitetônico, a visão de filósofos, etólogos, antropólogos, biólogos, além de práticas contemporâneas ligadas à produção artística, para uma construção de uma teoria da cidade, a partir de conceitos como o transhumanismo, ciborgue, entropia e territórios ampliados. Aplicando o método lógico-argumentativo, reforçando o potencial do discurso, apoiado em práticas de cartografia de uma iconografia da cidade contemporânea, a fim de identificar os efeitos da cibercultura nos corpos produtores da cidade. Resultados: Por fim, busca-se como resultado, o aprofundamento bibliográfico e teórico, que enfatizem a condição do ciborgue e a produção do espaço digital, dentro de um recorte contemporâneo, com lentes de observação para: O tempo, a reparação histórica pela colonização do traçado urbano, os possíveis caminhos futuros e a manutenção da paisagem. Permeiar dinâmicas artísticas contemporâneas, econômicas, sociais e políticas públicas, para uma sintetização de toda a pesquisa em um ensaio projetual capaz de definir um diálogo entre a sociedade acadêmica e civil em um estatuto para compreensão contemporânea sobre as cibercidades.

Palavras-chave: Pós-humanismo, Ciborgue, Ciberespaço, Corpo, Globalização.

Referências bibliográficas

BEIGUELMAN, Giselle. Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo, Ubu, 2021.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. [1984], in Antropologia do Ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HARVEY, David Condição pós-moderna São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SIBILIA Paula, O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro, Contraponto, 2005.

O FUNK CARIOCA E O REPENSAR DAS PAISAGENS URBANAS

Gabriella Stephany Pinto Oliveira

Mestranda PROARQ

Orientadora: Andrea Rego

O presente resumo busca explorar as possibilidades de desenvolver estudos em paisagens urbanas como instrumento de planejamento. Com isso, supõem-se que os eventos sociais do funk carioca recriam paisagens que permitem representações e espacializações de uma cultura urbana negra, proporcionando a compreensão da estruturação dos espaços periféricos e suas apropriações. O desenvolvimento do trabalho se dará no entendimento da cultura e seus eventos como um dos elementos estruturais das paisagens, utilizando do funk como base. Desta maneira, evidencia-se o potencial intelectual das periferias negras em compreender alternativas próprias de se viver. Milton Santos (2022) vai dizer que são dos pobres que surgem a possibilidade de um novo debate sobre a cidade, sendo ele inédito, podendo as vezes ser silencioso ou provocando ruídos com os atores urbanos existentes. É desta forma, que as periferias repensam a tecnosfera e a psicofera, desenvolvendo novas ocupações, usos e finalidades para os objetos, como também novas formas de práticas e normas sociais e afetivas. O autor destaca a esfera comunicacional dos pobres como a busca do futuro que consiga suprir as carências do presente, sendo a “carência fundamental” responsável por um desconforto criador. A partir disso há um choque entre cultura objetiva e cultura subjetiva, surgindo uma nova consciência. Assim, de forma irônica, a desigualdade estrutural cria culturas populares que permitem que os grupos excluídos desenvolvam suas próprias formas de comunicação entre o sujeito e o grupo com o seu meio. A cidade se torna abrigo da cultura da massa e da cultura popular, de forma desigual, complexa e conflituosa, como um jogo dialético no espaço. A cultura de massa é constantemente usada para alienação a partir de uma vontade de uniformização e indiferenciação dos sujeitos. Já a cultura popular, de acordo com Milton Santos (2022), “se origina na terra onde se vivi”, sendo simbólica sobre a relação entre o sujeito e seu entorno. Esta última, entra em combate com a lógica neoliberal, sendo transgressora por ultrapassar a prática repetitiva e propor uma prática libertadora, que o autor dirá ser a práxis inventiva defendida por H. Lefebvre em 1958. Considerando isso, caracteriza-se o funk carioca como uma cultura popular desenvolvida e consumida principalmente por jovens negros das periferias do Rio de Janeiro (LOPES, 2009).

Está cultura cria o que Milton Santos (2022) chama de eventos, que é uma categoria de análise. Para estudá-los, descreveremos a trajetória do estilo musical no Rio de Janeiro e sua relação com as paisagens, sendo separado em três fases principais. A primeira fase é a dos Bailes Blacks, durante a década de 1980, muito influenciada pela cultura funk norte americana, destaca a valorização da identidade negra. A segunda fase são os Bailes de Galera, durante a década de 1990, em que há o afastamento da cultura norte americana e surgem letras originais feitas pelos funkeiros, enfatizando a importância dos territórios em que esses artistas moram. Essa fase fornece um rico acervo cartográfico e do cotidiano das favelas nas letras. A terceira fase é o Funk Proibidão, que aparece a partir dos anos 2000, derivado das tentativas de extinção e criminalização do funk pelo poder público, passam a ser organizados pelas facções, o que antes era feito pelas equipes de som. Essa mudança modifica a estrutura das letras das músicas, retratando mais a realidade dessas facções do que o cotidiano nos territórios. (VIANNA, 1987)(LOPES, 2009). Nesta última fase, percebe-se a utilização dos tabus da sociedade dominante, principalmente o da criminalidade e da sexualidade, como forma de ocupar os espaços urbanos e modificar as paisagens da cidade. Essa fase apresenta grande registro realizado pela mídia jornalística, que mesmo de forma estereotipada e preconceituosa, fornece uma base documental. Analisar o funk carioca a partir de seus eventos permite rever os entendimentos das paisagens periféricas. Como resultado, tem-se o mapeamento complexo das paisagens próprias do estilo musical, que recria sensações de pertencimento, marcos e memória dos moradores favelados. Isso pode ser entendido como uma forma de compreender os desejos e práticas de ocupação da cidade diferente dos determinados pelo poder privado, mercantilista e racista.

Palavras-chave: Funk, cultura negra, paisagem urbana, território.

Referências bibliográficas

LOPES, Adriana Carvalho. A favela tem nome próprio: a (re)significação do local na linguagem do funk carioca .In: Revista Brasileira de Linguística Aplicada, vol. 9, N°2. Belo Horizonte, 2009.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

VIANNA, Hermano. O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos.(Dissertação de Mestrado)PPGAS/UFRJ, 1987.

A POTÊNCIA DO LUGAR COTIDIANO NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE: POR UMA NARRATIVA AFETIVA DO TERRITÓRIO DE SÃO LOURENÇO - MG

Vitor Maciel de Britto Cunha

Mestrando PROARQ

Orientadora: Giselle Azevedo

O presente estudo busca colaborar para fomentar leituras mais sensíveis no âmbito urbano, ao analisar no tempo da experiência presente, o município de São Lourenço- MG. Através de um recorte representativo de sua parte central e na delimitação de percursos urbanos, pretende investigar atmosferas tidas como memoráveis ou entendidas como atmosferas de preferência (LAMOUNIER et al, 2019). Neste sentido, propõe-se desvelar possíveis expressões de afetividade e urbanidades através da aplicação metodológica, compreendendo os componentes físicos que integram a paisagem do recorte escolhido, os atributos visuais que são possíveis de identificar nos percursos delimitados, a atratividade que o recorte exerce sobre seu entorno próximo e a cidade, e por último, o sentido, que é possível apreender na sobreposição e relação entre as 3 categorias citadas (componentes físicos, atributos visuais e atratividade). Toma-se aqui, a cidade como objeto de (re) apropriação e produtora de múltiplos significados, sendo esta investigação, um passo inicial importante para os estudos de campo que estarão sendo desenvolvidos durante a construção da dissertação de mestrado. E também, um modo do pesquisador identificar e testar ferramentas para avaliar esforços ao se propor compreender os vínculos apropriativos que os diferentes grupos sociais mantêm com o espaço. De acordo com Decreto Estadual n.º 7.562, de 01-04-1927 e confirmado pela Lei Estadual n.º 987, de 20-09-1927, o antigo distrito de Pouso Alto (município vizinho a sudeste, foi elevado à condição de município com a denominação de São Lourenço. A cidade está posicionada na região sul do estado, fazendo parte, junto com outros 13 municípios, do intitulado “circuito das águas” do estado de Minas Gerais. O turismo e o comércio são as principais atividades econômicas do município, que se firmou como uma das mais importantes estâncias hidro-minerais do Brasil, cidade polo do Circuito das Águas, comprovando uma cidade de pequeno porte, com uma baixa população estimada (46.202 hab., IBGE 2020), e importante papel regional, tendo sua constituição muito ligada à saúde e a descoberta de fontes de água mineral na transposição da serra da Mantiqueira por parte de bandeirantes procedentes de São Paulo. Podemos compreender, que dada pela favorável posição geográfica onde se constituiu o território de São Lourenço – MG, tal qual, pela sua condição

ligada ao meio natural, estamos tratando de um município com reconhecido valor ambiental, porém ao nos depararmos com o crescimento do município e as evidentes modificações no seu espaço urbano, podemos entendê-lo como sendo reflexo de uma constituição sociocultural, de ações e intervenções em uma sucessão de períodos e tempos distintos. Concebe-se, neste sentido, que se trata de um município que vem se construindo através de ações motivadas por uma união de vetores de modernização que são entrópicos (SANTOS, 2006), que priorizaram o desenvolvimento econômico/turístico e desejos de atores hegemônicos, sendo suas intenções pouco representativas no âmbito coletivo. A cidade como um coletivo complexo e dinâmico, constituídos por territórios em ação com diversos atores coparticipantes como uma rede dinâmica (AZEVEDO et al, 2019), se distancia, neste caso, do morador que a atravessa em seu cotidiano ou mesmo de aspectos sensíveis que dinamizam o território. À vista disso, tem-se que por se tratar de um trabalho de cunho experiencial, que os resultados apresentados serão relatos em forma de cartografia, croquis, textos e fotografias que deverão ser entendidos como um passo inicial de um “deslocamento dinâmico” da pesquisa, demonstrando uma concepção e interpretação do território, a partir da procura por conhecer os vínculos identitários, e as diferentes visões que os grupos socioculturais mantêm com o espaço.

Palavras-chave: Leituras Urbanas, Atmosferas de preferência, Identidade, Narrativa afetiva São Lourenço – MG.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. Diálogos entre Arquitetura, Cidade e Infância: territórios educativos em ação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2019. 327p.:il., 16 x 23 cm. (Coleção PROARQ).

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA (IBGE), disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-lourenco/panorama> > . Acessado em 15 de Janeiro de 2021.

LAMOUNIER, A. A.; CARVALHO SANTOS, T. C.; YAMAKI, H.; TANGARI, V. R. Atmosferas de preferências e paisagens cotidianas: a cidade através de múltiplos sentidos. In: Ressensibilizando Cidades . ambiências urbanas e sentidos: Anais da Conferência Internacional 2019 / Resensitizing Cities . urban ambiances and senses: Proceedings of the International Conference 2019 (2019: CRAB-Sebrae, Rio de Janeiro, RJ) p. 84-91.

SANTOS, Milton, 1926-2001 A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

PATRIMÔNIOS INVISÍVEIS E OLHARES INVISIBILIZADOS: CARTOGRAFANDO AFETOS E AFLIÇÕES SEGUNDO PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS CARIOCAS

Alex Assunção Lamounier

Pós-doutorando PROARQ

Supervisora: Vera Tângari

Este trabalho apresenta resultados preliminares de pesquisa de pós-doutorado junto ao PROARQ/UFRJ e projeto de extensão EAU/UFF (coord.: LAMOUNIER). Analisando o “Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos no Rio de Janeiro” (AZEVEDO; TÂNGARI, 2020), observamos que os desenhos dos estudantes da rede municipal de ensino continham potenciais patrimônios que vão além dos conhecidos cartões-postais da ‘Cidade Maravilhosa’. Em conjunto, compõem complexa cartografia afetiva e aflitiva do cotidiano de crianças de diversas regiões da capital carioca e revelam lutas diárias pelo direito à cidade em múltiplos aspectos. Remetem à importância do simbolismo das paisagens ordinárias (MEINIG, 1979) e às discussões patrimoniais internacionais, como a Declaração de Québec (ICOMOS, 2008), segundo a qual “um lugar pode ter vários espíritos e pode ser compartilhado por grupos diferentes”, consistindo, esse “*spiritu loci*”, de algo “em permanente reconstrução, que corresponde à necessidade por mudança e continuação das comunidades”. Reforçam, ainda, o entendimento de patrimônio como “uma plataforma importante para construir respeito mútuo” (O’DONNELL, 2021). Em 2012, a cidade do Rio de Janeiro foi inscrita como Paisagem Cultural no Patrimônio Mundial UNESCO, sob o título “Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar”. O sítio é composto pelo trecho que segue entre a cidade e a Baía de Guanabara, até a Praia de Copacabana, incluindo o Parque Nacional da Tijuca e o Jardim Botânico. Para análise dos desenhos, aqui, foram selecionadas escolas em territórios periféricos do Rio de Janeiro fora da delimitação do sítio Paisagem Cultural. Em favelas nas bordas do centro (Catumbi, Morro do Pinto e Barreira do Vasco) e da Zona Norte (Complexo do Alemão, Jacarezinho e Manguinhos), ou em bairros periféricos mais distantes (Santa Cruz, Zona Oeste, e Ilha de Paquetá, na Baía de Guanabara), refletem percepções sobre lugares à margem dos cartões postais cariocas.

A despeito da imprecisão, notamos que, especialmente em territórios vulneráveis, destacam-se relatos com aspectos visivelmente compartilhados entre diferentes crianças. Em conjunto, possibilitam estruturar alguma cartografia. Em Manguinhos, especificamente, os desenhos relacionam tão bem os poucos espaços livres públicos existentes, aguerridamente mantidos

pela comunidade, que foi possível localizá-los, em montagem lúdica, numa vista do território. Aparecem ali a Igreja de São Daniel Profeta, arborização, crianças e animais brincando na faixa de espaços livres sob linhas de tensão, brinquedos do parquinho improvisado, casario da favela e o lixo acumulado. Atualmente, iniciamos o mapeamento dos patrimônios identificados nos desenhos em sistema de geoprocessamento, objetivando estruturar uma base de dados que permita atualizações conforme os avanços da pesquisa. Assim, têm sido marcados a localização das escolas e elementos passíveis de identificação nos relatos. Iniciamos o processo com a Escola Municipal Nilo Peçanha, localizada em frente à Quinta da Boa Vista, espaço livre público bastante significativo na Zona Norte. Os relatos dos estudantes, muitos deles moradores de comunidades como Tuiuti, Mangueira e Barreira do Vasco, possibilitaram identificar pontos de importância na escala do bairro. Além disso, diferente dos estudantes da Escola Edmundo Bittencourt, localizada no conjunto do edifício Pedregulho (Benfica), alguns dos relatos da Escola Nilo Peçanha (São Cristóvão) marcaram essa significativa edificação modernista. Tal aspecto destaca que em áreas de maior carência de serviços básicos o olhar tende a se deter mais na reivindicação de melhorias do que aos marcos significativos na paisagem.

O estudo abre muitas possibilidades no campo da cartografia afetiva e social e visa contribuir para a educação patrimonial no ensino público tendo, como base, a busca pelo reconhecimento de patrimônios afetivos e o enfrentamento das aflições que integram o percurso cotidiano das crianças nos trajetos entre casa e escola, como um modo inclusivo de ampliação na garantia do direito à cidade. Contemplar novas possibilidades de apreensão de paisagens e aprendizado sobre a cidade, atentas às lições oferecidas pelos olhares desses estudantes, se coloca como desafio essencial. Cartografar o invisível passa por contemplar, antes, olhares e narrativas invisibilizados.

Palavras-chave: Patrimônio cotidiano, mapeamento afetivo, periferia, educação patrimonial.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Giselle (coord.); TÂNGARI, Vera (coord.) Mapeamento afetivo dos territórios educativos: crianças e jovens pensando no futuro da cidade da cidade do Rio de Janeiro. Relatório Técnico. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ e PCRJ, 2020.

ICOMOS. Declaração de Québec sobre a preservação do “spiritu loci”. Québec: International Council on Monuments and Sites, 2008.

MEINIG, Donald (org.). The interpretation of ordinary landscapes – Geographical essays. Oxford: University Press, 1979.

O'DONNELL, Patricia. Perspectives on values & diversities in relationship to cultural and natural heritage. Brazil Master Course on Heritage Webinar. 16/04/2021. Our World Heritage. PPGAU-FAU/USP; MPPP-FAU/UFRJ; PPGG-IGEO/UFRJ. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Rs-n6SrZLG8. Acesso em: 08, agosto, 2021.

FRONTEIRAS DO MODERNO NO PLANO URBANÍSTICO DE BOA VISTA/RR

Claudia Helena Campos Nascimento

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Ana Amora

O presente texto visa investigar sobre as contribuições do Plano Urbanístico para a cidade de Boa Vista/RR, de autoria do engenheiro Darcy Aleixo Derenusson (Rio de Janeiro, 1916-2002) para a constituição de uma estrutura periurbana ao traçado radial, sobre o qual se concentram os principais esforços acadêmicos. Partindo da principal referência iconográfica deste projeto – a foto da maquete do Plano Urbanístico, buscamos identificar as permanências, em especial rotatórias e vias indutoras, do desenho urbano que estabeleceram marcos urbanísticos, muitas vezes invisíveis nos tempos atuais. Este ensaio se articula com a pesquisa de doutoramento no PROARQ/DINTER-TFN intitulada “Arquitetura do Desenvolvimento: o moderno em Roraima entre as décadas de 1960 a 1980” indicando as intencionalidades dessa capital amazônica e de que forma se inserem as primeiras manifestações da Arquitetura Moderna na trama urbanística original e constitui-se como resumo do trabalho desenvolvido para a disciplina “Território Amazônico: paisagem, cultura e arte” ministrada pelo Prof. Dr. Rubens de Andrade. Como método, buscou-se localizar através de um percurso de deriva e pela sobreposição de imagens do traçado urbano, a fim de caracterizar nesse território, essas fronteiras entre a modernidade urbana e arquitetônica, que corresponde à década de 1960. O objetivo principal deste trabalho é dar visibilidade a um território periférico ao traçado radial-concêntrico que se configura como Lugar de Memória (NORA, 1993) do próprio Plano Urbanístico e do progresso roraimense, conforme aponta Ramalho (2012). Foi verificado no trabalho, a partir do contraponto com referenciais e textos, que o Plano Urbanístico é entendido como o limite do traçado radial-concêntrico, cuja centralidade se faz a partir da Praça do Centro Cívico. Essa percepção de identidade urbana se manifesta, inclusive, na construção de logomarcas e signos que referenciam a cidade de Boa Vista. Silva (2009) vai cunhar uma diferenciação do processo de desenvolvimento urbano da capital roraimense: gênese espontânea e gênese induzida, diferenciando o pequeno núcleo inicial, que se localizava às margens do rio Branco do traçado de Derenusson, entendido apenas nos limites do perímetro citado. Contudo, ao avaliarmos imagens referentes ao Plano Urbanístico, é possível identificar uma série de equipamentos e vias compondo esse traçado

– como vias de expansão, anéis viários, serviços e funções – que se articulavam com a intencionalidade do plano original. Portanto partimos de uma premissa inicial de que o referido Plano é maior que o desenho. Contudo o próprio autor afirma: “Mais do que simples radiais, mais do que um simples leque, seria a própria alma brasileira, presente, com o corpo e o coração, para garantir a integridade de nossos limites. É, portanto, o sistema radial o símbolo de união territorial, social, linguístico e ideário do povo brasileiro do Extremo Norte”. (Darcy Aleixo Derenusson, 1991 apud TREVISAN et all, 2018). O que podemos, de fato constatar, é que esse ordenamento do território, anteriormente composto de grandes campos abertos – o lavrado – criou oportunidades para a implantação de vários serviços e funções. O cemitério e a pista de pouso, que antes ocupavam os confins do núcleo original de Boa Vista, teve o traçado do Centro Cívico, isso é, o centro dessa nova urbanidade, como sobreposição, exigindo o deslocamento destes. Esse espaço foi previsto por Derenusson visto que “Circundado esse arcabouço, foi previsto um cinturão verde de modo a controlar e conter o crescimento da cidade e acomodar grandes equipamentos, como o aeroporto, o hipódromo e o estádio desportivo” (TREVISAN et all, 2018, sp, grifo nosso). Coube ainda nessa faixa a instalação de conjuntos habitacionais, parques e instalações militares, especialmente. Conclusões: O moderno que se insere em Roraima a partir da década de 1960 vai ter o Centro Cívico como locus privilegiado, mas também toda essa faixa periférica, onde serão instalados, até a década de 1980, projetos de Severiano Mário Porto, Otacílio Lima Neto, Mario Fiameni e Luigi Cappa Bava, entre outros, especialmente arquitetos pioneiros que passam a atuar e viver em Roraima. Muito embora o espraiamento de Boa Vista ocorra nos ares da década de 1980, podemos afirmar, não há registros relevantes da arquitetura moderna para além desse recorte espacial onde temos as permanências de vias do Plano de Derenusson para além do “leque”.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna, Amazônia, Roraima, Lugar de Memória, Morfologia Urbana.


Referências bibliográficas

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. (tradução Yara Aun Khoury) Projeto História; Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

RAMALHO, Paulina Onofre. Lugar de Memória: o plano urbanístico de Boa Vista – RR. (dissertação). Rio de Janeiro: PEP-IPHAN, 2012.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. Boa Vista: gênese espontânea e gênese induzida. Revista acta Geográfica, Ano III, nº5, jan./jun. de 2009. p.63-71.

TREVISAN, Ricardo; FICHER, Sylvia; DERENUSSON, Isabella de Carvalho; DERENUSSON, Darcy Romero. Darcy Aleixo Derenusson. O engenheiro e urbanista que projetou Boa Vista – RR. Arquitextos, São Paulo, ano 18, n. 212.03, Vitruvius, jan. 2018.



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 4

ALDO ROSSI - RAZÃO E MEMÓRIA EM ATLAS

Natália de Freitas Cruz

Mestranda PROARQ

Orientadora: Fabiola Zonno

Arquiteto de maior relevância do movimento italiano neo-racionalista La Tendenza, ganhou destaque internacional ao escrever o livro *Arquitetura da Cidade* de 1966. Em *Autobiografia Científica* de 1981, percebe-se um acréscimo ao argumento racional – as relações entre razão e analogia, já presentes no texto “Introdução a Boullée” (1977), tornam-se menos rígidas e evocam a memória individual a partir de imagens, fruto de suas experiências. Neste livro, a organização não possui ordenação clara - trata-se de pensamentos fragmentários e “livres da ideologia” como identifica Vincent Scully (2013, p. 129). Para Rossi (1977, p. 126), a ordem é apenas o início de seu trabalho, constituindo uma espécie de base que o liberta para a exaltação, a fantasia. O que dirige o trabalho de Rossi é a analogia, mobilizada a partir da memória. Lembrando a deusa dos estetas clássicos, Mnemósine, Scully desenvolve que a partir da memória se pode haver as minúcias misteriosas do processo criativo, onde as suas filhas, as artes, podem atuar de maneira independente. No caso de Rossi, a forma é sempre o ponto de apoio das memórias, de uma “energia potencial”. Apesar da articulação livre entre os fragmentos de memória, há no livro alguns “pontos de obsessão, fixos” (SCULLY, 2013, p. 129), os quais quase sempre se relacionam com projetos. O objetivo principal desta pesquisa em desenvolvimento é investigar e analisar como Aldo Rossi articula os temas presentes em seu imaginário (razão, memória, etc), para a criação de um pensamento arquitetônico. Partindo das imagens apresentadas pelo próprio Rossi em *Autobiografia Científica*, o trabalho metodologicamente recorre ao conceito de Atlas, exposto por Didi-Huberman a partir do Atlas Mnemosyne de Aby Warburg; através do Atlas, pretende-se construir aproximações que permitam analisar e articular os temas e imagens identificados a partir do livro para a compreensão dos significados em arquitetura, exemplificando como estes temas se manifestam nas obras arquitetônicas de Rossi. Em paralelo, o discurso de Rossi estará sob análise, será problematizado, tendo como base a própria pesquisa com as imagens, e o pensamento de teóricos e críticos sobre a produção de Rossi. Em resumo, esta pesquisa se caracteriza como um estudo do pensamento de Rossi expresso em *Autobiografia Científica*, por meio da análise do discurso (e comparativamente a textos anteriores

do próprio) e da relação direta com as imagens partindo daquelas que são por ele evocadas, visual e textualmente, fazendo uso da montagem de Atlas como meio para explorar temas recorrentes em seu pensamento arquitetônico. Também se apresenta com características lógico-argumentativas, uma vez que desenvolveremos argumentos sobre os temas presentes na arquitetura (significado) conforme o imaginário do arquiteto, demonstrando a relação destes com a obra arquitetônica de Rossi. Esses argumentos serão expressos por meio de aproximações entre imagens identificadas em pinturas, fotografias, desenhos etc. E os desenhos do próprio Rossi, em especial, mostram-se por vezes mais explicativos sobre seus pensamentos do que seus projetos arquitetônicos. Tempo e memória são conceitos estruturantes de seu pensamento. Até o presente momento da pesquisa, identificamos alguns “pontos de obsessão” (para usar o termo de Scully) os quais identificaremos enquanto temas, relacionando-os com os projetos e as imagens. A morte, termo recorrente no livro, parece nos sondar em todas as outras obsessões: maturidade, ordem, repetição, analogia... Rossi parece condicionar seu trabalho para a fratura que seria – e foi – sua morte, visando tangenciar uma realidade atemporal. Este trabalho se insere no âmbito da pesquisa “Entre Arte, Arquitetura e Paisagem – teoria e crítica da complexidade contemporânea” que investiga os pensamentos e processos poéticos em arquitetura e faz uso do conceito de Atlas, conforme Didi-Huberman (2013) partindo de Aby Warburg e do conceito de montagem de Walter Benjamin, para, no trabalho com as imagens, investigar novas interpretações. Relações insuspeitas podem surgir a partir das imagens, desvendando temas e conceitos que, se implícitos no pensamento do arquiteto, podem ser reconhecidos e então problematizados. Neste sentido, são uma via que se cruza com a análise do discurso. Os fragmentos de Rossi poderão então ser articulados, aproximados, afastados, reconceituados através de texto e imagem.

Palavras-chave: Aldo Rossi, Analogia, Morte, Atlas, Memória.

Referências bibliográficas

DIDI-HUBERMAN, Georges. A Imagem Sobrevivente: História da Arte e Tempos de Fantasmas Segundo Aby Warburg. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ROSSI, Aldo. Introducción a Boullée. In: ROSSI, Aldo. Para una arquitectura de tendencia. Escritos: 1956-1972. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1977.

ROSSI, Aldo. Autobiografia Científica. Tradução de José Charters Monteiro. Lisboa: Edições 70, 2013.

SCULLY, Vincent. Posfácio. A Ideologia na Forma. Em: ROSSI, Aldo. Autobiografia Científica. Tradução de José Charters Monteiro. Lisboa: Edições 70, 2013.

O CENTENÁRIO DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922 EM VÍDEOS

Mariana Rodrigues Oliveira

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadora: Niuxa Drago

A série de vídeos “Reconstituição Histórico Temporal da exposição de 1922” visa abordar a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil que foi realizada no início do século XX, no Rio de Janeiro, assim como o contexto histórico no qual estava inserida, abordando aspectos que abrangem o contexto da cidade na virada do século a partir de uma análise contemporânea. O produto é composto por vídeos curtos que apresentam o cenário da então Capital da República e detalham temáticas que definitivamente não contaram com o devido protagonismo na historiografia nacional. O primeiro vídeo, introdutório, expôs um panorama da cidade carioca, contemplando perspectivas econômicas, sociais, políticas e culturais que levantam provocações a serem esmiuçadas nos vídeos seguintes, como as relações urbanas que decorreram das obras capitaneadas pelo Prefeito Carlos Sampaio (KESSEL, 2001), em especial a demolição do Morro do Castelo e do aterro da Ponta do Calabouço. Os vídeos subsequentes, portanto, discutem com mais foco temáticas específicas relativas à exposição, como os diversos planos e mapas para o certame principal e sua configuração final, contando com apoio de uma maquete eletrônica confeccionada em parceria com Sebastião Guedes, autor da tese: Morfologia do centenário: uma análise sobre o espaço público da Exposição Internacional de 1922 no Rio de Janeiro (PROURB/UFRJ). Pretende-se relacionar as várias indecisões quanto aos países participantes do certame e ao destino da terra do Morro do Castelo para explicar os atrasos, adiamentos e forma final da exposição abrangendo a criação de terrenos vazios. Os pavilhões internacionais presentes na exposição também são debatidos, assim como as transformações ocorridas entre os projetos originais e sua execução, enquanto possíveis adaptações ao contexto climático, econômico e tecnológico do Rio de Janeiro, com apoio de maquetes digitais. São comentados o uso de técnicas construtivas, materiais, elementos e ornamentação em relação à construção de linguagens nacionais, lembrando o momento mundial do entreguerras. Em adição, relaciona-se pavilhões a serem desmontados e pavilhões a permanecerem, refletindo como isso impactou em suas concepções construtivas.

Acerca dos pavilhões nacionais, o conteúdo desenvolvido busca destacar

as transformações ocorridas durante o processo de projeto e as principais características dos edifícios, utilizando as maquetes digitais como material de apoio. Analisa-se o uso de técnicas construtivas, o emprego dos materiais, os elementos arquitetônicos e a ornamentação das edificações em relação à construção de uma “arquitetura brasileira”. Ressalta-se também as questões conceituais e políticas envolvidas na discussão sobre o neocolonial (PINHEIRO, 2011), analisando as permanências e a importância dos pavilhões para a configuração da região.

Ademais, são examinadas as ambiências da exposição como cenário-paisagem e os divertimentos oferecidos ao público, tal como a programação de eventos dentro da exposição e o lazer como produto moderno, relacionando-os com a vida cultural da cidade com um enfoque no projeto do Parque de Diversões. Por fim, pretende-se estudar a Exposição Internacional no tempo, propondo representações que contemplem, para além da inércia dos mapas, sua transformação constante durante o período de funcionamento. Faz-se necessária a análise da evolução do recinto expositivo assim como seu dia a dia, quem o frequentava e as dinâmicas que extrapolam o frenesi da busca pela modernidade e criação de uma identidade de fachada, alcançando diferentes camadas como as de gênero, étnico-raciais e de classes sociais, concluindo a série com paralelos com o Rio de Janeiro atual e os métodos empregados para as realizações dos megaeventos de hoje. As análises apoiadas na narrativa audiovisual fazem uso de inserções didáticas a partir de mapas, desenhos técnicos e documentos, e aproveitam excertos de entrevistas para introduzir autores importantes sobre os temas da Exposição, da modernização do Rio de Janeiro e dos espetáculos no início do século XX.

Palavras-chave: Exposição Internacional, Rio de Janeiro, narrativas audiovisuais, Modernização Urbana, Centenário da Independência.

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. Testemunha Ocular. o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Unesp, 2017.

KESSEL, Carlos. A Vitrine e o Espelho. O Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: SEC/DGDIC/AGCRJ, 2001.

LEVY, Ruth. A Exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca no início dos anos 20. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2010.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no Debate Cultural dos Anos 1920. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2011.

DOSSIÊ DIGITAL MÁRIO BARATA (1950-1959). A CRÍTICA DE ARTE E DE ARQUITETURA NO COTIDIANO

Luiza Apolinário Victorino

Graduanda FAU/UFRJ

Camille Vieira de Oliveira

Graduanda FAU/UFRJ

Natalia Barbosa Abdala

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadora: Priscilla Peixoto

O presente trabalho - parte do projeto “História da crítica da arquitetura” (LANA/PROARQ/UFRJ) - se dedica à crítica de arquitetura publicada em jornais de grande circulação, que nos interessa especialmente por nos aproximar do juízo sobre arquitetura praticado no cotidiano, bem como, por ajudar a situar socialmente e culturalmente a difusão desses debates. Optamos por concentrar nossos esforços nos textos de Mário Barata, devido a sua vasta produção no jornal Diário de Notícias que contrastava com os poucos trabalhos dedicados a ele (Zanini, 2007; Ribeiro, 2009, Amaro, 2017; Feijó, 2019). Assim, buscamos apresentar a metodologia desenvolvida para a construção de um dossiê digital de livre acesso, além de suas potencialidades para pesquisas realizadas no campo da crítica da arte e arquitetura.

Como nosso principal objetivo, temos a construção do dossiê digital “Mário Barata (1950-1959)”, que busca reunir em uma plataforma de acesso livre os textos do crítico publicados no jornal Diário de Notícias ao longo da década de 50. Dentre os objetivos específicos, podemos citar: (1) melhor situar os escritos para jornais na produção de Mário Barata; (2) aprofundar as análises relativas à sua produção crítica no âmbito da arquitetura e melhor compreender sua relação com o campo; (3) identificar os assuntos mais abordados por seus escritos; (4) localizar as redes de sociabilidade das quais fez parte. A pesquisa se concentrou nos documentos disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, a partir da busca pelo termo-chave “Mário Barata”. Em um primeiro momento, foram realizados levantamentos com auxílio da ferramenta OCR (Optical Character Recognition), que identifica o termo chave em meio ao todo dos documentos. Todos os dados identificados foram compilados em “cadernos de pesquisa”, organizados anualmente (1950-1959), e em uma “Cronologia” geral. Ao longo dos levantamentos, algumas inquietações ganharam forma, evidenciando a necessidade de complexificar a organização do dossiê, para dar conta da densidade do conteúdo. Assim, passamos a adotar também a plataforma Notion de maneira a conjugar os predicados das duas formas de organização, bem como, outras modalidades de leitura e filtragem dos dados. É importante ressaltar que a implementação do uso do Notion coincidiu com a revisão dos levantamentos feitos nos cadernos de pesquisa, no qual se

identificou uma falha do reconhecimento OCR utilizado pelo site da Biblioteca Nacional e que levou a complementá-los com uma pesquisa manual. No Notion, também foram ampliadas as entradas para análise de conteúdo das colunas, com o intuito de realizar uma leitura mais atenta de cada ocorrência. Para isso, a ficha de levantamento anteriormente utilizada foi revisada e ampliada, incluindo “tags” de categorias que serviram como filtros para agrupar notícias, tornando possível realizar uma busca específica e refinada no material produzido por Barata, a partir da identificação e vinculação dos dados e/ou palavras-chave dessas notícias. Dentre nossos resultados, podemos dizer que uma de nossas principais ferramentas se tornou, ela também, um produto da pesquisa - o próprio Dossiê Digital Mário Barata. Algumas interpretações parciais das fontes levantadas para o Dossiê têm sido apresentadas em eventos científicos. Dentre eles, podemos destacar: “Mário Barata, ‘síntese das artes’ e o debate da arquitetura no cotidiano” (Peixoto, Baptista & Levi, 2021), apresentado no seminário Docomomo Br; “Mário Barata e suas contribuições para crítica arquitetônica (1950-1956): uma análise dos textos publicados no jornal Diário de Notícias” (Baptista & Levi, 2020) apresentado no seminário da Escola da Cidade; “Mário Barata, ‘síntese das artes’ e os escritos sobre o mural Guerra e Paz nos jornais” (Teixeira, 2022) e “A internacionalização dos artistas e arquitetos brasileiros nos escritos de Mário Barata” (Oliveira, 2022). É interessante destacar que estes dois últimos foram pensados a partir da transposição dos dados dos Cadernos de Pesquisa para o dossiê digital. Todos os trabalhos mencionados partiram das fontes organizadas no Dossiê digital Mário Barata e colocam em prática sua capacidade enquanto ferramenta de pesquisa, evidenciando suas potencialidades no campo de crítica da arte e da arquitetura. Além disso, do ponto de vista teórico, esses trabalhos buscaram trazer contribuições para um melhor entendimento da vida e obra do crítico.

Palavras-chave: crítica arquitetônica, crítica de arte, jornal, dossiê digital, Mário Barata.

Referências bibliográficas

AMARO, D. Controvérsias acerca da institucionalização da história da arte no Brasil: debates sobre a criação de cursos de graduação e perspectivas epistemológicas. [Tese de Doutorado], Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

RIBEIRO, M.. Mário Barata: entre a diversidade e a especialização. In: XXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Rio de Janeiro, 26, 27, 28, 29 y 30 de agosto 2009, 998-1004

ZANINI, W.. A presença de Mário Barata. *Jornal da ABCA*, (14), 2007, p. 24.

ARQUITETURAS NARRATIVAS EM “ESCAVAÇÕES” ITALIANAS: PETER EISENMAN, ARQUITETURA E FICÇÃO EM VENEZA E VERONA

Carolina Ferreira de Carvalho

Egressa PROARQ

Orientadora: Laís Bronstein

Esta pesquisa é dedicada à análise de dois projetos do arquiteto Peter Eisenman: Cannaregio Town Square, de 1978, pensado para a cidade de Veneza, na Itália; e Moving Arrows, Eros and other Errors, de 1985, elaborado para a cidade de Verona, também na Itália – comumente sintetizado pelo nome Romeo and Juliet. Ambos pertencem ao conjunto de trabalhos denominado Cidades de Escavação Artificial [Cities of Artificial Excavation], realizado entre os anos de 1978 e 1988, sendo, portanto, o Cannaregio Town Square o marco inaugural da sequência. A referida série é composta por onze projetos espalhados pelos continentes europeu, americano e asiático, cuja característica principal é a incorporação de questões espaciais e temporais das cidades para os quais foram pensados, mas de maneira fictícia, estabelecendo uma relação artificial entre a arquitetura e seu sítio – principalmente ao priorizar as ausências em detrimento das presenças. É no ponto da ficção que reside o interesse da dissertação, modo pelo qual Eisenman passa a conceber sua arquitetura no intuito de propor alternativas aos métodos projetuais vigentes. Pelos caminhos da ficção, a pesquisa visa relacionar gestos e dispositivos empregados nos projetos de Veneza e Verona a questões e ferramentas advindas da literatura – tanto de obras ficcionais quanto da teoria literária. Tal aproximação é amparada em escritos do arquiteto datados de meados dos anos 1980 nos quais defende o uso do texto – conceito importado de teorias pós-estruturalistas, em especial, da desconstrução – como possibilidade de produzir uma arquitetura que foge aos parâmetros tradicionais. Em sua visão, o texto permitiria desvincular a arquitetura de pré-determinações restritivas, tais como função, escala, representação e objetificação estética (EISENMAN, 1993, 1998, 2006b), características de uma arquitetura ainda de base humanista (EISENMAN, 2006a). As Cidades de Escavação Artificial consistem, assim, no laboratório de Eisenman para formulação da arquitetura como texto, o texto arquitetônico (EISENMAN, 2006b, p. 246). A escolha de Romeo and Juliet e do Cannaregio Town Square como casos para estudo deve-se pela explícita interação entre arquitetura e literatura ficcional no projeto para Verona e por identificarmos esta mesma ligação como latente no plano para Veneza. Romeo and Juliet, de Eisenman, dialoga diretamente com três versões

da narrativa de amor proibido do jovem casal veronês, aproveitando-se da relação estabelecida entre a cidade de Verona e as histórias sobre Romeu e Julieta. Já no Cannaregio Town Square, o vínculo com as letras é feito através da apresentação do projeto. Seus desenhos e maquetes são acompanhados por um texto que expõe, de maneira próxima à prosa do conto, as colocações e articulações entre os elementos arquitetônicos (ou não) e a cidade de Veneza. Neste projeto, Eisenman emprega o conceito de “ficção” de modo um tanto genérico para diferenciar seu campo de atuação do que seria o “real”, e, por isso, consideramos suas manifestações do campo da ficção como ainda embrionárias. Ao longo da pesquisa, buscamos associar as produções escritas e as peças gráficas de ambos os projetos com pensamentos advindos da teoria e da crítica literárias, além das próprias obras narrativas (em prosa e em poesia) em torno da história de Romeu e Julieta. Apesar de Cannaregio Town Square ser anterior a Romeo and Juliet e, portanto, apresentar mecanismos e conceitos menos desenvolvidos no que se refere à elaboração do texto arquitetônico, alguns pontos levantados pela pesquisa indicam que o projeto de Veneza é muito mais “literário” e “poético” que o de Verona, que se mostra mais engessado na tentativa de estipular uma arquitetura pela ficção.

Palavras-chave: Peter Eisenman, Arquitetura como ficção, Texto arquitetônico, Cannaregio, Romeo and Juliet.

Referências bibliográficas

ARAUJO, A. P. R. O ensino de expressão-representação gráfica nos trabalhos finais de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

CHING, F. D. K. Introdução à arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2014.

MONTANER, J. M. Do diagrama às experiências: rumo a uma arquitetura de ação. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.

SORIANO, F. Algunas definiciones de la palabra “diagrama”. 2008. Disponível em: <https://textosenlinea.blogspot.com/2008/09/federico-soriano-algunas-definiciones.html>. Acesso: 10set.2021.

AS EXPOSIÇÕES COMO MÁQUINAS DE LEITURA E AS ENGENHAGENS PARA UMA EXPERIÊNCIA CORPORIFICADA

Suzane de Queiroz Ribeiro

Doutoranda PROARQ

Orientadoras: Fabiola Zonno e Ethel Pinheiro

O verbo expor cuja origem etimológica vem do latim exponere, formada pelo prefixo ex (para fora) que acompanha a palavra ponere (colocar), já indica a operação matriz de deslocamento que estrutura uma exposição. Expor é retirar algo de seu lugar de pertencimento, de seu uso cotidiano ou de seu sistema primário para alçá-lo a condição de acervo. Toda coisa existente objetiva ou subjetiva, material ou abstrata, é passível de ser deslocada e desfuncionalizada, para ser posta em relevo. Destacada para ser visibilizada em múltiplas camadas de apreensão e compreensão a partir das infinitas redes de relações que se tornam possíveis na estrutura espacial de uma exposição. André Desvallées define que “o termo exposition significa tanto o resultado da ação de expor quanto o conjunto do que é exposto e o lugar onde se expõe.” (DESVALLÉES, 1998, pg.133). Nesse sentido é possível entender a palavra exposição tanto pela função como pela conformação do espaço para exercer tal função.

São muitas as possibilidades de abordagem teórica sobre exposições. Nesta pesquisa, a abordagem escolhida é a que enfoca a experiência corporificada de apreensão do conteúdo exposto através da noção de exposição como uma estrutura espacial capaz de proporcionar a releitura infinita do mundo. Um espaço que se constitui como uma máquina de leitura ambientada pela espacialização do conteúdo para ser habitado, percorrido, fruído. A partir dessa noção de que uma exposição tem a potência de ser uma máquina de leitura, quais são os componentes das possíveis engrenagens dessa máquina? O conteúdo exposto informa o espaço expositivo tanto pelas suas necessidades técnicas, quanto pelas suas potencialidades estéticas. As engrenagens que moverão essa máquina de leitura serão resultantes das relações estabelecidas a partir da articulação do corpo do visitante com uma miríade de componentes que formatam um ambiente expositivo, tais como: a cartografia do ambiente, as formas, as cores, as texturas, as imagens, os expositores, os textos, a iluminação, a paisagem sonora, e os recursos tecnológicos.

Os componentes mencionados acima são materializados a partir da direção de arte, estabelecida para a exposição pela equipe de curadoria em

conjunto com a equipe de arquitetura. Seus funcionamentos são ao mesmo tempo autônomos e interdependentes, a partir do contexto físico e material e das relações pretendidas. O funcionamento destes componentes em engrenagens que dão origem a diferentes atmosferas será avaliado em exposições em curso selecionadas nas bienais de Berlim e Veneza assim como na Documenta de Kassel, a partir do método de pesquisa do corpo em laboratório em conjunto com a produção de registros e levantamento de dados. A exposição como máquina de leitura a partir de uma experiência corporificada, será tão eficiente quanto o grau das articulações sensoriais de seus componentes que favoreçam a produção de sentido assim como a produção de presença dos visitantes legitimando a criação de uma atmosfera. O corpo como centro da experiência estética, o motor que completa e move a máquina de leitura. Produção de sentido e produção de presença são dois conceitos expostos pelo filósofo Gumbrecht, os quais tem potência de corroborar para o entendimento de atmosfera proposto por Gernot Böhme: “A atmosfera de um certo ambiente é responsável pelo modo que nos sentimos a respeito de nós mesmos.” (BÖHME, 2017, pg.16).

Palavras-chave: Exposição, Máquina de leitura, Componentes, Atmosfera.

Referências bibliográficas

BÖHME, Gernot. *The Aesthetics of Atmospheres: Ambiances, Atmospheres and sensory experiences of spaces*. NY: Routledge, 2017.

DESVALLÉES, Andre. *Cent quarante termes muséologiques ou petit glossaire de l'exposition*. In: BARY, Marie-Odile; TOMBELEM, Jean-Michel (Dir.). *Manuel de muséographie: petit guide à l'usage des responsables de musée*. Haute-Loire: Séguiet, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença: O que o sentido não consegue transmitir*. 1ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC Rio, 2016.

A POÉTICA DOS SONS: O EFEITO DAS RESSONÂNCIAS NAS SALAS DE SARAU LUSO-BRASILEIRAS DO SÉCULO XIX

Rodrigo de Almeida Spinelli Pinto

Doutorando PROARQ

Orientadora: Andrea Rego

As salas de sarau são “cômodos socialmente especializados” comumente encontrados no programa arquitetônico de edificações palacianas construídas entre os séculos XVIII e XIX, em Portugal e no Brasil. Eram dedicadas, dentre outras atividades, à prática performática musical. Constituíam recintos de pequeno volume, não controlados acusticamente, dotados de uma relação fonte-receptor não muito definida. Em função destas características, os parâmetros utilizados na avaliação da qualidade acústica em salas de concerto (BERANEK, 1962) não são úteis à qualificação da resposta sonora das salas de sarau históricas. Apesar dos avanços já galgados pela ciência acústica até então, no tempo em que estas salas foram construídas, a qualidade acústica se fazia percebida através de efeitos psicoacústicos que emergiam da ambiência destes espaços e se somavam à expressividade da música produzida em seu interior, um ato projetivo que desvela uma tradição esotérica corporificada pela ciência e pela arte (D’OLIVET, 2004). Dentre esses efeitos estão as ressonâncias. Apesar de atualmente consideradas um defeito acústico, acredita-se que tenham sido bem quistas na modelagem de salas musicais do passado. Poder-se-ia presumir que os efeitos sonoros (AUGOYARD e TORQUE, 2019) advindos delas teriam sido levados em conta como contraponto polifônico da música de sarau. Sendo assim, a poética dos sons (DOMÈNECH, 2002) estaria vinculada à “tonalidade”, “idiomatismo”, “afinação” ou “coloração acústica” gerada pelas salas de sarau quando postas em sistema de ressonância por ativação musical. Neste caso, seria a poética dos sons uma função direta dos padrões geométricos verificados nestes recintos. O objetivo geral deste trabalho é estabelecer procedimentos científicos capazes de analisar a “poética dos sons” nas salas de sarau luso-brasileiras do século XIX, no intuito de corroborar a hipótese de que as ressonâncias possam ser um fator sono-qualificante. Como objetivos específicos ressaltam-se: (1) Levantar procedimentos de medição do efeito da ressonância em salas de sarau históricas; (2) Obter a resposta acústica das salas de sarau luso-brasileiras dos séculos XVIII e XIX, através de medições *in loco*; (3) Compreender a influência das ressonâncias na execução do repertório musical e na noção de qualidade sonora apreendida por “escuta historicamente informada”; (4) Reconhecer valores

metafísicos nas ambiências das salas de sarau; (5) Demonstrar atributos de qualidade sonora em salas de sarau históricas com base nos efeitos sonoros observados nos estudos de caso. Metodologia: Avaliação Objetiva: Aferição da resposta acústica à excitação quantitativa (ruído rosa e sine sweep) através de (1) fonte omnidirecional e (2) sonômetro com módulo RT60. Avaliação Subjetiva: Aferição da resposta acústica à excitação qualitativa (excerto musical previamente gravado em câmara anecoica) através de capturas em fones com gravadores biauriculares acoplados. O arquivo de áudio gerado no procedimento será enviado a um grupo de respondentes que analisará a influência das ressonâncias na escuta musical. Análise Correlacional: cruzamento dos dados quantitativos e qualitativos coletados, visando a recomendação de parâmetros para avaliação da “poética dos sons” nas salas de saraus históricas, tal como o método para a sua aferição. Conclusões Parciais. A pesquisa resgata valores sensíveis da escuta à medida em que relativiza o conceito de qualidade sonora no tempo. Esses valores são descortinados a partir de uma vertente prospectiva pouco comum à bibliografia especializada dedicada à qualidade sonora em salas musicais de pequeno volume. É importante demonstrar que nem sempre o conceito de qualidade sonora esteve ligado à precisão e ao controle acústico, como muito é dito nos dias atuais. A qualidade sonora é, por isso, um conceito bastante questionável neste contexto de pesquisa. A qualidade sonora se baseia em valores culturais históricos que são circunstanciais e mutáveis. A “poética dos sons”, por isso, vem consubstanciar uma linguagem capaz dos valores cristalizados na tonalidade das salas de saraus, intuídos, ainda hoje, a partir de uma “escuta historicamente informada”. O sobredito enseja o reconhecimento do valor intangível da “poética dos sons” nas salas de saraus históricas como tópico de projeto e gestão do patrimônio histórico.

Palavras-chave: Salas de Sarau, Poética Sonora, Ressonâncias, Escuta Historicamente Informada, Acústica de Salas.

Referências bibliográficas

AUGOYARD, J. F. e TORQUE, H. Sonic Experience: a guide to everyday sounds. Quebec: McGill-Queen's University Press, 2019.

BERANEK, L. L. Music, Acoustics & Architecture. London: John Wiley & Sons. 1962.

D'OLIVET. Música apresentada como ciência e arte. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2004.

DOMÈNECH, F. D. Arquitectura Acústica: poética y diseño. Barcelona: Edicions de la Universitat Politècnica de Catalunya, SL, 2002.



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 5

CASA DE MENDES: O CONCEITO DE AUTENTICIDADE APLICADO A UMA OBRA DE OSCAR NIEMEYER NO INTERIOR DO RIO DE JANEIRO

Julia Cavalcante de Andrade

Mestranda PROARQ

Orientadora: Rosina Trevisan

Introdução: O artigo trata de um estudo sobre a residência moderna projetada e habitada por Oscar Niemeyer, intitulada pelo arquiteto como Casa de Mendes, situada no Rio de Janeiro, entre os Municípios de Mendes e Vassouras, na Região do Vale do Café. Oscar Niemeyer projetou e construiu cerca de 60 residências, no Brasil e no exterior. Para servir como sua moradia e de sua família, projetou e construiu apenas quatro, entre as quais a Casa de Mendes. Construída em 1949, foi sua única casa de campo. Com uma tipologia que se apresenta aplicada em maior escala em outros projetos de Niemeyer, a existência da residência se deve originalmente a seu pai; de modo que a mesma está impregnada de memórias de um tempo lá vivido por Niemeyer, seus familiares e amigos. Habitada pelo arquiteto até meados dos anos 1970, quando se iniciaram obras na região que levaram à inundação do imóvel. Sem uso e submetida às condições do local, a casa passou por diversas alterações por parte dos proprietários que a habitaram após Oscar Niemeyer. Atualmente fechada e sem manutenção significativa, a residência segue em um processo de deterioração, o que levou à crença infundada do desaparecimento da casa. Contudo, a mesma não se perdeu ou chegou a um estado de arruinamento, pois há atualmente elementos concretos ainda de pé que garantem e asseguram a unidade de sua totalidade. Este trabalho relaciona-se à minha dissertação de mestrado no PROARQ – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, preliminarmente denominada “Casa de Mendes: valor e significância cultural de um patrimônio de Oscar Niemeyer no interior do Rio de Janeiro”, que está em fase inicial de pesquisa. Objetivos: Partindo do pressuposto de que a Casa de Mendes nunca foi de fato analisada em seu estado atual de caracterização e apresentada dentro de um contexto de relevância no que tange sua autenticidade, valores materiais e imateriais e significação cultural; o objetivo da dissertação é verificar o valor e significação cultural da Casa de Mendes a fim de identificar o motivo pelo qual deve ser preservada. Neste artigo o objetivo é discutir, analisar e verificar o conceito de autenticidade vinculado à residência. Metodologia: Para tal são incorporadas as concepções de “Autenticidade” conforme a Conferência de Nara (1994), a Carta de Brasília (1995), a Carta de Cracóvia (2000) e a Declaração de San Antonio (1996).

São utilizadas como principais fontes de pesquisa documentos existentes sobre a casa, fotografias, registros do imóvel, escritos de Niemeyer e referências de autores que pontualmente escreveram sobre a residência; e para uma compreensão e embasamento conceitual, a residência é analisada com base em teóricos e autores do campo do patrimônio. Conclusões: Em relação à Casa de Mendes a verificação de sua autenticidade pode se dar justamente em relação às suas mudanças, justificadas pelo atributo da verdade de todas as camadas do tempo em sua matéria. Portanto, uma vez condicionada ao tempo e ao uso, possui alterações feitas conforme as necessidades de cada momento; visto que para o processo de habitação da casa nas condições em que estava, os respectivos proprietários realizaram alterações na residência em função das necessidades que se apresentavam. Modificações as quais foram voltadas não somente à estruturação básica da casa para moradia como também voltada aos padrões considerados pelos proprietários, sem considerar os atributos modernos da residência e o arquiteto que a projetou. A persistência física da Casa de Mendes, embora com suas fragmentações, partes faltantes e adições recentes, sob todas as circunstâncias pelas quais passou, é prova de sua existência atual. Trata-se de uma conjunção de valores imateriais e materiais a ela ainda vinculados que justificam a necessidade de preservação da mesma, assim como também abrem e sugerem possibilidades ao seu futuro enquanto patrimônio.

Palavras-chave: Casa de Mendes, Oscar Niemeyer, Autenticidade, Patrimônio Cultural Preservação.

Referências bibliográficas

CARTA de Brasília, sobre autenticidade. Brasília, 1995. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20Brasilia%201995.pdf>. Acesso em: 25, agosto, 2022.

CARTA de Cracóvia, sobre os princípios para a conservação e o restauro do patrimônio construído. Cracóvia, 2000. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>. Acesso em: 25, agosto, 2022.

CONFERÊNCIA de Nara, sobre autenticidade em relação a convenção do Patrimônio Mundial. Nara, 1994. Disponível em: <https://www.icomos.org/charters/nara-e.pdf>. Acesso em: 25, agosto, 2022.

DECLARAÇÃO de San Antonio, sobre a autenticidade na conservação e na gestão do Patrimônio Cultural. San Antonio, 1996. Disponível em: <https://www.icomos.org/en/charters-and-texts/179-articles-en-francais/ressources/charters%20and-standards/188-the-declaration-of-san-antoni>. Acesso em: 25, agosto, 2022.

DIAGRAMAS PROJETAIS EM TRABALHOS FINAIS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO UFRJ - ENSINO REMOTO

Samara de Oliveira Brandão

Graduanda FAU/UFRJ

Mariana Campello do Rêgo Valença

Graduanda FAU/UFRJ

Orientador: Rodrigo Kamimura

O objetivo desta proposta é realizar uma análise dos diagramas projetuais em Arquitetura e Urbanismo. Foca sobre a produção gráfica mobilizada pelos estudantes em seus Trabalhos Finais de Graduação (TFGs). Nossa hipótese é a de que é possível, a partir desta abordagem, compreender as mudanças pedagógicas verificáveis nos anos mais recentes com relação às transformações tecnológicas e suas implicações quanto ao ferramental (intelectual, material e técnico) mobilizado para atingir objetivos de projeto, compartilhar ideias e expressar com clareza as propostas pretendidas pelos discentes. Serão analisados os TFGs concluídos nos anos letivos de 2020 e 2021, correspondentes ao período em que vigorou o Ensino Remoto na FAU UFRJ em decorrência do Estado de Emergência na Saúde (pandemia de Covid-19). O recorte deste montante de trabalhos possibilitará fazer uma comparação com a análise já iniciada pelos autores anteriormente, que considera os anos de 2018 e 2019, ainda no modo presencial. Será possível compreender, assim, nuances e diferenças na aplicação de estratégias e formas de representação gráfica antes e depois da deflagração da pandemia, e tecer considerações sobre as diferenças no ensino remoto e no presencial. Em uma aproximação realizada anteriormente, foram analisadas as peças gráficas elaboradas para os Trabalhos Finais de Graduação (TFGs) defendidos na FAU UFRJ nos anos de 2018 e 2019. Uma das conclusões deste projeto – após extensa classificação taxonômica realizada – foi a de que as peças gráficas mais abundantes encontradas nas chamadas Pranchas Síntese (pranchas finais padronizadas em tamanho A1, apresentadas às bancas) dos trabalhos foram as perspectivas cônicas e os diagramas. E, com relação ao processo de cognição, prospecção, projeção e elucidação de caminhos, nos parece que, particularmente, a análise dos diagramas processuais arquitetônicos nos oferecem um caminho de interesse para uma aproximação mais detida sobre a análise gráfica dos trabalhos.

Os Diagramas são caracterizados como peças gráficas nem sempre escalares, projetivas, e frequentemente obtidas através da adição, ao desenho, de anotações, ícones, símbolos e elementos gráficos alheios ao desenho codificado tradicional – setas, bordas, indicações manuais, recortes, figuras geométricas, intervenções cromáticas, sobreposições de “camadas”, etc.

Conforme observado por Araújo (2012, p. 142-143), os diagramas podem ser utilizados nas apresentações finais como elementos capazes de destacar determinados aspectos projetuais relevantes, dando indícios de que o estudante expressou uma postura crítica/analítica com relação ao projeto. Já nas palavras de Ching (2014, p. 214), o diagrama é um desenho que “explica ou elucida as partes, a combinação ou a operação de alguma coisa”. A característica-chave de um diagrama é poder simplificar um conceito complexo em elementos e relações essenciais por meio do processo de eliminação e redução”. Soriano (2008), por sua vez, define diagrama como uma estrutura gráfica de pensamento associada a um procedimento, que apresenta dados básicos, físicos, de relações ou de programas, quando ao mesmo tempo deixa em aberto outras questões do projeto, que serão desenvolvidas ou conhecidas em etapas posteriores. Por fim, Montaner (2017, p. 23) reforça o papel dos diagramas como instrumentos indicadores de ação e força, “ferramenta gráfica que permite visualizar fenômenos ou fluxos”.

Anteriormente, havíamos iniciado uma classificação preliminar dos Diagramas encontrados nos períodos de 2018 e 2019, segundo dois critérios: a) classificação por tipo (se o diagrama se apresenta em planta, em corte, em perspectiva, elevação, esquemas, etc.); e b) por função (se o diagrama diz respeito a eixos, condicionantes ambientais, projetuais, fluxos, programa, etc.). Uma amostra desta classificação permitiu não apenas categorizar, mas também quantificar os diagramas encontrados, o que resultou em uma exposição virtual organizada em parceria com a MEDIATECA da FAU UFRJ, a ser lançada no âmbito do projeto de Extensão “Programa de Exposições Digitais Temáticas da MEDIATECA da FAU UFRJ”. Esta exposição, organizada através de site na Internet – utilizando a ferramenta ‘Wix’ –, visa oferecer um percurso passível de ser realizado para uma análise detida sobre os diagramas processuais arquitetônicos.

Espera-se assim, a partir da continuidade da pesquisa, uma melhor compreensão tanto dos processos mentais quanto das ferramentas gráficas mobilizadas.

Palavras-chave: Desenho Codificado, Expressão e Representação Gráfica, Trabalho Final de Graduação, Diagramas Arquitetônicos, Arquitetura e Urbanismo.

Referências bibliográficas

ARAUJO, A. P. R. O ensino de expressão-representação gráfica nos trabalhos finais de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo. 589p + apêndices. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

CHING, F. D. K. Introdução à arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2014.

MONTANER, J. M. Do diagrama às experiências: rumo a uma arquitetura de ação. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.

SORIANO, F. Algunas definiciones de la palabra “diagrama”. 2008. Disponível em: <https://textosenlinea.blogspot.com/2008/09/federico-soriano-algunas-definiciones.html>. Acesso: 10set.2021.

ARQUITETO EDUCADOR - UMA REFLEXÃO SOBRE O PROJETO ENQUANTO AÇÃO ARTÍSTICA E EDUCATIVA

Gabriel Martucci

Graduando FAU/UFRJ

Orientadora: Fabiola Zonno

Este trabalho é uma reflexão acerca de processos de experimentação e convivência artístico-pedagógicas no contato com comunidades locais a partir do campo da arquitetura e do urbanismo, principalmente na construção de um olhar sensível e atento à dimensão coletiva e participativa dos espaços. Trata-se de um reprocessamento de experiências desenvolvidas em 2018 e 2019 no bairro Encantado, Zona Norte do Rio de Janeiro, durante a bolsa PIBIAC no projeto Arte e Cultura na Valorização do Patrimônio do Subúrbio Carioca, no âmbito da pesquisa coordenada pela profa. Fabiola Zonno no PROARQ, intitulada “Entre Arte, Arquitetura e Paisagem - teoria e crítica da complexidade contemporânea” (EAAP), assim como na atuação do aluno na Associação Cultural Lanchonete Lanchonete, na Gamboa, Região Portuária desde 2020 e o desenvolvimento do Trabalho Final de Graduação “Regeneração do Primeiro Moinho Fluminense”, sob orientação da profa. Fabiola Zonno como desdobramento da pesquisa sobre a práxis educativa, a atuação e o papel do arquiteto e urbanista. No desenvolvimento da pesquisa de extensão em campo e no laboratório de trabalho no PROARQ, foi possível experimentar a metodologia de montagem de um Atlas da Memória como dispositivo de reconhecimento dos significados atribuídos ao lugar, na relação com os moradores em prol da valorização do patrimônio cultural, no contexto de ações educativas. Tal instrumento foi levado para a atuação na Associação Cultural com os mesmos objetivos, ampliados para a elaboração participativa de um projeto inserido nesse contexto. As ações de pesquisa e prática em campo da pesquisa EAAP têm se voltado ao tema da memória, investigando intervenções artísticas e arquitetônicas em pré-existências que evoquem a relação com os tempos da paisagem, seus significados e valores no presente. A pesquisa explora a ideia de reinvenção do lugar a partir de uma relação com a memória e o potencial da arte, considerando não só questões formais, mas também conceituais, apropriações do vivido e a constante resignificação da paisagem. A ideia de uma arquitetura contextual e poética indica um posicionamento pertinente para uma intervenção enquanto interpretação crítica, provocação e diálogo com o lugar e suas solicitações. O reconhecimento da paisagem como um processo formativo contínuo, mas também relacionado a dimensões cultu-

rais do cotidiano do lugar, possibilitou desenvolver uma prática reflexiva e crítica inserida no tempo como espaço e fresta, como parte integrante de um tecido histórico, complexo e plural. Da mesma maneira, para o desenvolvimento de um projeto para o Moinho Fluminense, na Gamboa, integrado à atuação na Lanchonete, o tema foi operado na convivência educativa com a infância presente no território da Pequena África. Trata-se de uma área de cultura e vida afluyente, mas que foi historicamente sucateada. Exercitar ali outros mundos possíveis é, além de um gesto de restituição e aprendizado, um caminho para a construção de modos de trabalho mais sensíveis e conscientes a partir de uma perspectiva que guarda relação com a memória como uma resistência a um processo nítido de gentrificação e apagamento recorrente na cidade. Como desenvolvimento do projeto, além do Atlas, foram exploradas plasticidades educativas e artísticas, a fim de explorar e apresentar a ideia de projeto arquitetônico a partir do reconhecimento, reflexão e expressão das crianças que participam do projeto. Dessa maneira, segundo as possibilidades abertas pelo sentido de obra site specific, conforme trabalhado pelo grupo EAAP, se propõe pensar a experiência artística elaborada como método/estratégia de leitura e relação com o espaço a partir de um corpo educativo, assumindo a interpretação e olhar poético do arquiteto educador, criador de circunstâncias, em um engajamento direto na relação com o lugar e seus agentes, modo possível de sensibilização e de crítica no campo do patrimônio e da discussão sobre valorização, memória e invenção na cidade. Nessa concepção, não se faz possível construir apenas futuros melhores, mas sim uma interação viva com a complexidade do presente que, atento à relação com os tempos da paisagem, seus significados e valores, pulsa esse contínuo por vir.

Palavras-chave: Arte, Educação, Memória, Projeto, Participação.

Referências bibliográficas

- DELIGNY, Fernand. Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores. Tradução: Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante do tempo : história da arte e anacronismo das imagens /
Georges Didi-Huberman ; tradução Vera Casa Nova, Márcia Arbex. -
Belo Horizonte : Editora UFMG, 2015.
- ZONNO, Fabiola; PAMPLONA, Lis; MILAGRES, Daniel; NÓBREGA, Claudia. In-Between Art,
Architecture and Landscape Experiments on Poetic Ways of Research-Cre-

ation in Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-03220309/>. Acesso em: 05, setembro, 2022.

ALOJAMENTO MATERNO-INFANTIL NO ESPAÇO PRISIONAL: PADRÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Eduardo Sanches Salsamendi

Doutorando PROARQ

Orientador: Mauro Santos

A instituição penal tem no isolamento do transgressor seu modo de funcionamento. Ao assumir o inevitável reencontro dos mesmos com o meio social, existe a pretensão de que o período de isolamento traga mudanças na índole do indivíduo para atender os interesses da comunidade em geral. Assim, é uma imposição da vontade geral sobre a individual, o que sugere que o isolamento deve acontecer a partir de dispositivos de segurança que mantenham o transgressor sujeito ao tratamento penal independentemente de sua aceitação e garantam condições mínimas para seus internos, sejam eles presos ou não. Entre os internos não-presos, estão os filhos das gestantes do sistema prisional. Se por um lado a constituição garante que “ninguém será privado da liberdade”, por outro, os fetos e crianças encarceradas com suas mães representam uma ressalva à essa garantia. Esses indivíduos são atingidos diretamente pela condenação de suas progenitoras, e lidam com efeitos imediatos, como a separação do restante dos membros de suas famílias e a inserção em um ambiente inóspito. Para além dos efeitos diretos, o estigma social, resultante do aprisionamento, estende-se para as crianças, que já nascem marcadas por preconceitos, não-aceitação e precariedades desse microcosmos. Quanto a arquitetura desses espaços, a preocupação com segurança, relacionada principalmente a fugas e prevenção de atos violentos, é ponto fundamental em todas as etapas da existência da instituição, desde os rituais que ditam as atividades rotineiras até características específicas físicas que diferenciam o programa prisional dos demais projetos arquitetônicos. Levando em consideração o histórico das penas e do espaço penitenciário em si, a pesquisa se conterà a compreender o impacto de decisões projetuais e suas relações com a posição jurídico-penal adotada no sistema prisional brasileiro dentro de unidades femininas e materno-infantis. Tendo como norte a análise qualitativa da ambiência e de estratégias arquitetônicas aplicadas em estudos de casos de duas unidades penais dessas categorias no Brasil. A pesquisa tem como objetivo principal identificar os impactos do projeto arquitetônico na dinâmica das unidades materno-infantis abordadas para compreender potenciais

e fragilidades em padrões de projetos desse campo. A pesquisa apresenta ainda três objetivos secundários: Analisar qualitativamente os projetos de unidades materno-infantis brasileiras para identificar padrões de projeto e suas relações com a LEP e com o ECA; Interpretar as representações dos sujeitos da pesquisa em relação ao objeto estudado, para identificar as percepções de diferentes usuários aos mesmos espaços arquitetônicos; Investigar histórica e geograficamente como as unidades femininas são implantadas e em que situações se materializam, para estabelecer relações entre as representações sociais e aspectos territoriais e governamentais. A Metodologia de pesquisa aqui sugerida, parte da revisão da bibliografia, buscando compreender quais são as leis, normas e diretrizes que direcionam a produção dos espaços de aprisionamento feminino no Brasil. Dando continuidade, contextualiza-se a presença das mulheres no sistema prisional brasileiro no decorrer da história. Por fim, procura-se entender quais são as experiências brasileiras e internacionais relacionadas às unidades. Em um segundo momento, a pesquisa se direciona a análise dos estudos de caso: Penitenciária Feminina do Paraná (Creche Cantinho Feliz) e a Penitenciária Talavera Bruce (Unidade Materno-Infantil Madre Tereza de Calcutá). Tal análise será realizada com o aporte de parâmetros objetivos, determinados pelas normas técnicas, e de parâmetros subjetivos, por meio da avaliação do ambiente construído. Cabe ainda a aplicação de entrevistas semiestruturadas com diferentes sujeitos, para interpretar as representações sociais de cada grupo em relação aos objetos. Para a análise dos resultados, propõe-se a análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Tal aporte se alinha com o caráter qualitativo da pesquisa e à Teoria das Representações Sociais. Além da análise textual, a exploração será desenvolvida a partir da identificação de padrões de projeto com base em critérios objetivos e subjetivos pré-definidos. Tais critérios serão dispostos em quadros específicos para cada unidade prisional, o que garante a viabilidade do agrupamento das informações e a seguinte análise da relação entre as representações sociais e a estrutura construída das unidades.

Palavras-chave: Arquitetura Penitenciária, Representações Sociais, Lingua-

gem de Padrões Unidades Materno-Infantis, Segurança.

Referências bibliográficas

ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M. Uma linguagem de padrões. Porto Alegre: Bookman, 2013.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL, Lei de Execução Penal. Vade Mecum. Coordenação Antônio Luiz de Toledo Pinto. 7ª Edição. Saraiva, 2009.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ARQUITETURA DO DESENVOLVIMENTO EM RORAIMA: LEVANTAMENTO DE FONTES

Claudia Helena Campos Nascimento

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Ana Amora

Este resumo apresenta o quadro de referências e fontes sobre a produção arquitetônica em Roraima entre 1960 e 1980, como processo da pesquisa doutoral do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Doutorado Interinstitucional Tríplice Fronteira Norte com a Universidade Federal de Roraima (PROARQ/UFRJ–DINTER TFN–UFRR).

O objetivo principal deste trabalho foi estabelecer o estado da arte quanto à produção no campo da arquitetura e urbanismo sobre o moderno em Roraima nessas décadas. Como tema complementar, foram pesquisadas referências sobre obras e nomes cujos projetos já são conhecidos em Roraima: Sergio Wladimir Bernardes, Severiano Mário Vieira Magalhães Porto, Otacílio Teixeira Lima Neto e os engenheiros italianos Luigi Cappa Bava e Mario Fiameni.

Como metodologia, o levantamento partiu de busca ativa em bancos de dados de revistas especializadas, principais eventos científicos afins às questões amazônicas e da modernidade (DOCOMOMO, ENANPARQ, PROJETA, SAMA e outros), bancos de teses e dissertações. O levantamento mapeou monografias de graduação, desenvolvidas em Roraima, em Arquitetura e outras áreas, pela ausência de pós-graduação local neste campo.

Essas referências foram tabuladas em seis grupos: teses e dissertações, artigos em anais de eventos, em periódicos, em revistas especializadas e monografias de graduação.

Apenas 4 teses permeiam os temas: a de Silva (2007), de Geografia, pioneira no contexto do período desenvolvimentista em Roraima, uma sobre Bernardes (2017) e duas sobre Severiano (2017 e 2020). Das 15 dissertações, 8 tratam de Bernardes, produzidas entre 1980 e 2020. Sobre Severiano tem-se 6 textos, produzidos entre 2004 e 2020, sendo o mais recente abordando aspectos bioclimáticos do Fórum boavistense. A pesquisa mais antiga sobre o espaço construído roraimense é de Ramalho (2012) tratando o Plano Urbanístico de Boa Vista na perspectiva historiográfica, aportando contribuição sobre o contexto urbano onde se insere a modernidade roraimense, de extrema relevância. Duas monografias (Jornalismo-UFRR/2006

e Geografia-UERR/2017) somam informações relevantes à pesquisa. A primeira com identificação de obras modulares de Porto para os postos telefônicos, projeto desenvolvido para o Amazonas. A segunda traz de forma pioneira a referência de autoria da prefeitura de Caracará à Bernardes.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRR produziu 5 monografias, a partir de 2014, sobre obras do período em estudo, sendo 3 de Severiano – Escola Gonçalves Dias (2) e a Rodoviária Internacional de Boa Vista (1) – o Museu Integrado de Roraima, de Lima Neto, e a Catedral Cristo Redentor, de Fiameni e Cappa Bava. Foram localizados 49 artigos em anais de eventos. Sobre Bernardes existem 21 registros, sendo o mais antigo de 2007, com expressiva produção a partir de 2016. A publicação mais antiga sobre Severiano e o início dos Seminários de Arquitetura Moderna na Amazônia (SAMA), também datam 2016. Nesse recorte temos 15 trabalhos sobre o contexto geral da arquitetura e urbanismo roraimense, além de 4 sobre o acervo de Severiano e outros 4 sobre Bernardes, totalizando 19 artigos. Sobre Severiano, em outros contextos, identificamos 9 artigos. Quanto aos artigos em periódicos, apenas duas inserções da Revista Projeto (1989 e 1995) indicam Roraima: o Parque Anauá (LIMA NETO, 1989) e outro, de fato, localizado no Amazonas. O registro mais antigo sobre Bernardes está na Arquitetura e Engenharia nº.31 de 1954; presença constante na revista Módulo –com destaque à edição especial em 1981– e outros periódicos. Severiano surge nos periódicos na década de 1980 a partir da Revista Projeto, com farto destaque, inclusive com edição voltada à sua produção. Considerações Finais: Observamos a transição de interesse editorial nas revistas especializadas, na década de 1980, entre a produção de Bernardes e Severiano. O interesse sobre ambos somente retomará à pauta em meados da década de 2010. Percebemos que 2016 foi um ano importante para a produção de conhecimento quanto à arquitetura roraimense. Há um aumento significativo de artigos sobre Bernardes e, em eventos nacionais, sobre Severiano. Soma-se à produção o início dos SAMAs e a inserção da Região Norte como sedes do DOCOMOMO N-NE. Há ainda grande carência de dados produzidos sobre Roraima, especificamente sobre a arquitetura moderna, com poucos autores.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna, Amazônia 1960 a 1980, Produção científica, Arquitetos do século XX.

Referências bibliográficas

LIMA NETO, Otacílio Teixeira. Anauá: área verde, lazer e cultura para a capital de Roraima. Revista Projeto 120, abr. 1989.

NASCIMENTO, Claudia Helena Campos. Levantamento de referências. Arquivo digital, 30 p., 2022.

RAMALHO, Paulina Onofre. Lugar de Memória: o plano urbanístico de Boa Vista – RR. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. Dinâmica territorial urbana em Roraima-Brasil. (tese em Geografia Humana) São Paulo: USP, 2007

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS: UM PROJETO ARQUITETÔNICO PARA ABRIGOS INSTITUCIONAIS EM RORAIMA

Márcio Baraúna Bento

Doutorando PROARQ

Orientadora: Vera Tângari

O Processo de acolhimento institucional, abordado pelo Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito da criança e do adolescente, tem como princípio em sentido estrito de “abrigo”, que consiste em uma medida de “proteção especial” prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e definida como “provisória e excepcional” (ECA, art. 101). O EMAU é um projeto de Extensão criado pela FeNEA - Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil e apoiado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo CAU/RR na UFRR em 2019 para estudantes que desejam se aproximar da realidade social através de vivências em meio à comunidade. Diante da temática, o artigo propõe apresentar relatos da ação de Extensão com o título “Escritório-Modelo de Arquitetura e Urbanismo – EMAU/UFRR”, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da referida instituição e em meio a pandemia pelo Covid-19 e do isolamento social, recebeu como demanda institucional, a proposta para desenvolver seis projetos arquitetônicos para abrigos institucionais do Governo do Estado de Roraima.

Materiais como Normas técnicas, manuais de assistência social e trabalhos científicos foram usados como referência teórica para a construção do conhecimento que, aliados aos debates e discussões, foram essenciais para essa primeira fase do projeto. Tais documentos enfatizam que um abrigo é uma casa, lugar que deve oferecer proteção e conforto, ter como foco uma tipologia residencial, além da sua parte administrativa, dormitórios, serviços e saúde.

A próxima etapa consistiu de visitas técnicas aos abrigos já existentes, seguindo os critérios estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), com o objetivo de conhecer a vivência do nosso público-alvo dentro de seu lugar de acolhimento. Na ocasião, dialogamos com os institucionalizados e servidores, o que foi de extrema importância para entendermos suas necessidades. A pesquisa, relata o contexto das necessidades específicas, que eram parte do cotidiano dos usuários como atividades socioeducativas, espaços de interação, conforto paisagístico, etc. Coelho Netto (2014) explica o problema do processo na percepção arquitetônica ao fazer

a conexão entre o fantástico e o real, o 'moderno' e o corretamente adaptado. Ainda ressalta que o imaginário "não pode ser descrito como fantasia, alucinação, mas como o universo de um modo de relacionamento da consciência individual com objetos reais ou virtuais." (NETTO, 2014). Define-se, então, a relação do usuário com a Arquitetura, no que se refere à percepção e a verdadeira necessidade daquele espaço. Observou-se que, além das diretrizes legais para um bom desenvolvimento de um projeto arquitetônico de um Abrigo Institucional e dos parâmetros de conforto e segurança, é preciso ouvir e vivenciar os diversos atores presentes nos espaços, como os servidores públicos, diretores, os próprios institucionalizados e os visitantes. Durante as visitas técnicas, foi possível vivenciar o processo participativo da construção do novo Projeto para os Abrigos. Dessa forma, percebeu-se que a unidade de acolhimento consiste em lugar de relacionamentos, seja no contexto social, econômico ou cultural, que cria laços afetivos, identidade, proximidade com o lugar. Portanto, como resultado, os projetos arquitetônicos desenvolvidos pelo EMAU/UFRR irão contribuir para promover a qualidade de vida, o melhor convívio e a segurança social. Fica, tanto na memória arquitetônica como no íntimo profissional, a experiência da observação vivida nestes abrigos, servindo de força e estímulo para continuar sempre acreditando na contribuição da Arquitetura e do Urbanismo para a sociedade atrelando às questões econômicas, políticas e culturais, possibilitando a Pesquisa e o Ensino através da Extensão.


Palavras-chave: Abrigo Institucional, Vivência, Experiência, Projeto Arquitetônico, Roraima.

Referências bibliográficas

COELHO NETTO, J. Teixeira. A Construção do Sentido na Arquitetura. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 179p.

ESTATUTO, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescentes. Brasília-DF, 1990.

MINAYO, M. C. S. (org.) Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 6

LEGISLAÇÃO DE PREVENÇÃO E COMBATE A INCÊNDIO APLICADA AO MUSEU HISTÓRICO E DIPLOMÁTICO DO PALÁCIO ITAMARATY, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Amanda Ribeiro Carneiro

Mestranda PROARQ

Orientadora: Cêça Guimaraens

Esta pesquisa tem como objeto a aplicação das normativas institucionais de prevenção e combate a sinistros cujo estudo de caso é o Museu Histórico e Diplomático do Ministério das Relações Exteriores do Palácio Itamaraty. Localizado no Centro do Rio de Janeiro com entorno de grande valor cultural devido à inserção na história da cidade, a construção - incluso conjunto arquitetônico e respectivo acervo - expressa uma identidade simbólica da diversidade cultural e importância econômica para o nosso país. Ao considerar o atual contexto de proteção patrimonial no qual o Brasil está inserido, observo que o estudo das práticas de preservação e proteção dos edifícios de cunho histórico com relação aos riscos relacionados a incêndios ganha destaque. Acrescento que a relevância do tema se mostra cada vez mais consolidada nos meios profissionais e acadêmicos. Porém, ainda é necessário que as normatizações brasileiras abranjam aspectos particulares desse tipo de edificação, e para isso é necessário um estudo mais aprofundado sobre as metodologias que são implementadas.

Objetivo geral: Identificar as lacunas correspondentes à legislação de Prevenção e Combate a Incêndio no Museu Histórico e Diplomático do Palácio Itamaraty.

Objetivos específicos: Compreender o desenvolvimento do tema da segurança contra o fogo em edifícios protegidos; Entender quais são as opções teórico-metodológicas existentes para a elaboração de projetos de prevenção contra incêndio e pânico; Averiguar a adequação das normas de proteção contra incêndio existentes no que diz respeito às especificidades das edificações tombadas; Experimentar, de modo crítico e operativo, a aplicação dos conceitos e procedimentos estudados. Metodologia: Esse trabalho consiste na adoção de procedimentos empíricos, como revisão bibliográfica que aborda o tema “Prevenção e Segurança contra Incêndio e Pânico”, elaborado com base em publicações, de diversas naturezas, na área.

A elaboração da pesquisa está baseada em publicações de autores e instituições cujas obras se relacionam ao ponto proposto, bem como consultas às políticas públicas como leis, decretos e normas, também dentro da temática citada. Serão identificados, listados e analisados conceitos referen-

tes à temática de incêndio e edificações protegidas na contemporaneidade através de pesquisas nacionais/internacionais por volta dos últimos 20 (vinte) anos. Visitas à edificação foram realizadas para análise das condições atuais e possíveis levantamentos fotográficos e planialtimétricos; acesso a documentações; assim como visitas ao entorno do bem tombado, a fim de estudar as características do sítio urbano, a ambiência e os condicionantes.

Investigações e análises sobre os procedimentos teóricos-metodológicos para a implantação de procedimentos de segurança em projetos arquitetônicos (incluindo sinalização, rotas de fuga, dimensionamentos, entre outros) foram adotadas. Acrescenta-se a procura por referências de episódios em que o patrimônio material foi danificado ou completamente perdido devido a incêndios. Resultados: Em território nacional, uma vez que não há um código nacional contra incêndio e pânico, é delegada a cada estado a responsabilidade de elaborar as próprias normas. Portanto, de acordo com XAVIER, não há consonância quanto a aplicação dessas normas e os códigos de obras públicas dos estados e municípios que abrangem conteúdos relativos à segurança contra incêndio e frequentemente são adotados como fonte no que diz respeito à busca das normas a serem seguidas na construção de edificações (2017, p. 27).

Nessa conjuntura, o cenário patrimonial e do tombamento encontra-se ainda mais fragilizado, pois não há a obrigatoriedade de que o tema edificações históricas/tombadas seja abordado de forma específica nos nas Instruções/Normas técnicas do Corpo de Bombeiros de cada estado. Considera-se ainda a hipótese de que possam haver divergências nos parâmetros adotados dentre aqueles estados que tratam do assunto nos decretos apresentados.

Dentre 27(vinte e sete) corporações pesquisadas, 11(onze) não apresentam orientações específicas às Edificações Históricas, Museus e Instituições Culturais com Acervos Museológicos dentre as Instruções/Normas/Resoluções técnicas vigentes.

Apesar das discrepâncias que possam vir a ser descobertas, espera-se que os regulamentos devem possuir fundamentações análogas. O entendimen-

to das normativas nortearão a aplicação ao estudo de caso.

Palavras-chave: Museu Histórico e Diplomático, Prevenção e combate a incêndio, Legislação.

Referências bibliográficas

XAVIER, Abedolins Corrêa. Regulamentação Técnica e Prevenção de Incêndios. 2017. 87f. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) – Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil, 2017.

FORMAS E IDEIAS: A TENDÊNCIA DIALÉTICA NO SESC POMPÉIA

Weber Schimiti

Doutorando PROARQ

Orientadora: Cêça Guimaraens

“Esta apresentação é parte de uma pesquisa dedicada a museus e centros culturais brasileiros construídos no período 1980-2020, que se orienta pela compreensão da configuração formal e espacial dos edifícios como síntese arquitetônica realizada com base em conceitos estéticos, tecnológicos e socioculturais. A inauguração em Paris do Centro Pompidou (Piano e Rogers, 1977) consagrou um modelo de intervenção urbana baseado em edifícios culturais de uso massivo, destinado a revitalizar áreas degradadas. Cinco anos depois, o Centro Cultural São Paulo e o SESC Pompeia iniciaram uma linhagem de propostas que, desde a periferia do mundo ocidental, atualizou a arquitetura nacional pelo atendimento às novas pautas contidas nos projetos para museus e centros culturais. O estudo vem sendo desenvolvido de modo semelhante em todos os edifícios, e percorre aspectos tais como: implantação e relação com o entorno; acessos e percursos desde o âmbito público até os espaços principais; e elementos arquitetônicos de maior relevância para a caracterização da proposta. Com base nessa caracterização, são aproximados os conceitos-chave e o ideário à qual a proposta está relacionada (formas e ideias). Posteriormente são recuperados aspectos da biografia dos arquitetos e as visões aportadas pela crítica. Este artigo analisa o SESC Pompeia (Lina Bo Bardi, 1982) e destaca como chave para a compreensão dos procedimentos compositivos ali empregados a tendência dialética ou dualismo. Domínio do espaço (horizontalidade) x domínio da forma (verticalidade). Poupadas da demolição por opção de seu proprietário, as construções originais foram pouco alteradas. Mas, se por um lado, nos pavilhões da fábrica as novas atividades foram abrigadas de modo a não se descaracterizar o antigo envelope, por outro, no conjunto esportivo estas se organizam com base em ditames funcionais claros e suas implicações arquitetônicas saem à luz. Uma contraposição é instaurada: enquanto nos pavilhões a ênfase compositiva recai, introvertida, sobre o espaço interno, a complexa articulação volumétrica do conjunto esportivo exhibe o domínio da forma. Objeto construído x vazio. Desenhado para acolher os visitantes, logo à direita do acesso principal, cinco sheds cobrem o mais importante espaço do SESC Pompeia. Nesta grande área (aproximados 70 por 50 metros), a localização do volume elevado da biblioteca na faixa cen-

tral, delimita duas áreas, cada uma sob dois sheds. Esse volume pode ser visto como remanescente de uma ideia que surgiu nos primeiros croquis. Seria uma estrutura em concreto aparente, com piso emborrachado preto que ocuparia toda a extensão da área, em diversos níveis, acessíveis por escadas e rampas. Quando comparada àquela estrutura dos primeiros estudos, a definição formal integrada, concisa e singela da biblioteca reflete a degradação desse elemento na composição geral da sala. No complexo sistema anímico desse processo criativo, aquela estrutura inicial, pensada como orgânica, invasora e requalificadora da ordem espacial existente, como pela ação de um tropismo, tornou-se um discreto limite entre compartimentos onde a espacialidade é protagonista. Homogeneidade espacial x centralidade do fogo. Localizada na área de convivência, construtivamente, a lareira consiste numa base de pedras quadrangulares e uma coifa metálica pendurada nas tesouras do telhado. O conjunto cria um ambiente intimista, que remete ao âmbito doméstico. Partindo desse ponto, a chama gera um gradiente de círculos concêntricos de luz e calor, ou seja, uma singularidade que na sua essência, é conflitiva em relação à diretriz homogeneizante ao antigo galpão. Homogeneidade espacial x singularidade do rio Quase imperceptível à distância, na área de exposição, a linha da borda se abre em curvas à medida que nos aproximamos. Serpenteia curvilínea entre os pilares, indica percursos, forma remansos. Assim como o fogo, sua fluidez silenciosa, invade a homogeneidade do espaço fabril e se esparrama pelo amplo salão, para criar uma nova situação: onde a fábrica é linha reta, ela é curva; onde a fábrica é estática, ela é fluxo. Conclusão: tendência dialética ou dualismo. Elementos e procedimentos compositivos do SESC Pompeia podem ser relacionados à chamada tendência dialética ou dualismo, que admite a coexistência dois princípios ou posições contrárias, e que se filia a uma tradição própria do século XVIII, posteriormente absorvida pela Escola de Belas Artes francesa.

Palavras-chave: Arquitetura, Teoria da arquitetura, Crítica de arquitetura, Centro cultural Lina Bo Bardi.

Referências bibliográficas

BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

COLQUHOUN, Alan. La significación de Le Corbusier in A&V Monografías de Arquitectura y Vivienda n. 9, 1987, p. 70

COMAS, Carlos Eduardo. Lina 3x2. Arqtextos, n. 14, 2009. Disponível em https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_14/06_CEDC_lina%203x2_190110.pdf Acesso em 31/09/22.

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis. El fuego del hogar. La producción histórica del espacio isotérmico. A&V Monografías de Arquitectura y Vivienda, n.14 p.33-48. 1988

A GESTÃO COMO ELEMENTO DE PRESERVAÇÃO DOS MUSEUS A CÉU ABERTO: O CASO DA QUINTA DA BOA VISTA, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Isabel Cristina Ferreira Ribeiro

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Cêça Guimaraens

O resumo apresenta um recorte do exame de qualificação de doutorado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no ano de 2021. A pesquisa tem como proposta estudar a relação entre a arquitetura, os espaços culturais e a paisagem com foco investigativo específico na gestão de museus. A partir da análise do Parque Municipal da Quinta da Boa Vista e seus espaços expositivos foram estudados modelos de gestão de museus na contemporaneidade, localizados no Brasil e exterior. Entendendo-se que: o museu é o local do fato “museal”; mas para que esse fato se verifique com toda a sua força, é necessário “musealizar” os objetos (os objetos materiais tanto quanto os objetos-conceito). (RÚSSIO, in BRUNO 2010, p. 125). Para Desvallées: “O museu ultrapassa suas paredes. Suas coleções estão em toda parte. Tudo lhe pertence. Todo patrimônio é museal e não apenas museificável. Tudo é museu!” (DESVALLÉES, 1989, p. 14). Diante dessa reflexão e inspirada pela perspectiva que parques são passíveis de musealização a partir do potencial museal que possuem, a autora propõe que se adote o conceito de museu-parque com o intuito de reverter a descaracterização do ambiente, do patrimônio construído e a degradação do local, problema que perpassa a principal questão do trabalho: Houve um esvaziamento do Parque da Quinta da Boa Vista, pela falta de articulação entre a arquitetura, a paisagem e as demandas socioculturais promovida pelo desconhecimento dos valores e objetos patrimoniais, alinhado a falta de políticas públicas, relativas à conservação e preservação dos parques públicos? Para viabilizar a busca por respostas à problemática delineada, faz-se necessária a utilização de uma metodologia de pesquisa adequada ao objeto de estudo, às questões colocadas e às condições materiais da investigação. A estratégia de pesquisa utilizada é a de estudo de caso. De acordo com Groat e Wang, o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno ou cenário histórico e contemporâneo inseridos em algum contexto da vida real. (GROAT; WANG, 2013, p. 415). Por conseguinte, a pesquisa busca reunir referências necessárias à fundamentação teórica entre órgãos gestores e públicos, buscando compreender os usos e atividades da Quinta da Boa Vista objetivando colher dados que possam servir de parâmetro

que possibilitarão subsídios para elaboração de um plano de gestão museal para o Parque. O objetivo principal da pesquisa ora em andamento, é analisar o complexo da Quinta da Boa Vista percebido como uma grande museografia a céu aberto, a partir da relação entre a arquitetura, os espaços culturais e a paisagem para indicar estratégias de sua gestão. Para alcançar esse resultado, os objetivos específicos incluem: pesquisar as redes integradas de equipamentos culturais cujas funções possuam uma lógica de dinamização democrática; estudar modelos de gestão de museus no Brasil e exterior; identificar os recursos culturais e paisagísticos existentes no parque da Quinta da Boa Vista; verificar as formas de gestão da Quinta da Boa Vista; fomentar ações que fortaleçam os sentimentos identitários e competências de cidadania; e contribuir para o conhecimento e preservação da Quinta da Boa Vista. Como procedimento metodológico, foram realizadas pesquisas em obras literárias sobre a história do Parque Municipal da Quinta da Boa Vista; documentos que incluíram leis municipais, estaduais e federais; projetos, notícias dos jornais regionais e fotos do acervo da instituição; arquivos, sites especializados, teses e dissertações a respeito do tema. Analisando a Quinta da Boa Vista como um espaço museográfico foi possível verificar que “os museus são espaços públicos que constroem representações sociais e estas suportam regimes particulares de poder; mas tais representações também podem ser desconstruídas e/ou contestadas e/ou diversificadas”. (DUARTE, 2013, p.112). Acredita-se, que o trabalho realizado até o momento sobre o objeto de estudo foram fundamentais para a compreensão e reconhecimento dos valores locais com intuito de salvar o patrimônio, associando o passado e a memória, respeitando suas heranças culturais e o espírito do lugar. A fim de garantir legibilidade, integridade e visibilidade, estão sendo levantadas as orientações e estabelecidos os critérios de preservação e conservação do parque que possibilitará diretrizes para elaboração de um plano de gestão museal para a Quinta da Boa Vista.

Palavras-chave: Gestão, Preservação Museus a céu aberto, Quinta da Boa Vista, Paisagem Cultural.

Referências bibliográficas

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (coord.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. 2 v. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado da Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

DESVALLÉES, André. A Museologia e os museus: mudanças de conceitos. in *Cadernos Museológicos*, 1. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/SPHAN - Pró-Memória, 1989.

DUARTE, Alice. Nova museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. *Revista Museologia e Patrimônio. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, v. 6, n. 1, p. 99-117, PPG-PMUS Unirio, MAST, 2013.

GROAT, Linda; WANG, David. *Architectural Research Methods*. New York: John Wiley & Sons, 2013.

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E CONSERVAÇÃO DO IMÓVEL CULTURAL PROTEGIDO

Isabela Peixoto de Mello

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Cêça Guimaraens

O Município do Rio de Janeiro criou a APAC (Área de Proteção do Ambiente Cultural) e dentro dela os imóveis que são de interesse público pelo seu valor histórico, artístico ou cultural são salvaguardados pelo Município. Eles podem ser tombados, preservados ou passíveis de renovação (ou tutelados). Os imóveis protegidos são inseridos dentro da Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC), definida como aquela que apresenta “relevante interesse cultural” e “características socioespaciais identificadas como relevantes para a memória da cidade e para a manutenção da diversidade da ocupação urbana constituída ao longo do tempo”. (Lei Complementar nº 111, 2011). O bem passível de renovação é situado em uma APAC e integra “a ambiência dos conjuntos urbanos preservados”. (Lei Complementar nº 111, 2011). O imóvel preservado são os que compõem “conjuntos urbanos de interesse” com “características tipológicas e morfológicas que conferem identidade cultural à área”. Não podem ser demolidos. (Lei Complementar nº 111, 2011). A (Lei Complementar nº 111, 2011) estabelece ainda em seu parágrafo 1º que “poderão ser estabelecidos diferentes graus de proteção para os bens preservados ou passíveis de renovação de acordo com sua classificação”. O imóvel tombado tem relevante valor histórico, artístico ou cultural e a sua propriedade está sujeita a restrições para garantir a sua conservação e impedir a sua descaracterização. Os imóveis tombados “não podem ser destruídos, demolidos, mutilados” e “não podem ser reparados, pintados ou restaurados” “sem prévia autorização especial do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional” (Brasil, Decreto nº 25, 1937). A propriedade de um imóvel tombado envolve mais obrigações em relação à sua conservação. A percepção geral é que as restrições ao direito da propriedade do bem tombado geram grande ônus. A lei nº 10.257 permite em seu artigo 47 que o Estado diferencie tributos e tarifas relativas a serviços públicos urbanos em função do interesse social (Brasil, Lei nº 10.257, 2001). Neste sentido, alguns municípios conferem isenção do Imposto sobre Propriedade Territorial Urbana (IPTU) para auxiliar e encorajar a conservação. Assim como a isenção de IPTU foram criados em alguns municípios outros instrumentos urbanísticos que valorizam o patrimônio cultural como a outorga onerosa ou como a Transferência do Direito de Construir (Yagome, s.d.).

A própria APAC é uma forma de valorizar o patrimônio. Na outorga onerosa poderá ser construído “acima do coeficiente de aproveitamento básico adotado, mediante uma contrapartida a ser prestada pelo beneficiário”. (Brasil, Lei nº 10.257, 2001). No caso da transferência do direito de construir, o proprietário poderá ser autorizado por “lei municipal baseada no plano diretor” “a exercer em outro local, ou alienar, mediante escritura pública, o direito de construir previsto no plano diretor ou legislação urbanística dele decorrente” (Brasil, Lei nº 10.257, 2001). É importante estudar se assim como no caso da isenção de IPTU se há uma valorização realmente percebida pelo mercado ou se as limitações impostas pela legislação tornam o imóvel apenas um “elefante branco”. Ressalta-se que nem todo imóvel cultural protegido é possível se construir de forma que instrumentos como outorga onerosa e transferência do direito de construir talvez não tenham o efeito desejado para alguns bens. Nesta pesquisa, serão analisados cada um dos instrumentos urbanísticos adotados no Município do Rio de Janeiro, abordando suas propostas e comparando com instrumentos adotados em outros municípios. A metodologia será qualitativa de pesquisa bibliográfica e quantitativa, analisando o mercado imobiliário de bens protegidos através de gráficos e estatísticas. Para a análise do mercado imobiliário já foram coletados os elementos amostrais de imóveis com diferentes graus de proteção. Foi pesquisado valor, área e estado de conservação de cada um dos imóveis e estão sendo preparadas estatísticas e gráficos das informações obtidas até agora. O objetivo será verificar o impacto das políticas atuais de conservação e manutenção do Patrimônio Cultural no mercado imobiliário desses bens. Será estudado como o mercado percebe esses benefícios. Este estudo contribuirá para implementação de outras políticas ou melhoria das já existentes através de dados objetivos de mercado.

Palavras-chave: APAC, instrumentos urbanísticos, valorização.

Referências bibliográficas

BRASIL. (30 de novembro de 1937). Decreto nº 25.

BRASIL. (10 de julho de 2001). Lei nº 10.257.

FIPEZAP. (s.d.). Fonte: <https://fipezap.zapimoveis.com.br/>

MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. (4 de junho de 1992). Lei Complementar nº 16.

Lei Complementar nº 111. (01 de 02 de 2011).

YAGOME, L. (s.d.). Fonte: <https://www.yagome.com.br/avaliacao-de-imovel-tombado/> Acesso em 04/09/2022.

TEORIA E PRÁTICA DA ADAPTAÇÃO DE USO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ayesha de Oliveira Luciano

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Rosina Trevisan

O processo de industrialização que ocorreu no século XIX resultou em mudanças tecnológicas, sociais, culturais, econômicas, nas relações de trabalho, entre outros aspectos. A arquitetura industrial surgiu nesse período para atender as demandas dos novos processos produtivos. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, com as modificações econômicas que levaram ao processo de desindustrialização das cidades, a indústria perdeu significativamente o papel de principal força motriz da economia urbana. A obsolescência funcional resultante desse processo levou imensos complexos industriais ao abandono: como consequência, essas edificações e conjuntos urbanos ficaram à mercê das pressões econômicas da especulação imobiliária e planos de urbanização que desconsideraram as preexistências em nome da modernização das cidades. A situação de fragilidade desses espaços tão importantes como testemunhos históricos do desenvolvimento da cidade, das tecnologias e das relações de trabalho, levou a outro processo: a valorização dos remanescentes industriais como patrimônio. As discussões sobre o patrimônio industrial, que ocorrem segundo Beatriz Kuhl (2008) no contexto de ampliação das categorias de monumento, já abrangiam uma grande gama de bens entendidos e categorizados como herança da industrialização a ser valorizada e preservada. A adaptação de uso é imprescindível à preservação do patrimônio, conforme já havia sido defendido por diversos autores, como Riegl (1999) e reiterado pela Carta de Veneza (1964). A adaptação dos bens patrimoniais aos usos e necessidades do presente de modo geral requer intervenção, o que implicará, necessariamente, em algum tipo de modificação, em maior ou menor grau, de suas características. Entretanto, é preciso compreender quais valores conferem significância cultural ao patrimônio industrial, de modo que as alterações realizadas no âmbito dos processos de adaptação de uso não comprometam a preservação dos mesmos. É importante observar que muitas intervenções em edificações e conjuntos urbanos industriais aconteceram – e, de certa forma, ainda acontecem – associados a planos de requalificação urbana, que não raro são cooptados pelo interesse do mercado imobiliário, o que faz com que questões importantes para a preservação do patrimônio industrial sejam desconsideradas. Projetos de intervenção no patrimônio muitas

vezes ignoram preexistências em prol da adaptação ao novo uso, considerando edificações tombadas como mero invólucro e desconsiderando suas características espaciais e seus valores simbólicos e documentais. Também é comum em algumas intervenções para adaptação de uso no patrimônio a busca por uma nova imagem através do uso indiscriminado de novas técnicas e materiais: Françoise Choay (2005) chama esse processo de fetichismo da técnica, que resulta na desvalorização de bens do passado em prol da promoção de novas técnicas e tecnologias. Tais processos podem ser prejudiciais à preservação do patrimônio industrial, pois embora não resultem na destruição total da materialidade do patrimônio, tais projetos podem acarretar a perda dos valores que justificam a preservação desses bens. Este trabalho refere-se à pesquisa desenvolvida no âmbito do doutorado que tem como tema a articulação entre teoria e prática nas adaptações de uso do patrimônio industrial. O recorte espacial para a realização da pesquisa é a cidade de Juiz de Fora, localizada na Zona da Mata mineira, onde existe um significativo repertório de bens tombados remanescentes do processo de industrialização. Outrora conhecida como “Manchester Mineira”, a cidade de Juiz de Fora possui uma ligação forte com o seu patrimônio industrial, que é fortemente associado com a própria história de desenvolvimento da cidade e seu passado de pioneirismo e inovação. O processo de obsolescência funcional que levou ao abandono das edificações industriais na cidade resultou em diversos processos de adaptação de uso desse patrimônio. Nesse sentido, a questão central que buscamos investigar na pesquisa de tese doutoral é se os projetos de adaptação de uso do patrimônio industrial na cidade de Juiz de Fora, preservam, de fato, os valores que dão significância a esse patrimônio, ou se, pelo contrário, existe uma desconexão entre teoria e prática em tais intervenções. O presente trabalho corresponde à fase inicial de investigação, na qual são levantadas questões e hipóteses que irão direcionar o processo subsequente de pesquisa de tese doutoral.

Palavras-chave: Patrimônio industrial, Preservação do Patrimônio, Valores do Patrimônio, Teoria do Restauro, Adaptação de Uso.

Referências bibliográficas

CARTA DE VENEZA: Carta internacional sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios. 1964. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>> Acesso em 23 de agosto de 2022.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora UNESP, 2006 (5ª Edição).

KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização – Problemas teóricos de restauro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

RIEGL, Alois. El Culto Moderno a los Monumentos. Madrid: Visor Dis., S.A, 1999.

ARQUITETURA MODERNA EM RORAIMA: REDESENHO DA CATEDRAL CRISTO REDENTOR

Claudia Helena Campos Nascimento

Pós-doutoranda PROARQ

A importância da Catedral Cristo Redentor para a cultura roraimense ultrapassa seu valor como templo, sendo marco histórico de introdução da linguagem moderna em Boa Vista. Localizada no Centro Cívico, foi projetada pelos engenheiros italianos Mário Fiameni e Luigi Cappa Bava, oriundos da Politécnica de Turim, sob intermédio do bispo D. Servílio Conti. Foi edificada entre 1967 e 1972, sob a condução pelo mestre-de-obras e irmão-leigo, também italiano, Pedro Menegon. A ausência de profissionais capacitados para a produção em concreto armado, aliado à dificuldade de acesso a materiais de construção foram desafios que marcam o pioneirismo da técnica na capital roraimense. O acesso rodoviário, precariamente, somente surgiu a partir do final da década de 1970. Assim, vários materiais e alfaias, trazidos diretamente da Itália, naufragaram no rio Branco a caminho de Boa Vista. O presente trabalho visa compreender a estratégia projetual através da análise dos documentos originais, que marcam a linguagem desses autores, que demonstram grande erudição arquitetônica na expressão de seus desenhos. Desta forma, foi desenvolvida pesquisa documental no acervo da Prelazia de Roraima, com o registro fotográfico das propostas disponíveis e posterior digitalização de alguns documentos do projeto executado. A partir desses registros foi desenvolvida a reconstrução digital do projeto original, a fim de que fosse possível estabelecer o grau de compatibilidade com o edifício, tal como executado. Soma-se ao método de pesquisa o contraponto com outras fontes e contribuições historiográficas. O documento arquivístico e documento arquitetônico, e sua dupla essência – projeto e edifício – são monumentos de um tempo a eles referentes, não sendo inócuo, mas “o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas (...)” (LE GOFF, 1996. p. 538). Em 2011 foi produzida uma publicação (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA, 2011) com dados históricos sobre a Catedral que, embora concluída em 1972, passou por nova obra que lhe constituiu a forma atual. A produção desse livreto baseou-se nesse mesmo acervo documental. O contraponto da avaliação do projeto e do edifício pelo processo de redesenho, permitiu a interpretação através dos registros gráficos, excluindo hipóteses e narrativas populares, visto que esses documentos são

ricos em anotações dos arquitetos para a instrução do mestre Menegon. Foram identificadas quatro propostas: a original, uma variante datada do mesmo ano, uma série de estudos em croquis e perspectivas (todas com o uso plástico e estrutural do concreto armado) e, por fim, uma proposta bem diversa, quase um galpão, onde a madeira surge como opção. A crítica que se registra sobre o projeto original é que seria muito complexo para a sua execução, contudo, o processo de redesenho apontou que, a despeito de sua volumetria imponente, os princípios gráficos da concepção projetual eram simples e contribuíam para a exequibilidade da proposta em Roraima. A implantação se baseia em um triângulo sagrado de terno pitagórico: aquele cujos lados são compostos por números inteiros e em progressão aritmética, 3-4-5. Sobrepõe a esse triângulo um grid com modulação 2,00 x 2,00m, que estabelecem a posição das paredes, colunas e pontos notáveis que gravam centros de raios que definiam as curvaturas das paredes do templo. Enfim, um projeto baseado em princípios geométricos que facilitavam sobremaneira a locação de toda a obra, com uso de recursos bastante simples. Elementos ausentes na execução original do templo, como os vitrais, na verdade não possuem registro nas pranchas técnicas, e surgem como elemento iconográfico solto na documentação. Concluímos que o estudo dos documentos técnicos e de arquitetura da Catedral Cristo Redentor aponta para uma concepção de fácil execução, com princípios plásticos de grande erudição e inteligência. O redesenho mostrou ser importante instrumento para revelar esses aspectos próprios da elaboração do projetista, invisíveis no monumento-edifício, como linhas de construção e modulações. A digitalização do acervo e o estudo dessa documentação, proveniente de Turim-Itália, se fazem urgentes, diante da importância documental e estado de conservação. Nisso, o redesenho cumpre dupla função: de resguardar a informação em formato digital, reduzindo manuseios, e permitir a atenção durante o processo de produção de aspectos capazes de emular as qualidades projetuais.

Palavras-chave: Arquitetura roraimense, Luigi Cappa Bava, Mario Fiameni, Arquivo de arquitetura.

Referências bibliográficas

EVANGELISTA, Felipe Alves. (monografia de graduação em Arquitetura e Urbanismo). Boa Vista: UFRR, 2022.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA. Igreja Catedral Cristo Redentor. Boa Vista: Gráfica Ióris, 2011.



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 7

CONTRIBUIÇÕES DA ARQUITETURA PARA UMA AMBIÊNCIA URBANA RESPONSIVA

Andréa Cristina Soares Cordeiro Duailibe

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Sylvia Rola

O Processo de acolhimento institucional, abordado pelo Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito da criança e do adolescente, tem como princípio em sentido estrito de “abrigo”, que consiste em uma medida de “proteção especial” prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e definida como “provisória e excepcional” (ECA, art. 101). O EMAU é um projeto de Extensão criado pela FeNEA - Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil e apoiado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo CAU/RR na UFRR em 2019 para estudantes que desejam se aproximar da realidade social através de vivências em meio à comunidade. Diante da temática, o artigo propõe apresentar relatos da ação de Extensão com o título “Escritório-Modelo de Arquitetura e Urbanismo – EMAU/UFRR”, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da referida instituição e em meio a pandemia pelo Covid-19 e do isolamento social, recebeu como demanda institucional, a proposta para desenvolver seis projetos arquitetônicos para abrigos institucionais do Governo do Estado de Roraima.

Materiais como Normas técnicas, manuais de assistência social e trabalhos científicos foram usados como referência teórica para a construção do conhecimento que, aliados aos debates e discussões, foram essenciais para essa primeira fase do projeto. Tais documentos enfatizam que um abrigo é uma casa, lugar que deve oferecer proteção e conforto, ter como foco uma tipologia residencial, além da sua parte administrativa, dormitórios, serviços e saúde.

A próxima etapa consistiu de visitas técnicas aos abrigos já existentes, seguindo os critérios estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), com o objetivo de conhecer a vivência do nosso público-alvo dentro de seu lugar de acolhimento. Na ocasião, dialogamos com os institucionalizados e servidores, o que foi de extrema importância para entendermos suas necessidades. A pesquisa, relata o contexto das necessidades específicas, que eram parte do cotidiano dos usuários como atividades socioeducativas, espaços de interação, conforto paisagístico, etc. Coelho Netto (2014) explica o problema do processo na percepção arquitetônica ao fazer

a conexão entre o fantástico e o real, o 'moderno' e o corretamente adaptado. Ainda ressalta que o imaginário "não pode ser descrito como fantasia, alucinação, mas como o universo de um modo de relacionamento da consciência individual com objetos reais ou virtuais." (NETTO, 2014). Define-se, então, a relação do usuário com a Arquitetura, no que se refere à percepção e a verdadeira necessidade daquele espaço. Observou-se que, além das diretrizes legais para um bom desenvolvimento de um projeto arquitetônico de um Abrigo Institucional e dos parâmetros de conforto e segurança, é preciso ouvir e vivenciar os diversos atores presentes nos espaços, como os servidores públicos, diretores, os próprios institucionalizados e os visitantes. Durante as visitas técnicas, foi possível vivenciar o processo participativo da construção do novo Projeto para os Abrigos. Dessa forma, percebeu-se que a unidade de acolhimento consiste em lugar de relacionamentos, seja no contexto social, econômico ou cultural, que cria laços afetivos, identidade, proximidade com o lugar. Portanto, como resultado, os projetos arquitetônicos desenvolvidos pelo EMAU/UFRR irão contribuir para promover a qualidade de vida, o melhor convívio e a segurança social. Fica, tanto na memória arquitetônica como no íntimo profissional, a experiência da observação vivida nestes abrigos, servindo de força e estímulo para continuar sempre acreditando na contribuição da Arquitetura e do Urbanismo para a sociedade atrelando às questões econômicas, políticas e culturais, possibilitando a Pesquisa e o Ensino através da Extensão.

Palavras-chave: Abrigo Institucional, Vivência, Experiência, Projeto Arquitetônico, Roraima.

Referências bibliográficas

COELHO NETTO, J. Teixeira. A Construção do Sentido na Arquitetura. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 179p.

ESTATUTO, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescentes. Brasília-DF, 1990.

MINAYO, M. C. S. (org.) Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PAISAGEM-POLÍTICA: O REFLEXO DO TERRITÓRIO DOS SEM-TERRA NA PAISAGEM RURAL DO RIO DE JANEIRO

Vanessa Sartori Rodi

Mestranda PROARQ

Orientador: Rubens de Andrade

Introdução: O território rural grosso modo é delimitado por fronteiras e destaca-se pelo contexto socioespacial que o distancia de uma relação direta com a cidade. Tal referencial não diz respeito somente às questões relacionadas ao espaço físico, mas também na cultura, nos modos de fazer e viver. Considerando o território como base para a construção de uma paisagem a qual abrange esferas que vão além da Natureza, tendo matrizes sociais, econômicas e políticas; as quais definem sua forma de construção e sua imagética. Sendo assim, o meio rural é repleto de conflitos e lutas de grupos que possuem interesses econômicos e políticos. A referência em questão remonta a época Brasil colônia, fase essa na qual foi instaurado um modelo de base agrário e extrativista, estabelecido dentro de um contexto relacionado diretamente ao trabalho escravo. Sendo assim, o próprio território rural abarca um caleidoscópio de paisagens e imagéticas, as quais são definidas pelos grupos que ali presente contribuem para a formação de uma tal paisagem *suis generis*, eivadas de ideologias próprias que dizem respeito às suas tradições e ao tipo de relação que estão firmadas nesse território agrícola. O que se pretende investigar neste trabalho são as dinâmicas socioespaciais de paisagens através das quais, em específico no campo rural, organizadas por grupos sociais que estão à margem da sociedade e são criminalizados. Corpos que lutam contra a hegemonia do capital e que se relacionam com a Natureza e com o seu produzir a vida, demarcando uma relação distinta à cultura urbana e às elites do agronegócio no Brasil. Eis, portanto, o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, um dos maiores movimentos sociais populares do Brasil, o qual luta por uma reforma agrária popular e pelo respeito à Natureza com seus direitos próprios (GUDYNAS, 2015), indo contra uma lógica capitalista agrícola. Objetivos: Busca-se explorar os processos vivenciados por um grupo social forjado pela resistência ativa política e cultural e o seu potencial intrínseco de construir paisagens ante o fluxo de itinerâncias, a liquidez do mundo rural contemporâneo e as pressões exercidas nesses corpos. Avalia-se, portanto, ser possível formular arcos conceituais sobre o pensar paisagem entre contexto político (BESSE, 2014) e ecológico, potencializando a construção de matrizes que apontem a elaboração de critérios analíticos para: a) Identificar elementos

que compõem e formam a paisagem dos assentamentos do MST sob a óticas de seus usos, apropriações e convivialidades, no interesse de aprofundar uma leitura sobre a concepção da formação do território e a divisão e qualificação dos seus espaços; b) Caracterizar três arcos de matrizes da paisagem: arco político, arco da práxis e o arco da estética, c) Elaborar um caderno síntese estético dos resultados imagéticos elaborados e coletados ao longo da pesquisa. Metodologia: Pretende-se adotar os métodos de pesquisa qualitativa para atingir os objetivos da pesquisa (GROAT e WANG, 2013). No método qualitativo propõe-se adotar a abordagem integrativa somando duas de suas três escolas de pensamento e seus métodos: (1) etnográfico e (2) fenomenológico. Somando-se a isso, a aproximação com o movimento MST-RJ se deu por meio do grupo CACI, onde pretende-se criar uma relação de troca prestando assistência técnica para o MST, em específico no Armazém do Campo. Resultados e conclusões: Como produtos da investigação, a elaboração de cartografias, desenhos e fotografias autorais – a partir das experiências da autora e do contato próximo com os territórios do MST/RJ - são essenciais para promover a metodologia descrita acima, a fim da possibilidade da preparação de um quadro imagético das matrizes da paisagem dos territórios do MST. Sendo o material que embasará a interpretação e análise crítica da paisagem, além de fomentar o produto estético-imagético final desta pesquisa.

Palavras-chave: Paisagem-política, socioespacialidades, estética rural MST.

Referências bibliográficas

BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

GROAT, LINDA.WANG, David. Architectural Research Methods. Seconded. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013.

GUDYNAS, Eduardo. Derechos de la naturaleza: ética biocéntrica y políticas ambientales. 1a ediçãoed. Lima: Editorial Abya-Yala, 2015.

A INFLUÊNCIA DAS ÁRVORES PARA O CONFORTO AMBIENTAL: NOVA METODOLOGIA

Miguel Nogueira da Motta

Graduando BIOLOGA/UFRJ

Suzana de Oliveira Gomes

Graduanda EBA/UFRJ

Maria Eduarda Mira Valentim

Graduanda FAU/UFRJ

Gabriela Oliveira Maia

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadora: Virgínia Vasconcellos

Este trabalho apresenta as alterações propostas para a aplicação do método CPCo - Classificação da Permeabilidade das Copas (VASCONCELLOS, 2020) utilizado na Pesquisa Projeto e Conforto Ambiental: Vegetação e Sustentabilidade no Ambiente Construído. Elas foram feitas com o objetivo de facilitar o cálculo de permeabilidade em campo e auxiliar no avanço do estudo dos efeitos da vegetação no conforto térmico urbano. A vegetação é de grande importância para mitigar problemas resultantes da urbanização, como a redução da cobertura vegetal, a alta impermeabilização do solo, o crescente desconforto térmico, a biodiversidade reduzida e os altos índices de poluição sonora, atmosférica e visual (PINHEIRO e SOUZA, 2017). Com o potencial de reduzir a amplitude térmica local, filtrar poluentes da atmosfera, formar barreiras sonoras, auxiliar na conservação da biota nativa e diminuir a retenção de calor nas cidades, a vegetação - sobretudo arbórea -, se mostra elemento indispensável no planejamento urbano. As árvores também são capazes de aumentar a retenção de água pelo solo, disponibilizar sombra e, ao transpirarem, aumentar a umidade do microclima ao seu redor. Ao se considerar estes fatores, verifica-se que as espécies arbóreas podem ser enquadradas como estratégias para mitigar os efeitos das mudanças climáticas em grandes centros urbanos, pois a criação/manutenção de áreas verdes públicas, intercalando a malha urbana, proporciona um melhor balanço ambiental das regiões urbanizadas e preserva a integridade física e psicológica de seus moradores. Relacionados aos seus efeitos diretos no conforto térmico estão a redução do consumo energético (HESSLEROVÁ et al., 2021) – com a menor necessidade do uso de aparelhos de climatização –, e o incentivo às atividades ao ar livre, com efeitos na saúde física e mental da população. A importância desse estímulo ficou evidente especialmente na Pandemia da SARS-CoV-2 (TENDAIS e RIBEIRO, 2020), onde ficou ressaltada a relevância de áreas verdes públicas para interação social e a prática das mais diversas atividades com risco reduzido de contaminação. A maior visitação a espaços livres também pode proporcionar benefícios sociais e culturais ao incentivar a interação da população com o espaço público, de modo a favorecer sentimentos de pertencimento e zelo pelo local, ao mesmo tempo que estimula a interação entre a vizinhança próxima

a estes espaços. Dessa maneira, a criação de padrões metodológicos para o estudo dos benefícios da vegetação é vantajosa, pois fomenta a reunião de um maior número de dados que justifiquem, auxiliem e incentivem projetos de arborização. A Pesquisa Projeto e conforto ambiental: vegetação e sustentabilidade no ambiente construído, de fluxo contínuo, possui caráter experimental e tem como objetivo principal a classificação da permeabilidade das copas arbóreas e sua correlação com o conforto térmico promovido por elas. Para isto, a pesquisa parte de levantamentos bibliográficos, de campo, registros fotográficos e medições com instrumentos de precisão. No decorrer da pesquisa foram utilizados três diferentes procedimentos ao método CPCo, para o cálculo de permeabilidade, um sucedendo o outro com base na praticidade, confiabilidade e acessibilidade aos instrumentos usados, todos efetuando registros fotográficos sob as copas das árvores. A princípio, o cálculo da permeabilidade era realizado manualmente, processo substituído pelo uso de softwares, que permitiam cálculo mais rápido e eficiente. Contudo, ainda não havia sido definido qual software seria utilizado, apenas que este deveria trabalhar as fotos das copas de maneira a detectar os cheios e vazios da imagem e calcular sua proporção. Com o isolamento social, as idas a campo foram inviabilizadas e o grupo de pesquisa focou em aprimorar o método existente e definir um único e mais rápido e eficiente software para o cálculo. O software escolhido foi o GLAMA ('Gap Light Analysis Mobile App'), que, apesar de criado para análise de dossel florestal, se mostrou promissor para a pesquisa, uma vez que é gratuito e permite o cálculo instantâneo utilizando imagens retiradas em campo, exigindo apenas o uso de lentes olho de peixe e um aparelho celular. Com a suspensão do isolamento social, foi possível o retorno a campo para testar o novo instrumento e comparar os dados obtidos anteriormente, o que permitiu ratificar a eficácia, o bom rendimento e a confiabilidade dos dados obtidos com o Programa GLAMA.

Palavras-chave: Arborização Urbana, Conforto Térmico, Espaços Livres Públicos, Microclima, Sustentabilidade ambiental.

Referências bibliográficas

HESSLEROVÁ, P. et al. The impacts of greenery on urban climate and the options for use of thermal data in urban areas. *Progress in Planning*, v. 159, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.progress.2021.100545>.

PINHEIRO, C. R.; SOUZA, D. D. de. A importância da arborização nas cidades e sua influência no microclima. *Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 67 - 82, abr./set. 2017.

TENDAS, I.; RIBEIRO, A.I. Espaços verdes urbanos e saúde mental durante o confinamento causado pela COVID-19. *Finisterra*, v.55, n.115, p.183-188, ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis20184>.

Disponível <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/20184>. Acesso em: 17 fev. 2022.

VASCONCELLOS, V. M. N. Método para a classificação da permeabilidade de copa de árvores. *V!RUS*, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=13&lang=pt>. Acesso em: 31 Jan. 2022.

PLANOS DE CONSERVAÇÃO E AS MÚLTIPLAS CAMADAS DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Clarice Futuro Mühlbauer

Mestranda PROARQ

Orientadora: Cristiane Duarte

Ultrapassamos a marca dos 30 anos da chamada “Constituição Cidadã”. Pautada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária; na promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor e idade e quaisquer outras formas de discriminação; e na redução das desigualdades sociais e garantia do desenvolvimento nacional a Carta Magna brasileira parece apontar (novamente) o caminho necessário para uma reestrutura política e um novo desenho de sociedade. No campo do patrimônio cultural não é diferente, em seu artigo 216 a Constituição Federal de 1988 apresenta os bens que constituem o patrimônio cultural brasileiro: “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Brasil, 1988) e indica que caberá não só ao Poder Público, mas também a comunidade, a promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro. O tema da participação social também é basilar para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, pactuados pelos Estados-membros da ONU na Agenda 2030. Assunto que ecoa nas recomendações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Em seu manual de referência para gestão do patrimônio mundial cultural, a UNESCO (2016) apresenta o crescimento da abordagem “baseada em valores” (na qual os integrantes da sociedade participam da atribuição de valor), em detrimento da abordagem “convencional” (onde apenas os especialistas atribuem valor) nos processos de reconhecimento e gestão da conservação do patrimônio cultural, recomendando a utilização da ferramenta “plano de conservação”. Outros documentos, produzidos por órgãos internacionais de preservação do patrimônio cultural, seguem apontando nessa mesma direção, como a Declaração de Delhi, sobre Patrimônio e Democracia, onde o ICOMOS convida a todos a: “promover processos democráticos inclusivos de engajamento comunitário: de todas as pessoas, por todas as pessoas, para todas as pessoas” (ICOMOS, 2017, tradução nossa). Nesse cenário, a pesquisa em andamento tem como premissa que os integrantes da sociedade atribuem significados diversos ao patrimônio cultural e que essa compreensão apoia processos decisórios mais inclusivos e com maiores chances de ressonância com a sociedade na qual um

bem está inserido. Essa ideia se alinha com os interesses do Laboratório de Pesquisa em Arquitetura, Subjetividade e Cultura do PROARQ, que foca na relação pessoa-espço construído, analisando fatores de ordem subjetiva e cultural que participam da construção do Lugar, da memória e da identidade espacial dos grupos socioculturais. Busca-se a compreensão das formas de identificação e apresentação das diversas camadas de significados que compõe um bem/lugar considerado como patrimônio cultural e que melhor se adequem ao ciclo de um “plano de conservação”, ferramenta proposta pela Política do Patrimônio Cultural Material (PPCM) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, como instrumento de conservação (Brasil, 2018). O uso da ferramenta conforme proposta por James Kerr (2013) determina o pensar de forma estruturada e proporciona às pessoas envolvidas com o sítio a oportunidade de avaliar como e por que ele é significativo, identificar as vulnerabilidades desse significado cultural e definir o que deve ser feito para conservá-lo no caso de qualquer uso futuro, alteração ou reparo. A proposta dessa pesquisa é: 1. Mapear atores/ stakeholders (instituições, associações, organizações não governamentais...); 2. Levantar, analisar e experimentar procedimentos do método qualitativo de pesquisa para identificação das camadas de significado que compõe um bem/ lugar considerado patrimônio cultural; 3. Construir a Declaração de Significância para um bem reconhecido como patrimônio cultural sintetizando o que é o lugar? o porquê é importante? E como esta importância se manifesta hoje?

Palavras-chave: Democracia, patrimônio cultural, plano de conservação, declaração de significância valores.

Referências bibliográficas

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2020].

UNESCO Brasil, Iphan. Gestão do Patrimônio Mundial Cultural. (Manual de referência do patrimônio mundial). Brasília: 2016.

ICOMOS. Delhi Declaration on Heritage and Democracy. 19th General Assembly 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Portaria Nº 375, de 19 de setembro de 2018. Institui a Política de Patrimônio Cultural Material do Iphan e dá outras providências.

KERR, James Semple. Conservation plan. A guide to the preparation of conservation plans for places of European cultural significance. 7. ed. [S.l.]: Australia ICOMOS, 2013.

RUMOS DA UBERIZAÇÃO: OS ESPAÇOS PÚBLICOS PELA DINÂMICA DOS ENTREGADORES DE APLICATIVO A PARTIR DE UM CONTEXTO PANDÊMICO

Cândida Zigoni de Oliveira Landeiro

Mestranda PROARQ

Orientadora: Cristiane Duarte

A investigação e a consciência do profissional de arquitetura como pesquisador é aqui dedicada à compreensão dos espaços por meio das relações dos indivíduos e os seus atos cotidianos (na cidade e em contextos privados). Ao assumir essa posição, surge uma inquietação pessoal em pesquisar as dinâmicas impostas a partir da pandemia do Covid-19, assim como os seus desdobramentos na cidade. Como um dos exemplos de modificações urbanas emergidas a partir de um contexto epidêmico, pode-se destacar a Reforma de Haussmann para Paris e o Plano Pereira Passos no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. A reorganização da cidade sempre se mostrou como um ponto fulcral para a solução da crise. As mudanças podem ser vistas tanto na morfologia da urbe como nos modos de pensar e agir em sociedade. Agora com foco na pandemia do Covid-19, pode-se destacar o escancaramento da estrutura frágil que vivemos. O cenário do Brasil a partir de um contexto pandêmico carrega consigo o aumento da desigualdade social e conseqüentemente o crescimento das taxas de desemprego. Outro aspecto importante foi o avanço da tecnologia como forma de suprir as demandas, a princípio, durante o isolamento social. O aumento da procura por serviços de delivery foi um exemplo de atividade que se incorporou nos atos cotidianos e se tornou cada vez mais consolidada e essencial para o funcionamento da cidade. Portanto, a pesquisa em questão volta a sua atenção aos trabalhadores de aplicativo e a sua relação com a cidade a partir da pandemia do Covid-19. É importante apresentar a problemática que envolve a relação do capital com o trabalho na cidade, principalmente acerca da classe trabalhadora dos entregadores de aplicativo, pois influenciados pelo discurso do “empreendedorismo” e diante do aumento do desemprego no Brasil a partir da Covid-19, muitos viram essa atividade como uma oportunidade de obter uma renda. O discurso vendido pelas grandes empresas como Ifood, Rappi, Uber, entre outras, potencializado pelas TIC (tecnologia de informação e comunicação) mantém os trabalhadores em uma lógica de trabalho atomizado, onde a liberdade de um contrato “zero hora” vem junto com a exploração da força de trabalho, ausência de leis trabalhistas e a conseqüente vulnerabilidade dessa classe trabalhadora. A partir dessa morfologia do trabalho que mascara os rigorosos monitoramentos, o labor intensivo

e salários rebaixados, passou a ser comum os trabalhadores permanecerem muito tempo online à espera por serviços. Sendo assim, passou a ser notado o uso e ocupação de entregadores de aplicativo em determinados espaços públicos, onde eles se posicionam à espera das chamadas para entregas. Esses pontos de permanência passaram a empregar novas lógicas em seu bairro e a desempenhar profunda influência nos usos e significações do entorno. Nessa pesquisa pretende-se investigar esses recortes espaciais, principalmente nos bairros da Grande Tijuca, devido à proximidade com o cotidiano da autora, de modo que seja possível emergir respostas sobre as lógicas internas estabelecidas nesses pontos de encontro dos entregadores, aqui chamados de “pit stops”, assim como as suas reverberações sociais e espaciais em seu entorno imediato. A dissertação tem como objetivo identificar padrões de apropriações dos trabalhadores de aplicativos nos espaços públicos, de modo a compreender as configurações espaciais que sustentam diferentes relações indivíduo-espço. Em um primeiro momento, o trabalho de pesquisa volta a sua atenção no mapeamento desses espaços “pit stops”. Em seguida pretende-se eleger esses pontos para praticar uma observação mais próxima dos atores locais, para ser possível investigar o processo de “Moldagem do Lugar” (DUARTE, 2010). A partir das percepções e coletas de dados de croquis etnográficos e mapeamentos das manifestações, a pesquisa prossegue com a aplicação de ferramentas de escuta, como entrevistas semi-estruturadas e mapas mentais (LYNCH, 1997). O trabalho objetiva investigar os processos de transformação desses “espaços” em “lugares” (TUAN, 2015), assim como a territorialização que os configura como “territórios-brecha” por esse grupo social. Sob um viés etnográfico e com o uso de ferramentas Etnotopográficas (termo cunhado pelo LASC), pretende-se traçar uma investigação em camadas da cidade, para uma análise espessa e que consiga contribuir para reflexões sobre os rumos da cidade capitalista, aqui com foco nos rumos da uberização do trabalho no espaço urbano.

Palavras-chave: Cidade, Lugar, Território, Espaço público, Entregadores de aplicativo.


Referências bibliográficas

DUARTE, Cristiane. Olhares possíveis para o Pesquisador em Arquitetura. In: ENANPARQ, I, Rio de Janeiro, 2010.

DUARTE, Cristiane ; PINHEIRO, Ethel . ARQUI-tividades SUBJE-turas . metodologias para a análise sensível do Lugar. 1. ed. Rio de Janeiro: FAU/ UFRJ; RIOBOOKS, 2019.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Pontes, 1997.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência; Tradução: Livia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2015



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 8

A CIDADE PARALELA DO LIXO: UMA ETNOTOPOGRAFIA DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL NAS RUAS DE BOTAFOGO, RJ

Mariana Frota Agum

Mestranda PROARQ

Orientadora: Cristiane Duarte

O resíduo humano é um produto cultural, e como tal é dotado de simbologia, significado e sentido. Ao mesmo tempo, segundo Morbidini (2016), é algo freudianamente 'estranho', um objeto que já foi familiar, mas transformou-se em algo não mais conhecido e indesejado. Portanto, ao ser considerado indesejado, tal resíduo gera afastamento a tudo o que se relaciona a ele, como lugares, paisagens, pessoas. Assim, a proximidade com o lixo implica um estigma que coloca aqueles indivíduos que tiram dele seu sustento, os catadores, na base da hierarquia de respeitabilidade (Bossi, 2008). Segundo o IPEA (2016), mais de 300 mil brasileiros destinam seu dia para fazer a coleta e processamento do lixo reciclável produzido nas cidades e são responsáveis por 90% da coleta de todo resíduo sólido urbano que é reciclado hoje no Brasil. Trata-se de um grupo composto, geralmente, por pessoas que já sofriam com algum grau de exclusão social e que se inserem nessa atividade por ser uma das únicas possibilidades que encontraram de subsistência por meio de trabalho, ou pelo menos, a mais acessível para suprir necessidades imediatas (IPEA, 2016). Assim, apesar de serem base da indústria da reciclagem nacional, essa classe de trabalhadores segue marcada pela informalidade e precarização. Dessa forma, a informalidade e exclusão norteiam a rotina desses importantes trabalhadores urbanos, guiando a forma com que essas pessoas se deslocam na cidade e exercem seu ofício. Surge então a ideia de uma cidade paralela, uma cidade do lixo, quase invisível aos olhos distraídos e alienados daqueles que não fazem parte dessa realidade. Essa cidade possui dinâmicas específicas, fluxos próprios, horário de funcionamento, e inclui diversos personagens para além dos catadores. Esta pesquisa busca então compreender as dinâmicas urbanas que estruturam essa cidade paralela e afetam diretamente as vivências cotidianas desses trabalhadores, de seus modos de organização laboral no território aos seus deslocamentos diários e locais de residência. Assim, optou-se por delimitar a análise aos catadores de material reciclável que fazem a coleta nas ruas da cidade, utilizando o próprio corpo como material de trabalho, seja puxando um carrinho ou carroça, ou carregando o material nas próprias costas, denominados aqui como catadores ambulantes. Para tal, serão aplicadas ferramentas relativas à etnotopografia (Duarte

E Pinheiro, 2013), uma imersão longa no recorte espacial estudado com a utilização de “Croquis de campo” e “Mapeamento das Manifestações” com o objetivo de registrar graficamente as dinâmicas observadas, detalhando as relações visíveis e invisíveis dos catadores com o espaço urbano e todas as sensações subjetivas do pesquisador durante o processo. Além disso, serão aplicadas entrevistas semi-estruturadas que possibilitam uma maior aproximação com os catadores da região. O recorte espacial proposto para estudo e aplicação desses métodos é o do bairro de Botafogo, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Esse bairro se configura como um bom laboratório de estudo por possuir um uso do solo misto residencial e comercial, um terreno essencialmente plano, uma alta densidade populacional e uma pequena extensão territorial. Assim, busca-se, primeiramente, mapear os fluxos e meios de deslocamentos utilizados pelos entrevistados, e localizar espacialmente possíveis equipamentos ou locais de suporte, como garagens, centros comunitários, e sinalizar as zonas de conflito apontadas. Além disso, os resultados obtidos devem também destacar relações subjetivas estabelecidas entre os catadores e o ambiente urbano. Espera-se elucidar debates relativos às formas como estes indivíduos encaram e interpretam a cidade e como a presença deles afeta as atmosferas dos lugares estudados. Neste sentido, os dispositivos aplicados buscam contribuir para o entendimento do processo de criação de identificação deste grupo de trabalhadores e dos desafios psicossociais impostos pela comunidade e pelos espaços urbanos. Com esses resultados, espera-se que seja possível criar embasamento de ordem teórica para a elaboração de pesquisas e políticas públicas que foquem em propor melhores condições laborais para esta classe e mitigar a vulnerabilidade social e econômica vivenciada pelos catadores de materiais recicláveis. Afinal, apesar da falta investimentos públicos e da informalidade, são eles que se articulam e mantêm pulsante essa cidade paralela que é a base da reciclagem no Brasil.

Palavras-chave: Catadores de material reciclável, Etnotopografia, Reciclagem Subjetividade Cidade paralela.

Referências bibliográficas

BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. In: Revista Brasileira De Ciências Sociais - VOL. 23, 2008, p.101-116.

DUARTE, Cristiane Rose; PINHEIRO, Ethel. Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. Anais... 6 PROJETAR. Salvador, nov. 2013.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Catadores de materiais recicláveis : um encontro nacional. Bruna Cristina Jaquetto Pereira, Fernanda Lira Goes (organizadoras) – Rio de Janeiro : Ipea, 2016.

MORBIDINI, Martina. “Catador cidadão; trabalho digno” estratégias de superação do estigma adotadas pelos catadores de material reciclável em belo horizonte, Brasil. O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. organização de Carmen Rial. – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016. P.65-98

ETNOCONSERVAÇÃO URBANA: O MAPEAMENTO SENSÍVEL DOS VALORES DA PAISAGEM CULTURAL CARIOCA

Alda de Azevedo Ferreira

Mestranda PROARQ

Orientadora: Cristiane Duarte

O sítio da Cidade do Rio de Janeiro recebeu em 2012 o título de Patrimônio da Humanidade, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), tornando-se o primeiro situado no meio urbano na categoria da Paisagem Cultural. Tal distinção também reflete os desafios a serem enfrentados, pois, entre outras peculiaridades, trata-se de áreas relativamente separadas e com características próprias, além de agregar a participação social no processo de decisões como um todo, com a finalidade de promover a sustentabilidade do sítio. Assim, desenvolveu-se a abordagem denominada etnoconservação urbana, como procedimento de gestão baseada na compreensão das relações de apropriação dos grupos socioculturais que vivenciam o espaço protegido, a fim de proporcionar o uso sustentável e a conservação do significado cultural do lugar. Considera-se assim o julgamento subjetivo e intersubjetivo dos grupos de interesse em relação ao bem patrimonial a fim de apreender o significado cultural e os valores atribuídos ao bem cultural (FERREIRA, 2021). A pesquisa assim objetiva identificar diretrizes para a etnoconservação urbana da Paisagem Cultural Carioca. Fundamenta-se no modelo de gestão da conservação, inicialmente definido por James Semple Kerr (2013). Admite-se que o principal objetivo da prática de conservação é manter os valores do patrimônio, bem como os significados que lhes são atribuídos. Trata-se, portanto, da linha de pensamento que se fundamenta através da apreensão da atribuição de valores pelos stakeholders, ou grupos de interesse, como reflete Kate Clark (2014). Os pesquisadores Erica Avrami e Randall Mason (2019), consideram que, há bastante tempo, os valores sustentam os conceitos do patrimônio e sua conservação no ambiente construído, e os distinguem dois tipos: os patrimoniais e os sociais. Os valores patrimoniais estão relacionados às narrativas históricas, artísticas, estéticas e científicas, que formam a base do próprio campo da conservação, associadas às tradições curatoriais e materialistas desta prática. Já os valores sociais estão concentrados nos usos e funções dos bens culturais, apreendidos a partir de processos da sociedade, que podem estar relacionados ao desenvolvimento econômico, ao conflito ou reconciliação política, questões de justiça social e direitos civis, degradação e conservação ambiental, dentre outros. Ao refletir so-

bre as relações sociais dos habitantes no espaço, Cristiane Duarte (2015) considera que é necessário estimular a dimensão afetiva, subjetiva e inter-subjetiva, com o lugar, e ter como uma de suas premissas a qualidade de vida das comunidades/ grupos sociais. Para esta apreensão, a noção de ambiência assume especial importância. Ambiência, segundo o sociólogo Jean-Paul Thibaud (2012), articula diversos aspectos tangíveis e intangíveis dos campos sensorial, afetivo e material do ambiente construído, afetando a maneira como os indivíduos agem e se comportam no espaço, sendo um processo dinâmico. Para a análise escolheu-se como estudo de caso, o Calçadão de Copacabana, presente no Sítio Nomeado. O Calçadão de Copacabana é situado no bairro de mesmo nome na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro, e corresponde a um passeio de grande largura que margeia a praia numa extensão de 4,15km, percorrendo os arrabaldes de Copacabana e do Leme. Desta forma, a presente pesquisa tem observado diferentes grupos de interesse e verificado seus usos, além das respectivas práticas e hábitos intersubjetivos. Para compreender os valores sociais atribuídos pelos grupos de interesse tem sido realizado um estudo etnotopográfico, a fim de perceber a ambiência do lugar pelo “olhar” do pesquisado. A etnotopografia consiste em uma “etnografia espacial”, e se trata de conceito desenvolvido e trabalhado no Laboratório de Arquitetura Subjetividade e Cultura (LASC-PROARQ/UFRJ). A metodologia objetiva, apreender usos, valores e significados dentro de uma sociedade. A partir disto, está sendo desenvolvido o Mapeamento Sensível das Ambiências Urbanas, referente ao espaço paisagístico escolhido, como forma de documentação patrimonial. Trata-se de um desdobramento do “Mapeamento de Manifestações”, que segundo Duarte (2010), é uma ferramenta gráfica que consiste em espacializar em planta baixa as manifestações de afeto, as relações interpessoais ou qualquer outro evento social que ocorra em campo. De acordo com Avrami e Mason (2019), o mapeamento cultural amplia o escopo dos inventários patrimoniais, ao buscar compreender as relações sociais e as tradições culturais associadas a esses lugares. Desta forma, espera-se que, o campo ampliado da pesquisa possa conduzir às diretrizes sustentáveis para a Gestão da Conservação do Sítio Patrimonial Carioca, buscando-se

a mediação do equilíbrio apropriado, de modo a integrar políticas públicas do município, como o Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, bem como responder aos apelos das instituições internacionais, como a UNESCO e o ICOMOS, sem perder de vista os interesses das comunidades cariocas e a preservação ambiental.

Palavras-chave: Etnoconservação Urbana, Ambiências Urbanas, Paisagem Cultural Carioca, Mapeamento Sensível, Valores Sociais.

Referências bibliográficas

AVRAMI, E.; MASON, R. Mapping the Issue of Values. In: AVRAMI, E.; MACDONALD, S.; MASON, R.; MYERS, D (Orgs.). Values in heritage management: emerging approaches and research directions. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2019.

CLARK, Kate. “Values-based heritage management and the heritage lottery fund in the UK”. In: APT Bulletin: Journal of preservation technology. 45:2-3, 2014.

DUARTE, C.R.S., A empatia espacial e suas implicações nas ambiências urbanas. Anais... VII Seminário Projetar: originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática. Natal: PPGAU/UFRN, 2015.

FERREIRA, Alda de Azevedo. Etnoconservação urbana: Diretrizes para a gestão da conservação da Paisagem Cultural Carioca. In: ANGELO, Elis Regina B. Textos completos do III Congresso Internacional e Interdisciplinar em Patrimônio Cultural: Experiências de gestão e educação em Patrimônio. Porto, Portugal: Editora Cravo, 2021.

LUGARES JOGABILIZADOS: ANALOGIAS DE EXPERIÊNCIAS HÍBRIDAS EM VIDEOGAMES COMO CONSTRUÇÃO DO CONHECER E SUA ABRANGÊNCIA SOBRE O ESPAÇO/LUGAR

Thiago do Santos Rangel

Mestranda PROARQ

Orientadora: Ethel Santana

Este trabalho apresenta o segundo ano de um estudo iniciado em 2021 a partir do projeto para a tese de doutorado. Em seu estágio atual a proposta já passou por algumas alterações e se concentra em entender a relação entre videogames e os lugares. A pesquisa busca investigar a possível conexão entre o espaço intangível emulado nos videogames e a construção/compreensão do espaço tangível. Nas últimas décadas, sobretudo nestas primeiras duas do século XXI, videogames se consolidaram como uma mídia de alcance global. De fato, os números acerca dos videogames se tornaram impossíveis de ignorar. Havendo cerca de 2,6 bilhões de jogadores no mundo em 2020 e tendo faturamento financeiro de aproximadamente 165 bilhões de dólares de acordo com a Global Games Market Report (2019), videogames têm se entrelaçado culturalmente na sociedade. Estamos trabalhando com a hipótese de que existe uma conexão intrínseca entre jogadores e as leituras de mundo que estes fazem do mundo “real” (tangível). Assim, estamos operando esta hipótese a partir da ideia de que o conhecimento do mundo real alimenta o mundo gâmico, de modo analógico e referencial, mas, que o mundo gâmico (intangível) já possui atributos singulares suficientemente desenvolvidos para fazer o caminho inverso e alterar a noção de conhecimento sobre o que são espaços e lugares do mundo real. Esta noção advém da natureza própria do “mundo virtual” no qual diversos jogos se amparam. Para além de um mero espaço tecnológico de representação, sua complexidade se transformou de lugar de analogia para lugar de criação. Lugares ficcionais que se amalgamam na nossa compreensão, entre tangível e intangível, entre memória e significado e entre experiência vivida e conhecimento. Estes conceitos põem em evidência a própria noção de lugar, que apesar de já ter sido definido por diversos autores, parece não abarcar a concepção do que seria o lugar gâmico. Este outro lugar que põe o corpo em um “estado de jogo” (um corpo jogabilizado ou corpo gâmico), que vivencia os espaços virtuais como lugares jogabilizados, que seriam lugares intangíveis capazes de desenvolver afetividades, pertencimento, empatia e bem-estar através das mecânicas, dinâmicas e estéticas (MDA – no original).

A partir destes arranjos iniciais, chegamos em alguns questionamentos que tem norteado a tese. Estes espaços que, por hora, estamos chamando de espaços semi-tangíveis ou de tangibilidade emulada, seriam análogos aos lugares tangíveis e, portanto, capazes de gerar identidades? A percepção do espaço intangível em videogames altera a relação com o espaço tangível? Apesar de sua produção por analogia aos lugares pré-existentes, é possível criar outros lugares inéditos em percepção humana dentro dos videogames? E se for o caso, isto tem impactado nossa forma de compreender e produzir arquitetura? Com estas perguntas, estamos iniciando trabalhos em cenários de teste e avanço científico.

Palavras-chave: Videogames, lugares gêmicos, corpo jogabilizado, lugar, espaço.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. (2001). O poder do simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

FRASCA, G. (2007). Play the Message: Play, Game and Videogame Rethoric. Tese (doctor of Philosophy) - IT University of Copenhagen, Copenhagen.

LÉVY, P. (1996). O que é Virtual? São Paulo: Editora 34.

NORBERG-SCHULZ, C. (2008). O Fenômeno do Lugar. Em K. NESBITT, Uma Nova Agenda para a Arquitetura. São Paulo: Cosac Naify.

CONTRIBUIÇÕES DA ANT PARA A HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA

Claudio Roberto Comas Brandão

Doutorando PROARQ

Orientadora: Ana Amora

“A teoria do Ator-Rede, popularizada pela sigla em inglês ANT, de Actor-Network-Theory, é um ramo dos Estudos Sociais em Ciência e Tecnologia. Os propositores da ANT defendem que a produção do conhecimento científico e de objetos técnicos se dá na relação entre entidades heterogêneas, tanto humanas quanto não-humanas. De acordo com Rodrigo das Neves Costa (2019), o esforço da ANT está em combater a noção de que as relações sociais devam ser explicadas por uma macro-estrutura – cultural, histórica, ou de classes – ao passo que a natureza deva ser explicada por leis científicas. Na abordagem da ANT, qualquer um que contribua para a modificação de uma situação, seja ele humano ou não, é considerado um ‘ator’, sem que se faça a distinção entre sujeito e objeto. A ANT é fundamentada na noção de simetria, que consiste em “não conceder privilégios explicativos à sociedade, à tecnologia ou à natureza” (COSTA, 2019, p. 50). Em seu ensaio seminal “Jamais fomos modernos”, de 1993, o filósofo Bruno Latour (2019), explica que a divisão que os ‘modernos’ criaram para poder entender a realidade, separando as leis absolutas da natureza das relações mutáveis da cultura não dá conta da produção incessante de híbridos entre cultura e natureza. Adotar a abordagem ANT na Teoria da Arquitetura pressupõe que conhecimento de uma obra arquitetônica não se deve apoiar somente em seus aspectos científicos – materiais e técnicos – ou culturais, como a sua dimensão simbólica. O sociólogo Michel Callon vai além e, em seu texto “Le travail de conception en architecture”, de 1996, sustenta que a própria noção de criador deve ser desconstruída. De acordo com o autor: “É difícil, senão impossível, atribuir a uma pessoa, ou a um pequeno grupo de indivíduos, a paternidade de um projeto. Essa é uma realidade composta, alcançada por meio de uma série de negociações entre uma grande variedade de atores.” (CALLON, 1996, p. 28, trad. nossa). Nosso contato com a teoria do Ator-Rede aconteceu durante uma das disciplinas do Proarq, ministrada pelo professor Paulo Afonso Rheigantz, quando discutimos o texto “«Give me a gun and I will make all buildings move»: An ANT’s view of Architecture” de Bruno Latour e Albená Yaneva, escrito em 2017, no qual os autores entendem que, ao se analisar edifícios como objetos estáticos, muitas dimensões do projeto ficam de fora. Eles se perguntam, por exemplo, onde

podemos ver, quando analisamos um projeto: “[...] os clientes irritados e suas demandas às vezes conflitantes? Onde você insere as restrições legais e urbanísticas? Onde você localiza o orçamento e as diferentes opções de financiamento? Onde você coloca a logística das muitas negociações sucessivas? Onde você situa a avaliação sutil de profissionais qualificados versus não qualificados? Onde você armazena as várias maquetes que você teve que modificar para absorver as demandas contínuas de tantos atores conflitantes – usuários, comunidades de vizinhos, preservacionistas, clientes, representantes do governo e autoridades municipais?” (LATOURE; YANEVA, 2017, p. 81, trad. nossa) O contato com esse tipo de abordagem nos fez repensar a metodologia que estávamos adotando em nossa pesquisa sobre o Palácio Itamaraty em Brasília, anteriormente mais centrada na análise do resultado construído e nos depoimentos dos autores. A riqueza do material de arquivo levantado e uma reconstrução do período histórico da produção do edifício têm reforçado o nosso entendimento de que para se interpretar essa obra arquitetônica precisávamos dar mais atenção ao seu processo de produção do que ao produto final. Além disso, nos demos conta que alguns assuntos como: as várias modificações de projeto, a indecisão quanto à sua construção, a curadoria das obras de arte, entre outros, não podiam ser entendidos se não ampliássemos o leque de ‘atores’ envolvidos no processo. Era preciso ‘dar voz’, também, à opinião pública, aos críticos de arte, a políticos, diplomatas e militares no poder, e acompanhá-los em suas ações e associações ao longo do processo. Nosso material de pesquisa se tornou mais heterogêneo. Assim, além da análise dos desenhos técnicos, dos relatos dos autores, e do cenário criativo da época, estamos tecendo as relações entre o projeto e outros ‘atores’: acontecimentos históricos, matérias dos jornais, a conjuntura política. Trata-se de tentar refazer o processo de produção do edifício à quente, (re)percorrer os passos dos atores, mapear as principais controvérsias e tentar entender como elas foram resolvidas. Nesse sentido, a contribuição da ANT para a historiografia pode abrir novas possibilidades de interpretação de obras arquitetônicas, proporcionando novas abordagens sobre a criação, tanto no estudo da história quanto no ensino de projeto, menos centradas na visão do arquiteto/

artista e mais inclusivas e abrangentes. Por fim, é preciso reconhecer que a entrada de novos ‘atores’ no campo da pesquisa: arquivos digitalizados, hemerotecas digitais e a comunicação facilitada por novos meios, são típicos da nossa época e têm facilitado esse tipo de abordagem.”

Palavras-chave: ANT, Actor-Network-Theory, Teoria-Ator-Rede, Historiografia da arquitetura, Palácio Itamaraty.

Referências bibliográficas

CALLON, Michel. “Le travail de conception en architecture”. In: *Situations - Les cahiers de la recherche architecturale*, 37, n. 1, 1996. 25-35.

COSTA, Rodrigo das Neves. *Debaixo do mesmo teto: Prática projetual em edifícios de pesquisa e desenvolvimento biotecnológico*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

LATOURE, Bruno; YANEVA, Albena. «Give me a gun and I will make all buildings move»: An ANT’s view of Architecture. In: *Ardeth, Turim*, n. 1, p. 111-113, 2017.

AMBIÊNCIA ESCOLAR E PANDEMIA DE COVID 19: PERCEPÇÕES DOS USUÁRIOS DA ESCOLA X

Dagmar Dias Cerqueira

Mestranda PROARQ

Orientadora: Giselle Arteiro

O presente artigo consiste em evidenciar a execução de uma atividade piloto que buscou as percepções ambientais dos usuários da Escola X ao retornar às aulas presenciais, ainda em meio à pandemia de COVID 19, diante de outras demandas na arquitetura escolar, surgidas em face de protocolos de saúde. Ao final de 2021, passados quase dois anos da pandemia, os estados brasileiros retomaram as aulas presenciais preconizadas pelo encadeamento de vacinações. Em face deste retorno, propusemos elucidar respostas para a questão: Quais seriam as percepções ambientais da comunidade escolar da referida escola em face ao retorno presencial em meio à pandemia? O fato é que, por um lado existia a preocupação com o preparo dos ambientes educativos, seguindo protocolos de saúde, a partir do Guia de Implementação de Protocolos de Retorno das Atividades Presenciais nas Escolas de Educação Básica (2020), baseado em guias já testados no contexto internacional, visto que o retorno brasileiro a essas atividades se deu de forma mais tardia. Por outro lado, esta centralidade no tema saúde, desconsiderou os impactos relacionais aos usuários, referentes a aspectos como a socialização, envolta pelo direito à convivência na ambiência escolar e de aprendizagem exploratória no território educativo. O questionamento em pauta trata das ambiências sensíveis, ou seja, as atmosferas materiais e morais que envolvem[1] as instituições escolares no momento do retorno escolar, em meio aos protocolos mencionados. Propomos refletir sobre o impacto da aplicação dos protocolos de cuidados no retorno escolar presencial, em face à pandemia do COVID-19, no sentido de restrição de compartilhamento das ambiências sensíveis existentes na arquitetura. Debater sobre as ambiências de convivência possíveis neste cenário escolar, para além dos protocolos de saúde. Pressupomos que esse novo contexto deflagrou uma mudança na “atmosfera” social, material e moral da qual se refere Augoyard (2004) em cada espaço escolar. Dessa maneira trazemos algumas questões: Como a comunidade escolar experimentou vivências outras no retorno presencial à ambiência escolar? Como romper com a dicotomia distanciamento e coletividade na arquitetura escolar, nesse contexto? Para Duarte (2013), a noção de que estar em movimento, atuar sobre o espaço e dotá-lo de valores de uso é um processo dinâmico e automático

da caracterização das ambiências que, apesar de coletivas, se ligam intimamente a cada usuário do espaço urbano que o configura à sua maneira. Os pressupostos teórico-metodológicos transitam por conceitos de percepção ambiental através dos autores estudados pelo Laboratório de Pesquisa Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC); da abordagem experiencial, junto à aplicação de dispositivos de Avaliação Pós-Ocupação e utilização dos pressupostos teóricos dos Grupos ProLUGAR e Grupo Ambiente-Educação (GAE). Esta abordagem é caracterizada pela experiência vivenciada pelo observador a partir de uma dialética pelo modo como a um só tempo cada ambiente influencia a ação humana e como a presença humana dá sentido e significado a cada ambiente. Consideramos que sob essa perspectiva, os “observadores” passam a ser “protagonistas”, “atuadores” ou “observadores incorporados”, Azevedo e Rheingantz (2008). O posicionamento foi o de mantermos “os dispositivos em aberto”, numa alusão à dimensão “aberta”, transitória, caracterizada por Certeau (1994) como devir, por desafiar os cálculos e as regras. Planejamos o uso de três dispositivos, utilizados em pesquisas de Avaliação Pós-Ocupação: o Questionário (aproximar), o Percurso Walkthrough (mapear) e o Mapeamento Visual (mapear e construir). Cada um dos dispositivos foi utilizado para atender a objetivos e públicos-alvo diferenciados. Aplicamos e analisamos os dispositivos inicialmente em separado e, no final, entrelaçamos buscando as respostas mais consistentes, entretanto, as duas últimas atividades foram sequenciadas, quase que funcionando de forma interligada. Utilizados isoladamente, não nos permitiram obter informações com certa consistência, porém, o entrelaçamento das informações obtidas trouxe uma aproximação mais elaborada para as percepções ambientais dos usuários em face do retorno escolar presencial em meio à pandemia. Concluímos que os usuários podem influenciar de modo significativo a criação de uma ambiência outra, em contrapartida à ambiência imposta pelo contexto protocolar. Fato que pode ser comprovado porque após a devolutiva dos resultados à Direção Escolar, foram realizadas algumas modificações possíveis em atendimento a sugestões levantadas por esta pesquisa. O artigo aponta para a relevância de cuidar das ambiências sensíveis e que a nova demanda para a arquitetura escolar venha acompa-

nhada de propostas de encontro, na busca de novas apropriações do ambiente educativo, sinalizando para um cenário futuro de projetos de escolas mais flexíveis em relação ao dimensionamento e ao uso de seus espaços.

Palavras-chave: Ambiência, Arquitetura escolar, Abordagem experiencial, COVID-19. Percepção ambiental.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Gisele Arteiro Nielsen, & RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Abordagem Experiencial e Observação Incorporada e suas aplicações na Avaliação Pós-Ocupação. Fortaleza, CE: ANTAC, 2018.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira. Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. 2013. Disponível em: <http://lasc.fau.ufrj.br/artigos/219/ambiencia-por-uma-ciencia-do-olhar-sensivel-no-espaco>. Acesso em: 28, junho, 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Guia de Implementação de Protocolos de Retorno das Atividades Presenciais nas Escolas de Educação Básica. Brasília, DF. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/ptbr/assuntos/Guia-deretornodasAtividadesPresenciaisnaEducaoBsica.pdf>. Acesso em: 28, junho, 2021.

ASPECTOS CULTURAIS E IDENTITÁRIOS NA FORMAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS CENTRAIS DE BOA VISTA/RR

Sued de Oliveira

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Ethel Santana

pesquisas LASC; Jardins de Burle Marx (UFPE); Paisagens Híbridas (EBA/UFRJ).


Introdução: O presente trabalho visa contribuir com os estudos acerca do espaço público roraimense e suas potencialidades culturais e recreativas sob o aspecto da construção e reconstrução social e das relações identitárias. As argumentações iniciais abrangem o panorama histórico da cidade e as práticas urbanas consolidadas, uma vez que as respostas urbanísticas não seguiram os mesmos tempos e reproduções das regiões sul e sudeste do continente brasileiro. O patrimônio cultural imaterial possui riqueza incontável e inestimável e por isso a interferência desse patrimônio, por um viés identitário cultural, nos processos de espacialização e desenvolvimento urbanístico de cidades, deve ser levado em conta para a construção de espaços mais sensíveis e amigáveis. Como fomentar a (re)construção de espaços físicos sensíveis? Objetivo Geral: Analisar o papel da identidade cultural nos espaços públicos do centro da cidade de Boa Vista, de modo a mapear atributos que consolidem a imagem de uma Ambiência Roraimense ligada ao regionalismo e à coletividade, para a proposição de estratégias urbanísticas centradas na etnicidade e no regionalismo. Objetivos Específicos: Traçar uma linha do tempo da dinâmica de produção e organização espacial das edificações e áreas livres do centro histórico de Boa Vista; Investigar as práticas urbanas locais de modo a construir um panorama das ambiências urbanas roraimenses em Boa Vista; Mapear e identificar os espaços de uso público roraimense do centro da cidade, cuja cultura local, patrimônio cultural e expressões identitárias sejam latentes; Metodologia: Para realizar o levantamento do sistema de espaços livres, mapeamento da história da cidade de Boa Vista e análise das ambiências locais, com enfoque nos usos regionais e marcas identitárias da população, torna-se indispensável a elaboração de uma metodologia na qual seja inserido um roteiro de análise bibliográfica e documental, visitas de campo e estratégias de abordagem direta que esclareçam a formação dos cenários urbanos e revelem a importância dos usos e ações coletivas locais. O desenvolvimento da etapa metodológica será subdividida em 4 (quatro) fases, a saber: Pesquisa documental e histórica: Bibliográfico; Em instituições públicas; Coleta de imagens, gravuras, desenhos e projetos de acervo público ou particular que interessem à pesquisa; Em entidades religiosas. Análise macroscópica do

espaço (levantamentos, sondagens): Captura de imagens: drone e câmeras digitais. Mapeamento: utilização de software QGis para trabalhar as áreas de formação da cidade. Análise microscópica do espaço (pesquisa empírica): Observar, descrever e interpretar os fenômenos que ocorrem durante os horários diurnos e noturnos por meio de anotações e gravações de vídeo da pesquisadora, aplicando o método etnográfico de observação participante. Mapeamento dos fenômenos sociais no espaço urbano, com base nas sondagens por observação participante, e delimitação das ambiências roraimenses nos espaços analisados. Sondagem com usuários e pesquisa de viés etnográfico: Aplicação de questionários por meio de formulário digital ou presencial, e realização de entrevistas. Coletar dados dos entrevistados e moradores da área em estudo: exame dos costumes, crenças, festas religiosas, festas folclóricas locais que influenciaram o comportamento das pessoas mediante o uso dos espaços públicos, por meio de coleção fotográfica; Resultados e Conclusões: O Tema em tela traz à luz as diferenças constitutivas dos espaços urbanos coletivos dentre as capitais brasileiras. A população roraimense está distante dos polos hegemônicos de construção cultural e educacional do país, assim como a construção de seu processo de desenvolvimento urbanístico foi tardiamente desenvolvido. Por ser uma cidade plana e extensa, Boa Vista ainda conta com muitas áreas livres sem articulação urbanística e toda a sua extensão urbana carece de um planejamento voltado à construção social que oportunize meios para o compartilhamento das tradições e marcas étnicas, ampliando assim o interesse pela vivência coletiva em suas mais diversificadas vertentes. Desse ponto, a compreensão da existência de uma ambiência tipicamente roraimense, onde o uso dos espaços públicos, consolidados ou não, é ampliado pelos costumes da população boa-vistense de frequentar praças e fechar ruas para a realização de feiras e danças típicas é fundamental para identificar a formação das áreas urbanas e suas identidades.

Palavras-chave: Cidades amazônicas, Espaço Público, Cultura, Relações Identitárias, Boa Vista.

Referências bibliográficas

- CARLOS, A. F. A. A cidade. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.98p.
- GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo, Perspectiva, 2013.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SERPA, A. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: Contexto, 2007. 207p.



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 9

A CIDADE E SUAS CORES: UM PRIMEIRO ESTUDO CROMÁTICO DO SÍTIO HISTÓRICO URBANO DE PETRÓPOLIS/RJ

Luísa Kobi Rangel

Graduanda FAU/UFRJ

Daniela Quireza Campos Morgado

Graduanda EAU/UFF

Orientadores: Daniella Costa e Gustavo Rocha-Peixoto

Cidades são livros de história, ou ‘Cidades-escrita’, espaços que funcionam como um artefato onde guardamos rastros da nossa história para que outros possam ler (ROLNIK, 1995). É possível entender que o espaço urbano é composto não apenas por este acervo construído, testemunho de formas de habitar e trabalhar de um povo, mas é também da identidade dele, que inclui a paisagem construída e a natural. Elementos tangíveis e intangíveis. É o que vemos confirmado na definição usada pelo órgão de proteção municipal do Rio de Janeiro, Instituto Rio Patrimônio da Humanidade- IRPH, daquilo que se tenta proteger dentro de uma Área de Proteção do Ambiente Cultural- APAC. Uma APAC é constituída de bens imóveis [...] passeios, ruas, pavimentações, praças, usos e atividades, cuja ambiência em seu conjunto (homogêneo ou não), aparência, seus cheiros, suas idiossincrasias, especificidades, valores culturais e modos de vida conferem uma identidade própria a cada área urbana. (IRPH, 2012. p. 01 – grifo nosso).

Cheiros, usos e atividades específicas, valores culturais e as particularidades de um lugar contribuem para a formação de uma atmosfera própria. As cores que encontramos nestes lugares também carregam uma importante carga cultural. Afinal, estas podem disparar a nossa memória, através da capacidade de impactar em nosso bem-estar, do ponto de vista psicológico/sensorial, e de definir formas e funções do espaço. Da mesma forma, no espaço urbano histórico, as cores têm um impacto profundo na ambiência que se tenta preservar. Já que “as relações entre cores de componentes naturais e artificiais estabelecidas durante a evolução histórica urbana constroem a imagem cromática peculiar da cidade como um lugar único e diverso.” (NAOUMOVA; LAY, 2007, p. 03). A Carta de Veneza (ICOMOS, 1964) manifesta preocupação com a intervenção na ambiência no entorno dos bens tombados e os impactos que estas podem causar na percepção do bem. A conservação de um monumento implica a preservação de uma ambiência em sua escala. Enquanto sua ambiência subsistir, será conservada, e toda construção nova, toda destruição e toda modificação que possam alterar as relações de volumes e de cores serão proibidas (ICOMOS, 1964. Art. 6º p. 02 - grifo nosso). Neste trabalho, estamos observando o sítio tombado de Petrópolis, que tem sido objeto de estudo deste grupo de

pesquisa nos últimos dois anos. Através de sua observação, entendemos não apenas o processo de preservação da cidade, mas a evolução do conceito de sítios urbanos históricos no Brasil. Começamos a estudar o sítio a partir das tipologias arquitetônicas existentes, que formam o território e dão caráter peculiar à cidade. Petrópolis é descrita como 'vitral de estilos' (ARNAUT, 2019) que conta a evolução arquitetônica residencial no Brasil entre os séculos XIX e XX. Esta arquitetura que chamamos de modesta, ou de contexto, termo cunhado pela arquiteta de Dora Alcântara, é nosso principal foco de estudo. Observando o acervo aprendemos sobre a contribuição desta arquitetura não excepcional para a construção da paisagem petropolitana. Passamos a entender que tipo de elementos eram essenciais para que a leitura do conjunto continuasse a ser feita de forma completa, ou seja, que elementos não poderíamos abrir mão nas tipologias encontradas. Mas, faltava entender ainda um componente importante: quais cores formavam a paleta deste sítio. Nosso primeiro passo a revisão bibliográfica foi feita dentro do tema 'uso da cor em sítios urbanos históricos', onde foi possível encontrar experiências de outros sítios com acervos próximos ao quadro existente em Petrópolis. Decidimos conduzir o método de observação similar aos das etapas anteriores, isto é, Coleta feita por amostragem em ruas escolhidas por suas características com observação remota e visitas pontuais ao sítio. A coleta de cores características do sítio foi feita com a ajuda de aplicativos para edição de imagens como ferramenta para o processo. A pesquisa ainda está caminhando, e sabemos que é um olhar inicial para as cores do sítio de Petrópolis, com o objetivo de entender a paleta cromática da cidade, e consequentemente ajudar o corpo técnico intervindo no sítio urbano na tomada de decisões, criando dados e referências para apoiar as escolhas possíveis. Sabemos que este olhar precisa ainda ajustar o foco, mas já sabemos que indica uma direção sistematizada e uma primeira possibilidade de leitura de conjunto.

Palavras-chave: Sítio Histórico Urbano, Patrimônio Cultural, Arquitetura e urbanismo, Petrópolis, Estudo Cromático.

Referências bibliográficas

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). Carta Internacional para a conservação e restauração de monumentos e sítios - Carta De Veneza. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos do Patrimônio e Monumentos Histórico Monumentos. Veneza, 1964. Disponível em: https://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf - acessado em 30/06/2022.

IRPH. Guia das APACs. n.03. Ano II Nº I. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/IRPH, 2012.

NAOUMOVA, Natalia; LAY, Maria Cristina Dias. Policromia Histórica e Identidade Cromática da Paisagem Urbana. In. XII Encontro Da Associação Nacional De Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belém. ANPUR, 2007.

ROLNIK, Rachel. O que é cidade? São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

REFORMAS DO ENSINO ACADÊMICO DE ARQUITETURA EM MEADOS DO SÉCULO XIX EM PERSPECTIVA PANORÂMICA: CARTOGRAFANDO FRAGMENTOS BIOGRÁFICOS (OU HOMENS E IDEIAS EM CIRCULAÇÃO)

Karolyna de Paula Koppke

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadores: Gustavo Rocha-Peixoto e Priscilla Peixoto

Introdução: as décadas de 1840, 1850 e 1860 são, para o ensino de arquitetura, significativo momento de revisão. Partindo do caso brasileiro, será realizada, como se sabe, em 1855, a chamada reforma Pedreira, concebida por Manuel de Araújo Porto-alegre (1806-1879) e que abarca todo o ensino acadêmico. Também a École des Beaux-Arts, por Porto-alegre frequentada em sua viagem de formação nos anos de 1830, será objeto de reforma, em conjunto com a Académie des Beaux-Arts, conduzida pelo arquiteto Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879) a partir de 1863, ao lado de Prosper Merrimé (1803-1870). Antes dessas empreitadas, será um discípulo da École, o arquiteto Claude-François Brunet Debaines (1799-1855), que, a partir de 1849, realizará não uma reforma propriamente, mas sim fundará, em Santiago do Chile, a chamada Escuela Práctica de Arquitectura Civil. No México, reforma do ensino de arquitetura na Academia de San Carlos conduzida pelo arquiteto, arqueólogo e engenheiro civil italiano Francesco Saverio Cavallari (1810-1896) será aprovada em 1858. Cavallari proporá ação semelhante na tradicional Accademia di Brera, em Milão, no ano de 1854. Seus intentos, malogrados, ao que parece, em virtude do conservadorismo do corpo docente, corriam paralelamente àqueles de Pietro Selvatico Estense (1803-1880) na Accademia di Belle Arte di Venezia. Há significativa troca epistolar entre Cavallari e Estensi, mas em Brera, a mudança acontecerá, efetivamente, quando da nomeação em 1860 de Camillo Boito (1836-1914), discípulo de Selvatico, como professor da instituição. Objetivos: o objetivo geral desta comunicação consiste em compartilhar os primeiros esforços de sistematização dos dados até o momento levantados acerca das mudanças institucionais no ensino de arquitetura em meados dos Oitocentos na Europa e na América Latina. Temos trabalhado na produção de uma cronologia cartografada que nos permite uma observação panorâmica do período.

Como objetivos específicos, propõem-se: (i) a aproximação às biografias dos sujeitos que conduziram as reformas institucionais acima descritas, com ênfase naquelas marcadas pela travessia transatlântica; (ii) a atenção ao lugar que os reformadores – e, por consequência, as reformas que promoveram – atribuíram à história, através, sobretudo, do levantamento de sua produção bibliográfica; (iii) a reflexão acerca das possibilidades apre-

sentadas pela história global para a reescrita da história da arquitetura na América Latina. Metodologia: Conforme apontado acima, nosso trabalho é informado pelos preceitos da história global (CHARTIER, 2001), com ênfase no instrumento denominado histórias conectadas (GRUZINSKI, 2001; SUBRAHMANYAM, 1997). Partindo sobretudo de fontes secundárias para aproximarmos das biografias dos sujeitos descritos, colocaremos a ênfase de nosso estudo nos contatos, circulações e deslocamentos. Interessamo-nos verificar como – ou, antes, se – a experiência de cruzar o Atlântico teria ajudado a moldar as questões que nortearam os processos de reformulação do ensino. Resultados: A partir da sistematização dos dados acerca das reformas, pudemos avançar na compreensão das redes de que seus autores fizeram parte. Assim, tornam-se claros os eixos França – América do Sul, com destaque para as capitais Paris, Rio de Janeiro e Santiago do Chile, e Itália – México, com ênfase em Milão, Veneza e Cidade do México. Estamos certos da possibilidade de expansão geográfica do tema, favorecida pelo instrumento proposto. Ressaltamos, assim, a oportunidade de que a pesquisa ultrapasse os limites da tese de doutorado, convertendo-se em projeto mais amplo de estudo da cultura arquitetônica na América Latina de meados do século XIX. Conclusões: Destacamos a complexificação do tema estudado, a partir do instrumento da cronologia cartografada. Em nosso processo de trabalho, partimos da reforma Pedreira de 1855. O instrumento nos permite observar que a reforma empreendida por Porto-alegre não consiste em evento isolado, mas em manifestação local de um processo que se dava, de forma mais ou menos simultânea, na Europa e na América. Observamos ainda que o instrumento consiste em reflexo de uma historiografia da arquitetura de cariz eurocentrado – como, aliás, é comum ao século XIX – mas é, simultaneamente, potência para transcender esse modo de fazer história, desde que não só permite, mas instiga à busca de informações sobre o que se passou, nesse mesmo período, em outras localidades do globo.

Palavras-chave: Reformas do ensino acadêmico, Cronologias, Ensino de arquitetura no século XIX, História global, Histórias conectadas.

Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger. La conscience de la globalité (commentaire). *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, 56e. année, n. 1, p. 119-123, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.3406/ahess.2001.279936>>. Acesso em: 12 set. 2022.

GRUZINSKI, Serge. Le mondes mêlés de la Monarchie catholique et autres “connected histories”. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 56e. année, n. 1, p. 85-117, 2011. Disponível em: <doi : <https://doi.org/10.3406/ahess.2001.279935>>. Acesso em: 12 set. 2022.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, p. 735-762, jul. 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/S0026749X00017133>>. Acesso em: 12 set. 2022.

NARRATIVAS LATINO-AMERICANAS: 60 ANOS DE BIENAS DE ARQUITETURA NA AMÉRICA LATINA

Júlia da Silva Grangeiro Cardoso

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadora: Ana Paula Polizzo

Neste ano de 2022 completam 60 anos que, em 1962, a Bienal Colombiana de Arquitetura e Urbanismo BICAU, foi consolidada a partir dos esforços da Sociedade Colombiana de Arquitetos SCA, por iniciativa do arquiteto Hernán Vieco Sánchez. Trata-se da primeira Bienal de Arquitetura na América Latina, marco que pode ser lido como uma representação de um dos frutos de um processo de reconhecimento e consolidação da arquitetura em seu estado prático, teórico e institucional no território latino-americano, visto que advém de um contexto de iniciativas em que busca-se, segundo a autora Silvia Arango, “inventar a profissão de arquitetura” (ARANGO, 2008). Ainda que eventos internacionais já tivessem incorporado arquitetura em seu escopo de exposição e crítica, (a Bienal de Artes de São Paulo, por exemplo, possuía uma categoria de “Exposições Internacionais de Arquitetura EIAs” que foi incorporada em 1951), o evento na Colômbia foi o primeiro criado para consagrar a arquitetura do país e tratar exclusivamente da disciplina. Esse ano também comemora-se 10 anos da criação da RedBAAL, Rede de Bienais da América Latina, criada na XVIII Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito - BAQ 2012 - em novembro de 2012. Segundo sua Ata Constitutiva, consiste em uma iniciativa de integração da arquitetura e urbanismo dos países da América Latina e do mundo e, dentre outras funções, adquire o caráter de facilitadora na troca e difusão de informações, propiciadora de uma discussão interdisciplinar e apoiadora do processo de coordenação e gestão das bienais representadas por ela. A rede foi responsável pela criação do prêmio Oscar Niemeyer, idealizado para ser a “bienal das bienais”, a qual a seleção de obras tem como requisito à participação em bienais anteriores ao prêmio. Nas obras encontradas nesse circuito, observa-se em suas composições construtivas, materiais e imateriais, variedade de técnicas, processos, agentes e circunstâncias que direta ou indiretamente fazem parte da idealização, construção e difusão cultural de uma obra. Através desse panorama, encontra-se nesses marcos oportunidade para refletir sobre a trajetória e a influência das Bienais de Arquitetura e Urbanismo na América Latina até o presente momento. De maneira geral, as Bienais de Arquitetura representam formas consolidadas de promoção e divulgação de práticas arquitetônicas em vários países, como também são

importantes para dar visibilidade a pautas e introduzir debates atuais da cultura arquitetônica. Porém, em maior ou menor grau, os circuitos bienais ainda se encontram restritos a determinados públicos ou produções de conhecimento. Acredita-se que a presente pesquisa possa apresentar argumentos acerca da importância da expansão multidisciplinar desses eventos, através de breve panorama histórico, problematizações e questionamentos sobre a forma de submissão, avaliação e exposição das obras selecionadas nesses segmentos.

Nesse sentido, o desenvolvimento do tema se fundamenta, principalmente, no trabalho da arquiteta colombiana Silvia Arango e na pesquisa de Javier Enrique Romero Avila para investigar aspectos existentes nas Bienais de Arquitetura na América Latina partir de uma crítica sobre a forma de acesso, inclusão e valorização das obras e seus contextos sociais, políticos e econômicos. Procura-se contribuir para a reflexão sobre esses eventos, considerados uma forma de produção de conhecimento arquitetônico, além de importantes ferramentas de construção de teoria e crítica da arquitetura.

Palavras-chave: arquitetura contemporânea latino-americana, bienais de arquitetura, cultura arquitetônica, teoria e crítica da arquitetura, América Latina.

Referências bibliográficas

ARANGO, Silvia, Comentarios Analíticos a la XVI Bienal Colombiana de Arquitectura In: Livro XVI Bienal Colombiana de Arquitetura 2008, Villegas Editores, Ministério de Cultura, Bogotá, Colômbia, 2008.

ROMERO, Javier, Bienais de arquitetura na América Latina. Dez anos de grandes prêmios bienais (2005-2010). 2017.

NARRATIVAS LATINO-AMERICANAS: PUBLICIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Luiza Draeger de Andrade

Graduanda FAU/UFRJ

Roberta Barbosa dos Passos

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadora: Ana Paula Polizzo

A pesquisa “Narrativas Latinoamericanas”, iniciada em março de 2020, vinculada ao LANA (Laboratório de Narrativas em Arquitetura), do PROARQ-UFRJ, se propõe a promover discussões sobre a produção arquitetônica da América Latina e seus respectivos processos de viabilização e legitimação. Em princípio, trabalhamos analisando sessenta projetos, os quais haviam sido selecionados para compor as três edições (2016, 2018 e 2020) do Prêmio Oscar Niemeyer, criado pela REDBAAL (Rede de Bienais de Arquitetura da América Latina), como objetos de estudo. Foi feita assim, uma leitura de seus contextos culturais, sociais e políticos e das suas particularidades projetuais, com o objetivo de desvelar suas narrativas e visibilizar as possíveis aproximações e formação de redes entre as obras. Através desse processo de levantamento de dados e análise, em um primeiro momento da pesquisa, foi possível verificar a diversidade e a pluralidade da produção da América Latina - desmontando qualquer ideia de unidade, autenticidade ou identidade da arquitetura dita “latinoamericana” - permitindo, dessa maneira, examinar a diversidade e a pluralidade de seus processos. Sendo assim, torna-se importante dar início a uma segunda etapa deste trabalho, que é a publicização e a divulgação, na qual buscamos uma transformação ativa isso é uma produção que não se reduz ao meio acadêmico, difundindo e democratizando o material produzido a partir das proposições mencionadas a fim de ativar debates entre discentes, docentes e o público externo sobre a arquitetura contemporânea na América Latina. Para isso, o trabalho foi organizado em três etapas, a começar pela classificação das informações. Nessa primeira instância realizamos um processo de catalogação e sistematização para o entendimento de quais produtos da pesquisa se encontram passíveis de divulgação de forma mais imediata e quais materiais devem ser reservados e desenvolvidos antes do contato com o público externo. Na segunda etapa realizamos uma leitura dos métodos de difusão da informação, concluímos que nossa atuação se resumiria a três ferramentas, dentre elas uma rede social - o Instagram - um banco de dados produzido pelos integrantes da pesquisa no formato de site e publicações físicas no formato de livro. Dentre essas ferramentas, o Instagram se coloca como um instrumento para uma propagação rápida da informação. Nesse sentido,

ele vem sendo construído a fim de apresentar uma linguagem gráfica simples, atrativa, direta e de compreensão imediata, tal como a os desenhos de Robert Venturi em *Aprendendo com Las Vegas* por exemplo. O site, por sua vez, é pensado para ser um banco de dados da produção arquitetônica da América Latina para os estudantes contendo os projetos analisados e as diversas produções teóricas constituídas no decorrer da pesquisa. De maneira análoga ao Instagram, o site deve ser intuitivo, no entanto, deve ser capaz de abrigar uma grande quantidade de informação. Ademais, seu design deve responder a constante reformulação dos materiais da pesquisa de forma a não enrijecer o desenvolvimento das análises do grupo e estar aberto a alimentação.

Para chegarmos a um produto final que responda a essas situações, iniciamos com a criação de um user flow, que é um mapeamento simplificado das funções que o site deve abrigar e das eventuais interações dos usuários. Em seguida construímos no figma - um programa de desenvolvimento UX (user experience) um modelo que permite o estudo das interações do usuário favorecendo assim uma construção mais coesa e funcional da interface. Dessa maneira, foi possível ter uma prévia do que seria o site em funcionamento. Por fim, nosso terceiro método de difusão da informação deve ser a criação de publicações físicas. Essas exigem estudos de diagramação aprofundados para que sua identidade gráfica permaneça condizente com a linguagem empregada na construção imagética da pesquisa apesar da passagem do tempo. Nesse sentido, fizemos o estudo da linguagem visual das publicações do AMO (por Rem Koolhaas) nos livros *Project Japan* e na coleção *Elements*, e produzimos diversas amostras a fim de estudar qual seria a melhor forma de concretizar esse projeto. Todo esse material, em conjunto, constitui uma identidade gráfica para a pesquisa de forma a passar os conceitos debatidos assumindo assim uma relação de neutralidade permitindo que a expressão da diversidade e a pluralidade da arquitetura dita latino americana.

Palavras-chave: arquitetura contemporânea latino americana, América Latina, divulgações, design gráfico.

Referências bibliográficas

KOOLHAAS, Rem, *Project Japan*, Colônia: Taschen, 2011.

KOOLHAAS, Rem, *Elements*, Colônia: Taschen, 2020.

VENTURI, Robert, *Aprendendo com Las Vegas*, São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

NAVEGANDO EM NARRATIVAS: O ATLAS COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE CRÍTICA AR- QUITETÔNICA

Thiago Soares da Silva

Graduando FAU/UFRJ

Orientadora: Ana Paula Polizzo

O trabalho aqui apresentado é uma reflexão acerca do Trabalho Final de Graduação “Quem me Navega é o Atlas”, apresentado em 2022 na FAU UFRJ. Importante ressaltar que este TFG partiu de dois componentes essenciais na formação do estudante: afinidade por aprender com projetos de arquitetura e a experiências na Pesquisa Narrativas Latino-Americanas, vinculada ao LANA-PROARQ. A possibilidade de construção de conhecimento crítico a partir do embate direto com os projetos e obras de arquitetura durante o processo de formação no curso de Arquitetura e Urbanismo, aliado ainda à abertura para a criação de um universo de referências pautado pelas múltiplas representações gráficas das próprias obras é sem dúvidas uma inquietação inicial. Esta é ainda potencializada pela possibilidade de aproximação à metodologia utilizada na referida Pesquisa, que se fundamentou na análise arquitetônica de obras reconhecidas por bienais latinoamericanas (um importante instrumento de visibilização das construções de conhecimento do continente Latino-Americano) sem se restringir a categorias de análise previamente estabelecidas, mas ao contrário, se abrindo às possíveis leituras que as próprias obras pudessem trazer. Tratava-se de uma mudança na abordagem capaz de trazer chaves de interpretação acerca da arquitetura, assim como possibilidades de construção de conhecimento mais amplas e enriquecedoras no campo da crítica arquitetônica. Como reflexão posterior, no desenvolvimento do TFG citado, o Atlas se revelou como um método para se pensar caminhos para investigar criticamente a produção da arquitetura na sociedade contemporânea. Operando através das imagens, de uma maneira exploratória e aberta, tornava-se possível abrir mão de seguir caminhos definidos gerando uma disponibilidade para descobri-los nas relações intrínsecas às obras. Assim, o Atlas se mostrava como “um dispositivo de leitura de caráter permutável, com características de uma máquina do saber e de contemplação. Um jeito novo de relacionar imagens, uma maneira de reler o mundo.” (TREVISAN, 2018, p.62).

A experiência com o Atlas trouxe uma forma de construir conhecimento que parte da experiência com a obra e com as suas formas de representação visual (fotografias, plantas, croquis, simulações e etc). A partir dessa relação, eram acionadas as mais diversas referências, gerando múltiplas co-

nexões e significados. Portanto se relacionavam, de maneira livre e sem pré-definições, com outras formas de representação visuais: filmografias, performances, instalações, pinturas, fotografias além de uma cartografia global. Se por um lado o território latino-americano foi escolhido enquanto origem para iniciar essa decodificação crítica (acionado durante o projeto de pesquisa) seu desdobramento revela a possibilidade de expansão por outros territórios, revelando a fertilidade de conhecimentos e atravessamentos das produções de forma mais complexa. Essa operação livre e centrada na existência da própria obra, suas formas e agentes de concepção, viabilização, além das relações criadas e visibilidades percebidas, aproximam a experiência de construção do TFG com o desenvolvimento da Pesquisa. Ambas experiências revelam o potencial de experimentação do próprio o suporte, onde o objeto é questionado, e ocorre uma abertura de possíveis métodos e categorias de decodificação de conhecimentos, fomentado pela experiência visual: “mesmo que consideremos todos os aspectos culturais que conseguimos decifrar na leitura de uma fotografia, sobrevive a essa decifração uma relação com a imagem que é da ordem do mágico, do inexplicável. Essa relação, de dimensão fetichista, entre observador e imagem fotográfica é aquilo que atrai o observador, por dilacerá-lo.” (MORTIMER, 2018, p.159). Importante ressaltar que a pesquisa não se encerra em um Atlas estático e catalogado, mas ao contrário, é um elemento em construção que se se apresenta e se renova na relação observador-imagem, na relação entre o Atlas e quem o decifra. A Pesquisa se vale de uma exploração ainda mais ampla, escolhendo a cada projeto as formas de se operar a crítica, resultando em uma constelação de categorias que se transformam e recombina para tentar definir o que se mostra de mais relevante a cada produção arquitetônica.

Palavras-chave: Atlas, Arquitetura contemporânea, Imagens, crítica arquitetônica, Montagem.

Referências bibliográficas

BERENSTEIN JACQUES, Paola; DA SILVA PEREIRA, Margareth (org.). *Nebulosas do pensamento Urbanístico: Modos de Pensar*. Bahia: Edufba, 2018. 355 p. v. 1. ISBN 978-85-232-1687-0.

ABY Warburg: *Bilderatlas Mnemosyne: The Original*. 1. ed. Alemanha: Hatje Cantz, 2020. 176 p. ISBN 978-3775746939

LATOUR Bruno, YANEVA Albena, “«Give Me a Gun and I Will Make All Buildings Move»: An ANT’s View of Architecture”, *Ardeth [Online]*, 1 | 2017, Online since 01 October 2017, connection on 02 June 2022. URL: <http://journals.openedition.org/ardeth/991>

DE SOUZA SANTOS, Boaventura; MENEZES, Maria Paula. *O fim do Império Cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. Brasil: Autêntica, 2019. v. 1.

IMAGEM, RAZÃO E ENGANO NA NOVA ARQUITETURA EM PORTUGAL

Lis Dourado Pamplona

Doutoranda PROARQ

Orientadores: Gustavo Rocha-Peixoto e Pedro Bandeira

O estudo de imagens no campo da arquitetura lança de antemão o problema das construções platônicas e cartesianas que separam o real do imaginário, o verdadeiro do falso, desmerecendo a imagem como ilusão ou engano. Nesse duelo, sonho e vigília diferenciam a realidade que só pode ser comprovada na consciência desperta, atenta às estruturas inteligíveis dos objetos. Por outro lado, o corpo, oscilante perante as sensações experimentadas, é fonte de imagens e imaginação e deve ser separado do sujeito racional. A dualidade do desenho como saber lógico e fenomenológico concedeu à arquitetura um racionalismo cheio de contradições, complexidades e imprecisões. Tal tensão criadora naturaliza o trânsito entre modelos mentais, esquemas, materiais e paisagens que por si mesma inviabiliza uma distinção transparente entre sonho e concretude, real e ficcional. Não obstante, se antes foram as imagens a serem refutadas como parte do real, hoje a informática também contesta a realidade da matéria. Em O mundo codificado, Vilém Flusser faz um esforço crítico de refazer o debate acadêmico da verdade e falsidade e ficção versus realidade à luz dos meios de comunicação de massa e da grande mídia. Ao retornar às origens etimológicas da palavra matéria como tradução romana do termo grego hylé, ele entende uma primeira oposição entre matéria e forma que se traduziu mais tarde no materialismo para qual a matéria é a realidade. Frente ao surgimento de outras subjetividades, por sua vez construídas através de imagens de um mundo pós-material e pós-histórico, torna-se interessante analisar um ambiente de produção arquitetônica que aparenta ainda fazer uso de uma ideia comum de tradição, história e identidade. Esse uso, se de fato existe ou não, demonstra meios próprios de resistir e elaborar o novo ao selecionar certos traços de sua diferença poética, e, dentre outros fatores, leva a uma identidade qualquer a se assumir ou se recusar como ficção, ou como diria Borges, como um ato de fé. Em contrapartida, os gestos que contornam as imagens de arquitetura se manifestariam como sintomas ou motores dessa fé ou descrença, que de forma otimista ou cínica visam tornar possíveis interações com o mundo despedaçado também em imagens. Nesse sentido, o caso da arquitetura em Portugal, especialmente difundida pela chamada Escola do Porto, parece ser um laboratório de questões afins. As partilhas

de nexos comuns, as crenças nos seus modelos, os usos e desusos de uma narrativa forte sobre si mesma assim como o reconhecimento entre os seus que surge como diferença do outro, com o que é de fora, faz com que a “arquitetura portuguesa” concentre um número considerável de problemas importantes para um estudo da imagem. Não só porque permite novos caminhos para narrativas historiográficas sobre os mesmos, como permite que o campo ampliado da arquitetura se aproprie de reflexões nas quais as imagens podem ser operações em vez de cópias; rupturas de regimes de dominação, em vez de espetáculo alienante. Logo, o trabalho é fruto de uma desconfiança permanente aos conceitos prévios e às narrativas dominantes, assim como um olhar torto sobre o “novo” e os nomes que ainda estão a se fazer em um país que se narrou periférico e foi então moderno. Por outro lado, espera tudo no mar de imagens sem nação e sem território, que sempre habitaram nos projetos de arquitetos e arquitetas e que hoje avançam velozmente sobre a terra borrada do espaço, da linguagem e do tempo. Quem sabe estar diante das imagens e do que sobra da linguagem e do espaço-tempo torne possível estar diante da face da arquitetura que também é resto, rastro, sonho, infâmia, recalque, negócio e persuasão. Quem sabe essa pesquisa aproxime o fazer projetos e a produção de imagens nessas duas frentes em que realidade e ficção cada vez menos se excluem: resistir / aderir à produção da arquitetura como mercadoria; resistir / aderir à produção de imagens como imageria.

Palavras-chave: imagem, arquitetura, Portugal, pós material, pós história.

Referências bibliográficas

MATOS, Olgária. Imagens sem objetos. In: NOVAES, Aduino. Rede Imaginária. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado. São Paulo: Ubu Editora, 2017.



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 10

OCUPAÇÕES EXPOSITIVAS E DIVERSIDADES EX- POGRÁFICAS DO CAMPUS DO FUNDÃO

Renato Alves e Silva

Colaborador PROARQ

Orientadora: Cêça Guimaraens

Ao se abordar a temática “ocupações expositivas em ambientes universitários”, objeto do estudo no âmbito da pesquisa em curso no Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio, emergiu uma reflexão subjacente sobre os diversos tipos de suporte e linguagem empregados nos espaços expositivos em foco, dentro do Campus da Ilha do Fundão. Chama a atenção a distinção verificada em unidades acadêmicas dentro do mesmo campus, para disseminar o conteúdo produzido por elas, seja de modo oficial ou através de manifestações à margem da formalidade institucional. Ao que parece a vocação de cada curso, sendo da área das Ciências Humanas ou das Ciências Exatas, acaba exercendo certa influência no modo como essas ocupações expressam a sua expografia. Sobre o termo “expografia”, tem o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) a dizer: A expografia é a parte das atividades dos museus que visa à pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas de uma exposição. Ela abrange os aspectos de planejamento, metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e a materialização da forma na comunicação com o público. Criadas e apresentadas de muitos modos e sob inúmeros formatos, as exposições não estão restritas a espaços fechados, cobertos, construídos ou edificadas. São muitas as possibilidades para a exposição, que pode acontecer também em espaços abertos – como parques e ruas – ou mesmo virtualmente. (Definição do termo “expografia”. Disponível em: <<https://sabermuseu.museus.gov.br/expografia/>>. Acesso em: 05 set. 2022). Deste modo explicita-se o pensamento de que uma exposição também pode se dar extramuros, livre dos limites impostos por compartimentos herméticos, espraiando-se pelo espaço aberto, ou mesmo fluído, de corredores, pátios ou, simplesmente, viabilizada pela disponibilidade de algum suporte material que comporte e permita a transmissão de uma mensagem. E a reflexão que ora se faz parte do pressuposto de que o papel atribuído aos diversos espaços apropriados para esse fim é o mesmo desempenhado formalmente pelos museus, ou seja, o de fornecer visibilidade a conteúdos que interagem com o agente fruidor desses ambientes. No Fundão, os suportes mais observados foram aqueles atrelados a elementos figurativos, como quadros, painéis e grafites, estes últimos como uma espécie de manifestação dos

discentes, de modo mais espontâneo e livre de regramentos preestabelecidos. As análises se deram nas dependências da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Escola de Belas Artes, no Edifício Jorge Machado Moreira (JMM); nos corredores do Centro de Tecnologia (CT) no trecho da Coppe (Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia); na Faculdade de Letras; e no Centro de Ciências da Saúde (CCS). A escolha justificou-se por esses núcleos concentrarem um percentual representativo da diversidade que pode ser encontrada nos centros acadêmicos existentes no campus, por área de conhecimento. No recorte adotado, em sondagens recentes, verificou-se que, dependendo da unidade ou do curso a ela vinculado, essas ocupações expositivas assumem formas muito próprias para transmitir o seu conteúdo, no que essa investigação inicial se deterá no esforço de categorizar e tecer considerações sobre algumas escolhas relacionadas à natureza expográfica dos casos analisados. Com esse trabalho pretende-se avançar um pouco mais na avaliação do impacto de sistemas de transmissão do conhecimento que corram em paralelo ao ensino formal, ou mesmo, que convirjam e complementem a experiência de alunos, professores e de frequentadores do ambiente universitário de um modo geral, contribuindo para uma formação que não se baseie apenas nas matrizes curriculares oferecidas. Universo ainda pouco explorado, o conhecimento das potencialidades existentes nessas manifestações abstratas pode abrir caminho para propostas descentralizadas que venham a diminuir as distâncias entre o conhecimento acadêmico e sua imbricação com indivíduo e a sociedade em suas necessidades reais.

Palavras-chave: Ocupações, Espaços expositivos, Expografia, Ambiente universitário, Apropriação.

Referências bibliográficas

“Definição do termo “expografia”. Disponível em: <<https://sabermuseu.museus.gov.br/expografia/>>. Acesso em: 05 set. 2022;.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Rio Grande do Sul: Zouk Editora, 2007. 560 p.;

PIGNATARI, Décio. Semiótica da arte e arquitetura. 4^a ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. 186 p.

A INQUIETAÇÃO DA BUSCA PELO AUTÊNTICO NO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Gisele Montalvão Freixo

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Rosina Trevisan

Em patrimônio edificado, um dos questionamentos mais regulares aborda o reconhecimento da autenticidade, qualidade esta que atribuiria, entre outros, o sentido de legítimo, de verdadeiro, à uma obra de arte realizada pelo homem. Historicamente, este pensamento surge por ocasião do Renascimento italiano, época de efervescência artística e cultural, em que a importância da autoria, da excepcionalidade artística, começa a atribuir valor e reconhecimento às obras, sendo importante garantir que as obras de arte, sobretudo as pinturas, fossem autênticas, e não falsificações ou cópias. Anos mais tarde, a Revolução Industrial, ocorrida entre aproximadamente 1760 e 1840, transformaria mais do que os meios de produção artesanal pelo fabril, mas também os centros urbanos sem infraestrutura para tal progresso, o que colaboraria para a criação de um sentimento melancólico de um passado mais tranquilo, que carregado de nostalgia, se voltaria a reação de proteção de obras arquitetônicas. Nesta época, o teórico John Ruskin, representante do movimento romântico inglês, deixaria clara sua postura anti-restauro, considerando que intervenções restauradoras afetariam a integridade, e consecutivamente, a autenticidade do bem. Outra revolução que colaboraria para a formação de um ideal preservacionista foi a Revolução Francesa (1789-1799), que deixou marcas na paisagem, consequência da destruição de diversas obras medievais, “provocando o despertar da noção de ruptura entre passado e presente e produzindo um sentimento de proteção a edifícios e ambientes históricos” (Viollet-le-Duc, 2000, p. 10). Neste contexto temos Eugène Viollet-Le-Duc, adepto do restauro estilístico, em que o estado autêntico seria o estado primitivo, que poderia nunca ter existido, sendo possível recuperar referências projetuais originais ou até não pensadas por seus idealizadores, eliminando os traços da evolução física daqueles monumentos ao longo do tempo. Na Itália, berço do Renascimento e detentora de monumental acervo artístico e arquitetônico, a preocupação em não destruir a autenticidade das obras se daria pelas teorias deixadas por Camillo Boito e Cesare Brandi, ambos engajados em garantir que as intervenções obedecessem aos princípios da mínima intervenção e da distinguibilidade entre partes originais e possíveis alterações, conceitos que buscam assegurar a fidelidade à matéria original e consecutivamente,

ao que se entenderia à época por autêntico. Em 1964, a Carta de Veneza, importante documento internacional para a proteção do patrimônio edificado mundial, fruto do II Congresso Internacional de arquitetos e técnicos dos monumentos históricos, realizado na Itália, traria em seu preâmbulo que “as obras monumentais de cada povo perduram no presente [...] e a humanidade, [...] se reconhece solidariamente responsável por preservá-las, impondo a si mesma o dever de transmiti-las na plenitude de sua autenticidade”, reafirmando o compromisso com a atingimento deste ideal, ainda que não trazendo uma clara definição para o conceito. Nas últimas décadas, percebemos um distanciamento do reconhecimento da autenticidade baseada em aspectos materiais, conforme outrora, e uma aproximação para o seu entendimento a partir de questões subjetivas da obra. O Documento de Nara, produto da Conferência sobre Autenticidade (Japão-1994), se aprofunda na discussão deste conceito, sendo este “o principal fator de atribuição de valores”, que seriam conferidos através dos contextos culturais diferentes, que são descobertos através de pesquisa multidisciplinar, que deve “incluir aspectos de forma e desenho, materiais e substância, uso e função, tradições e técnicas, localização e espaço, espírito e sentimento” (CURY, 2004, p. 322), ampliando a preservação a outros aspectos que contemplam não só a materialidade do edifício. Além das Cartas Patrimoniais, outros teóricos permanecem preocupados com o tema, como exemplo citamos Salvador Muñoz Vinãs (2003), que em sua Teoria Contemporânea da Restauração, reconhece que outros fatores se identificariam diretamente com a autenticidade, como funções, significados e na capacidade comunicativa do patrimônio cultural para seus grupos de pertencimento, o que não pode ser cientificamente quantificado. Conclui-se com este breve apanhado, que não obstante as transformações sociais e culturais que a civilização ocidental perpassa, permanecemos inquietos na busca de um ideal de verdade a ser reconhecido nas obras, e que o entendimento das causas que levam a esta busca é preponderante para a compreensão do que, por que e para quem preservamos.

Palavras-chave: Autenticidade, Patrimônio, Cartas Patrimoniais, Teoria da Restauração, Reconstrução.

Referências bibliográficas

CURY, Isabelle (org.). Cartas patrimoniais. 3a. Ed. rev. aum. - Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

VIÑAS, Salvador Muñoz. Teoría contemporánea da la Restauración. Madrid: Editora Síntesis, 2003.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. Restauração. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2000.

PERCURSOS E SUAS IDENTIDADES: ESFERA PARTICIPATIVA POPULAR NO PATRIMÔNIO DE MAGÉ/RJ

Daniel Athias de Almeida

Doutorando PROARQ

Orientadora: Vera Tângari

Este presente trabalho apresenta uma breve síntese do projeto de doutorado em andamento no PROARQ iniciado em 2021, que tem por objetivo investigar as relações que se constroem a partir de um percurso. No caso específico deste trabalho lançamos o foco na estrada real - um caminho consolidado, com uma narrativa hegemônica e pouco questionadora. Segundo Careri (2013) o percurso indica ao mesmo tempo a travessia, o ato de atravessar o espaço e seu relato subsequente é uma forma estética frente a paisagem. Usamos o percurso como objeto e como questionamento do processo, revisitando sua importância e seus significados. A Estrada Real é acima de tudo um percurso histórico e de grande relevância social, mercantil e cultural que se articulou como principal eixo de ocupação humana no Brasil nos séculos XVIII e XIX. A Estrada Real que conhecemos hoje pode ser lida como uma narrativa consolidada a partir da estrada real do passado, em que privilegiam determinados fatos, acontecimentos históricos em detrimento de outros - como forma de fortalecimento dessa narrativa turística e mercadológica existente. Como ponto de partida desta narrativa iniciamos com o município de Magé, um território dividido entre múltiplos atravessamentos históricos, ainda que possua pouco protagonismo nesta rota. Considerando as perspectivas propostas por Jean-Marc Besse, Simon Schama e Denis Cosgrove, se faz necessário compreender como se constroem as relações entre os indivíduos e seu território e abrir espaço para outras narrativas emergirem deste processo. Como forma de compreender este contexto, foram criados processos participativos a partir da coordenação de patrimônio cultural de Magé com três escalas de aproximação com o município que nesta análise reforçam as relações territoriais. São elas: i) Escala Macro - Inventário Participativo, ii) Escala Intermediária - Mapeamento Afetivo, iii) Escala Local - Educação Patrimonial. O Inventário Participativo debate uma visão global do patrimônio municipal através de um corpo misto de referências locais com especialistas, já no caso do Mapeamento Afetivo, foi realizado um estudo aplicado às sete escolas EJA (Educação de Jovens e Adultos) de Magé, abarcando uma visão regional a partir das escolas, de seus alunos e suas relações sócio-territoriais, enquanto a Educação Patrimonial abre discussão através de um percurso sensorial que promove uma interface de

discussão e apropriação dos patrimônios consolidados do município junto às escolas e a comunidade. Importante também destacar que cada uma dessas escalas de ação se ampliam ultrapassando os limites territoriais de Magé, o que por sua vez, faz surgir uma quarta escala, a Metropolitana, observada através do Heritópolis. O Heritópolis é um projeto desenvolvido em parceria consórcio internacional de instituições diversas conhecido como Heritópolis - Vinculado à ONU HABITAT, projeto que trabalha com o conceito de patrimônio metropolitano. As escalas possibilitam experimentar diferentes esferas de leitura do território, utilizando de estratégias participativas, com diferentes formas de linguagem que envolvem a sociedade no processo de identificação dos bens patrimoniais e manifestações presentes na cultura popular com vistas a apontar o uso de políticas públicas e tomada de decisões que favoreçam as sociedades como um todo.

Palavras-chave: Percursos, Identidade, Paisagem, Território, Caminhos Históricos.

Referências bibliográficas

BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro (RJ): EDUERJ, 2014.

CARERI, F. WALKSCAPES, o caminhar como prática estética. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.

COSGROVE, Denis E. Introduction to social formation and symbolic landscape In: DELUE, Rachael Ziady; ELKINS, James. Landscape Theory. New York: Routledge, 2008. [p.17-42].

SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Cia das Letras, 2009, [arcádia redesenhada, p. 513-573].

COR E ARQUITETURA: PARADIGMAS E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Luciana Florenzano

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Rosina Trevisan Ribeiro

Estudar as cores das superfícies arquitetônicas é estudar tanto os processos formais compositivos da arquitetura, os quais influenciam diretamente nas relações de figura-fundo em fachadas de edificações históricas, quanto os processos estruturantes do meio urbano, na medida em que as cores são essenciais na orientação humana e na própria leitura da cidade. Um termo italiano para essa relação é o *colori loci*, definido como um conceito para revelar as características fenomenológicas únicas de um lugar a partir de suas cores. De um lado, intervir nas cores de edificações tombadas é uma questão arquitetônica, mas no âmbito urbano a dimensão da cor das fachadas é elemento determinante para a construção da imagem do lugar e de como ela é percebida pelos indivíduos. Considerando a relação intrínseca entre cor, arquitetura e imagem urbana, esta tese investiga a cor das superfícies arquitetônicas do patrimônio edificado frente aos princípios teóricos da restauração, na linha crítico conservativa contemporânea. Busca-se discutir se as cores do patrimônio edificado brasileiro refletem princípios teóricos da restauração que vêm sendo construídos desde o século XX por Brandi ou atuam como elemento de manutenção de uma imagem urbana forjada para uma fetichização, refletindo outros padrões de estrutura mental que não encontram coerência com a teoria da restauração? O objeto da tese é propriamente a cor das superfícies arquitetônicas do patrimônio edificado em sua relação de imagem urbana. E o objetivo central é analisar as cores das superfícies arquitetônicas de quatro centros urbanos tombados pelo Iphan frente aos princípios teóricos do restauro na linha crítico-conservativa contemporânea, buscando entender como estes princípios teóricos são materializados no Brasil nas intervenções cromáticas e na construção da imagem urbana. A análise desse objeto ocorre por meio de um aprofundamento teórico-filosófico no âmbito do campo disciplinar do restauro, conectando teoria e prática, por meio de quatro núcleos urbanos tombados pelo Iphan: Centro histórico de Belém [PA], Centro histórico de Ouro Preto [MG], Paraty e Ilha Grande [RJ] e Centro histórico de Salvador [BA]. Para responder a demandas da pesquisa além de um amadurecimento teórico por meio de uma revisão de literatura abrangendo uma pesquisa sobre normativas internacionais, se realiza um levantamento documental em arquivos do Iphan e uma

pesquisa de campo para determinar como as cores das superfícies arquitetônicas encontram-se na atualidade, bem como é analisada a legislação brasileira. É possível falar em *colori loci* nesses núcleos urbanos? Sabe-se que na contemporaneidade, analisar os revestimentos e as cores da arquitetura em áreas urbanas históricas implica em compreender os processos de escolha cromática, os quais não estão mais vinculados com a oferta de pigmentos da geografia local, existindo, portanto, novos paradigmas que influenciam essa escolha e conseqüentemente as imagens urbanas. Partindo de uma visão influenciada pela fenomenologia que busca a importância da história a partir de sua relação com o presente em uma dimensão existencial, constata-se o reconhecimento dos processos dominantes hoje e das disputas envolvidas no patrimônio cultural brasileiro, entendendo que nas últimas décadas as intervenções cromáticas nas superfícies arquitetônicas dos bens culturais estão sendo realizadas a partir da influência de alguns paradigmas e não por meio da análise particular de cada caso ou de uma dialética entre as instâncias estética e histórica, nos termos brandianos. Este trabalho parte da premissa de que os princípios teóricos que norteiam a teoria crítico-conservativa, no campo disciplinar do restauro, não encontram paralelos com a atualidade das cores das superfícies do patrimônio brasileiro. Em contrapartida, se notam narrativas imagéticas com a recorrência de atitudes estruturantes, denominadas como paradigmas, na base das intervenções cromáticas em bens culturais edificados, seja no culto ao valor de novidade, em tendências cromáticas como o uso do amarelo na arquitetura historicista ou no turismo cultural. Nesse cenário, é possível falar na contemporaneidade em novos paradigmas para a escolha das cores arquitetônicas?

Palavras-chave: cor, arquitetura, patrimônio cultural, imagem, paradigma.

Referências bibliográficas

BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Cotia: Ateliê, 2008.

INTERVENÇÃO E ATRIBUIÇÃO DE VALOR EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: O CASO DO PORTO DE PELOTAS/RS

Aline de Oliveira Mendes

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Ceça Guimaraens

O interesse pela preservação do patrimônio industrial passa a ter mais vulto a partir da década de 1950 na Inglaterra, e a atrair mais a atenção pública na década 1960, após algumas demolições de preexistências industriais, em consonância com a especulação imobiliária e o desenvolvimento das cidades. Mesmo as edificações que não foram demolidas nesse período, sofreram com o abandono e a ameaça iminente de destruição, em função de suas grandes dimensões, especificidades, e obsolescência funcional (KÜHL, 2009). Apesar de inúmeras iniciativas privadas e do poder público, além de diversos estudos, encontros e congressos desenvolvidos na intenção de discutir sobre o tema, as análises críticas direcionadas às atividades de restauração e reutilização do patrimônio industrial ainda são muito descritivas, sem uma apreciação técnica mais aprofundada e que auxilie em novas proposições assertivas para a qualificação dessas ações (KÜHL, 2009). Com foco na discussão das apropriações e mudança de uso do patrimônio industrial em regiões portuárias, pretende-se desenvolver uma análise crítica das intervenções realizadas nas pré-existências industriais do bairro Porto na cidade de Pelotas – RS e como essas ações impactaram na paisagem cultural local. Como objetivo principal pretende-se desenvolver o debate crítico acerca da aplicação dos preceitos e princípios teóricos preservacionistas nas intervenções em antigos sítios industriais de regiões portuárias. Fazendo a retomada do percurso teórico e das ações, identificando: lacunas interpretativas entre teorias e práticas reabilitadoras; e alterações na paisagem e significância cultural destes Lugares de Memória. Já como objetivos específicos pretende-se realizar diagnósticos e comparações em contextos fora do Brasil que serão estudados, de modo a verificar as diferentes formas de atuação e a valoração desses antigos sítios industriais pós-intervenção. Além de validar princípios e nortear novas contribuições, visando a discussão crítica sobre possíveis adaptações de métodos aplicáveis a rearquitecturas em um contexto contemporâneo. Como método de estudo será realizada pesquisa histórica e estudo de caso com estratégias combinadas. O método historiográfico será importante para a compreensão do estado da arte do objeto, do contexto e de fenômenos e conceitos associados ao tema. E também para o desenvolvimento da linha do tempo envolvendo os

objetos de estudo, com estratégias que buscam evidências em arquivos documentais, livros, teses, projetos e reportagens. Permitindo assim a investigação, discussão e retomada do discurso teórico, que será fundamental para que possamos identificar as lacunas entre preceitos preservacionistas e as aplicações deles. Já o método do estudo de caso e estratégias combinadas, auxiliará na análise descritiva historiográfica e comparativa das intervenções do recorte de estudo. Para a análise de atribuição de valores dessas preexistências, após intervenção, foram utilizadas como bases as teorias de Alois Riegl (2006) e Meneses (2012). Com essas análises preliminares do sítio, podemos perceber que no bairro Porto em Pelotas, apesar das interferências manterem o aspecto simbólico e a ambiência de caráter industrial do entorno, ainda é preciso trabalhar com maior empenho nas potencialidades e vocações dos espaços públicos gerados pela configuração desse conjunto. Além disso, os projetos não foram explorados a nível de conjunto, pois como as intervenções ocorreram em décadas diferentes, as propostas foram pensadas de maneira individualizada, não tendo conexão de identidade visual que demonstre relação entre as preexistências, nem proposta urbana conectando os espaços. A única preocupação que parece ter sido levada em consideração foi a da mínima intervenção, observada na maior parte das interferências nas fachadas, mantendo o aspecto histórico do sítio. Dessa forma, podemos observar pontos positivos e pontos que poderiam ser revisados nas ações realizadas no bairro Porto. Como pontos positivos, podemos destacar a mínima intervenção e uma adaptação de uso compatível com a vocação das antigas instalações, com o reaproveitamento maximizado das antigas estruturas, indo ao encontro da sustentabilidade. Além de manter os valores: histórico, de uso, de arte, de novidade, cognitivos, formais, afetivos. Já como pontos a serem melhorados, apontamos a educação patrimonial e a associação do inventário participativo para novas medidas de salvaguarda, ações a nível de conjunto com maior relação entre as preexistências, que tragam espaços mais convidativos, tanto para estudantes, como para a comunidade em geral.

Palavras-chave: Valores patrimoniais, reutilização, patrimônio industrial.

Referências bibliográficas

KÜHL, Beatriz M. Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro. Cotia (SP): Ateliê/Fapesp, 2009.

MENESES, U.T.B. (2009). O campo do patrimônio cultural: Uma revisão de premissas. Conferência Magna, I Fórum Nacional de Patrimônio Cultural. Ouro Preto. IPHAN

RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos. Sua essência e sua origem. (Trad. Werner Rothschild Davidsohn, Anat Falbel), Goiânia, UCG, 2006.



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 11

RASTROS DA PAISAGEM DE FRONTEIRA: A TEO- RIA-ATOR REDE E O MÉTODO DA CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS

Lorena Maia Resende

Doutoranda PROARQ

Orientadores: Paulo Rheingantz e Vera Tângari

O conceito de paisagem de fronteira é muito pouco explorado se comparado ao termo *border landscape* ou *borderscapes* (grafia no idioma inglês), sendo que em ambos os casos o termo está vinculado ao campo da geografia política ou geografia cultural. Dell'Agese e Szary (2015) se aproximam da origem da palavra *borderscapes* no qual esse hibridismo etimológico é o alicerce para uma nova imaginação transnacional. A paisagem de fronteira, como um ambiente moldado e remodelado por fluxos transacionais, nunca é estática ou precisa. Essa abordagem tira o protagonismo do conceito de paisagem de fronteira das imposições do Estado internacional para os sujeitos que leem e vivenciam a fronteira. As autoras defendem uma abordagem estética da paisagem de fronteira, que atravesse não só a legislação, mas que explore a arte visual, a literatura, a música e o mapa como fontes e rastros do processo de ser e se fazer fronteira. A pesquisadora italiana Chiara Brambillaa (2015) destaca a variabilidade das fronteiras em seu constante processo de transformação de fazer, desfazer e refazer. Faz um comparativo da fronteira a um “anel de desfoque” que se move e se desloca no tempo e no espaço. A fronteira que não é fixa, pois assim como os objetos e pessoas também viaja e se projeta no local e no global. A inserção das características da globalização em grande escala, assim como as características dos fatores locais em pequena escala auxiliam na compreensão do conceito de paisagem de fronteira na contemporaneidade. A partir de tais aproximações conceituais percebe-se uma lacuna quanto ao entendimento de paisagens de fronteira em um contexto latino-americano e também quanto ao estudo em outros campos do conhecimento, como no caso da arquitetura e do urbanismo. Assim, a pesquisa de tese, em andamento, tem o objetivo de rastrear as transformações da morfologia da paisagem nas cidades-gêmeas da Fronteira Brasil-Uruguay, a fim de contribuir tanto para uma atualização conceitual do termo paisagem de fronteira, como na identificação das controvérsias dessa paisagem, oferecendo subsídios para a formulação de diretrizes e intervenções urbanas. O território de fronteira tangencia questões sobre: complexidade, heterogeneidade, hibridismo, rede, relação entre o social e o ambiental, fluidez, porosidade, dentre outros. Dessa forma, faz-se necessário uma metodologia que consiga acompanhar

essa constante mobilidade da fronteira, descrevendo as associações e circulações dos distintos actantes na rede, ou os terrestres no planeta, tanto humanos (moradores das cidades-gêmeas, profissionais da gestão urbana local e federal de ambos países, estrangeiros, turistas, a própria pesquisadora, outros pesquisadores, etc.) como não-humanos (edificações, instrumentos de trabalho, infraestrutura urbana, vegetação, rios, animais, leis, material de coleta, etc). Configura-se assim uma rede sociotécnica aberta e conectável, entendimento desenvolvido pela Teoria Ator-Rede (TAR) considerada por John Law (2007) não como uma teoria em termos clássicos, mas sim uma versão empírica do pós-estruturalismo, no qual se concentra em descrever os agenciamentos entre a sociedade, a ciência e a tecnologia. A aplicabilidade da TAR, em face metodológica, pode ser desenhada pela cartografia de controvérsias (CC), isto é, um mapeamento de conflitos gerado pela discordância, mesmo que momentânea, entre os actantes. O produto da CC identifica o rastro dessas associações e agenciamentos revelando as polêmicas e as dimensões da rede sociotécnica (VENTURINI, 2010). O diferencial desta metodologia reside na “simetria generalizada” entre os actantes, evitando a polarização e a hierarquia dos humanos e não-humanos dentro da rede. Dessa forma, é possível contemplar não só a abordagem estética (proposto pelas autoras supracitadas) como também a abordagem ética referente às transformações das paisagens de fronteira. A composição da CC tem sido realizada a partir de distintas ferramentas de coleta, desde uma prática empírica da pesquisadora imersa no território a partir de cartografias urbanas, desenhos em croqui e entrevistas, até o mapeamento das transformações morfológicas no tempo baseada em imagens de satélite, indicadores sociais, legislações e convênios de cooperação. Durante este percurso na fronteira Brasil-Uruguay percebe-se que o conceito de paisagem de fronteira se aproxima das características de mobilidade apontado pelas autoras supracitadas, mas também ganha significados diferentes e particulares como o de adaptabilidade, cooperação, zona de amortecimento e de tensão. A controvérsia que costura a pesquisa reside neste paradoxo da paisagem de fronteira, no qual em uma mesma paisagem coexiste uma construção coletiva de cooperação e uma constante tensão provocada pelo

temor do muro (símbolo de separação e exclusão), que nunca deixou de ser uma opção.

Palavras-chave: Paisagem de Fronteira, Transformação da paisagem, Teoria, Ator-Rede, Cartografia de Controvérsias, Morfologia urbana.

Referências bibliográficas

BRAMBILLA Chiara. Exploring the Critical Potential of the Borderscapes Concept. *Geopolitics*, v. 20, n. 1, 14-34, 2015.

DELL'AGNESE, Elena; SZARY, Anne-Laure Amilhat. Borderscapes: From BorderLandscapes to Border Aesthetics. *Geopolitics*, v. 20, n. 1, p. 1–10, 2015.

LAW, John. Actor-Network Theory and material semiotics. Lancaster University, 2007. pp. 1- 21.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understand. Sci.*, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

A LUZ MATERIALIZADA E SUA RELAÇÃO COM A PERCEPÇÃO DE PRESENÇA EM AMBIÊNCIAS NOTURNAS

Nathália Moreira Carvalho

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Cristiane Duarte

O presente trabalho trata da pesquisa de tese de doutorado da autora, sob orientação da professora Cristiane Rose Duarte, que tem como tema a luz materializada e sua relação com a percepção de presença em ambiências noturnas. De maneira introdutória, apresenta-se aqui como luz materializada aquela cuja função objetiva de tornar visível (seja espaços, objetos ou indivíduos) é minimizada diante da sua missão de se fazer visível em si mesma. É percebida subjetiva, sinestésica e cinestesticamente como matéria pelo corpo que, de acordo com Merleau-Ponty (1999), é sensibilidade, movimento e expressão criadora. Assim, relaciona-se de algum modo àquilo que é material, mas vai além da sua dimensão física, incluindo-se nessa operação elementos como o tempo e o próprio sujeito, que se desloca do papel de espectador para o de interagente, que toca e é tocado (subjetivamente). Atualmente a maior parte dos estudos e pesquisas realizados sobre iluminação, gira em torno de abordagens objetivas e técnicas, relacionadas a questões como saúde, conforto ambiental e segurança. Em relação à luz materializada, a busca por interatividade e virtualização, normalmente encaminham as discussões para os campos da tecnologia e da inovação, no entanto pouco se discute sobre a subjetividade intrínseca às relações entre sujeitos e a luz, principalmente quando essa luz não se dedica a iluminar, e sim se revelar em si mesma. Acredita-se que Luzes Materializadas cotidianas, como luzes acesas em janelas em meio à paisagem ou pequenas lâmpadas festivas, podem também ser percebidas como presença, adquirindo status de indivíduo. Como sugere Bachelard (1989), quando o sujeito se vê diante da materialidade da luz da chama de uma vela, passa a percebê-la como ser humanizado, estabelecendo com ela uma relação de admiração e intimidade, como se essa luz conseguisse suprimir o vazio sentido por um indivíduo solitário. Não se trata de algo objetivo, mas qualitativo, subjetivo e relacionado à experiência. No caso da luz materializada, mesmo desprovida de elemento material perceptível, ela (a luz) se impõe como um ser. Assim, age de forma sinestésica no corpo e toca o sujeito de modo diverso de como normalmente acontece quando o espaço é preenchido pela luz que se dedica a clarear ao redor. Desse modo, ao tratar do assunto, amplia-se a ideia de percepção que os sujeitos podem ter do outro e também de si

mesmos, influenciando a maneira como as pessoas afetam e se deixam afetar pelos lugares, onde o Outro, nem sempre é um indivíduo, ainda que possa ser humanizado. Buscando-se compreender como a luz materializada se relaciona com a percepção de presença em ambiências noturnas é que se propõe esta pesquisa, que também pretende conceitualizar o termo Luz Materializada; analisar como a luz materializada pode se manifestar; identificar quais características / elementos de uma ambiência possibilitam ou estimulam a percepção da Luz Materializada; e verificar o que são / onde estão as luzes materializadas em ambiências noturnas cotidianas. Para tal, com base na subjetividade e tendo como estratégia metodológica a Pesquisa Qualitativa, aponta-se como método de pesquisa a Revisão de literatura a partir de autores como Bachelard, Gumbrecht, Merleau-Ponty e Millet, principalmente pela escassez de trabalhos teóricos que abordem o assunto e o ineditismo quando se trata do termo “luz materializada” em ambiências noturnas cotidianas. Como estrutura textual, a tese se desenvolve em quatro partes (além da Introdução e as Considerações Finais). O capítulo inicial é dedicado à apresentação da abordagem e estratégias metodológicas. Assim, desde o início do trabalho, alinha-se com o leitor o olhar perante a temática e como se darão as escolhas de percurso em busca dos objetivos. A segunda parte, chamada de “Afinação Teórica” é voltada à elucidação de termos importantes para o desenvolvimento da pesquisa, buscando-se estabelecer limites e possibilidades que conduzam a um entendimento afinado entre pesquisadora e leitores a respeito do tema em questão. Dentre os termos, tem-se: percepção; matéria e materialidade; presença (e ausência); luz (e escuridão). O terceiro capítulo – “Imersão” – é responsável por conceituar o termo luz materializada, assim como definir como, onde e quando se manifesta, inclusive nos espaços cotidianos. Por fim, tem-se o capítulo “Emersão”, voltado às análises que dizem respeito às relações entre a Luz Materializada e a percepção de presença em ambiências noturnas.”

Palavras-chave: Luz Materializada, Materialidade, Percepção, Presença , Ambiências Noturnas.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. A chama de uma vela. Tradução: Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Tradução: Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010. E-book.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MILLET, Marietta. Light revealing architecture. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 1996.

ACELERAÇÕES CIDADINAS, NORMATIZAÇÕES VIÁRIAS E PEDALAR NA CIDADE

Fernando Manteufel Fiorotti Mathias

Doutorando PROARQ

Orientadora: Cristiane Duarte

O surgimento de uma infraestrutura exclusiva para o uso da bicicleta não é algo novo, contudo, frente as exigências globais oriundas da crise climática, os grandes centros urbanos têm investido em tais projetos como uma das medidas para reduzir o impacto de emissão de CO². O antropólogo Roberto Damatta nos traz a possibilidade de fazer uma leitura do trânsito enquanto um termômetro da sociedade, endossado pela Lei N°12.587 que institui a Política Nacional de Mobilidade Urbana, com uma série de demandas as cidades que atendem a lei. Sob esse contexto, a bicicleta vêm ganhando mais espaço e adesão ao uso, contando também com o surgimento de serviços de bicicletas compartilhadas e mais ciclovias. A pesquisa se debruça sobre esse espaço projetado para receber os ciclistas, identificamos como infraestrutura cicloviária, compreendendo as vias institucionais para se pedalar (ciclovias, ciclofaixas, ciclorotas e faixas compartilhadas), as bicicletas compartilhadas e suas estações de aluguel. No intuito de discutir a confluência de fluxos, a pesquisa propõe dialogar com distintos atores urbanos e coletivos que fazem uso da bicicleta na cidade do Rio de Janeiro, a fim de discutir as escalas de aceleração que se deslocam na cidade. A reivindicação por modos de vida ecológicos, apesar de urgente, é algo visto há mais de cinquenta anos em grupos cicloativistas. Podemos citar o grupo Provos, com origem em Amsterdam na Holanda, na década de sessenta, acusavam sobre a poluição gerada pelos carros, promoviam o uso da bicicleta, com suas bicicletas brancas espalhadas pela cidade e demandavam espaço seguro para se deslocar (GUARNACCIA, 2001). Na década de noventa, nasce em São Francisco, nos Estados Unidos, o movimento de Critical Mass (Massa Crítica), popular em todo mundo, no qual as pessoas vão as ruas com suas bicicletas na última sexta feira do mês, na hora do rush, reivindicando espaço na rua e lentidão no trânsito. Contudo, nota-se com os projetos de infraestrutura cicloviária, a realocação dos ciclistas em faixas específicas de deslocamento, distanciando da negociação de velocidade com os automotores, apesar de incentivado o uso da bicicleta pelo poder público. Assistimos a instauração de uma individualização e padronização do pedalar, sem preservação do ciclista nas faixas de rolamento dos automóveis. A discussão sob a qual nos fundamentamos é tecida em torno

dos pensamentos do arquiteto filósofo Paul Virilio e o filósofo sul coreano Byung Chul-Han, nos estudos sobre velocidade e aceleração. Para ambos, o excesso de aceleração e o crescente encurtamento de distância ao qual experienciamos na atualidade, são responsáveis pelo esfacelamento da narrativa de trajetória, distanciando indivíduos de uma vivência relacional com o meio atravessado. Sob esse contexto, é definido como objetivo geral da pesquisa a compreensão dos fluxos projetados com a infraestrutura cicloviária na cidade do Rio de Janeiro, a fim de tecer uma discussão dialógica com atores urbanos e coletivos que já utilizam a bicicleta enquanto meio de transporte na cidade. Com isso se faz necessário: Revisão teórica sobre deslocamento, velocidades, aceleração e vida contemporânea na metrópole; Consultar e localizar em base de dados os elementos da infraestrutura cicloviária presente na cidade; Estudo de campo da infraestrutura cicloviária, relato analítico do autor e entrevista com ciclistas; Discutir e analisar a localização da malha cicloviária e suas relações com o entorno; Participar e compreender demandas de grupos micropolíticos que pedalam na cidade. Para tal, serão consultadas referências recentes e/ou atualizadas da revisão teórica que propomos utilizar, a fim de compreender os fluxos contemporâneos e os paradigmas presentes na circulação urbana. Em campo serão feitas entrevistas utilizando a metodologia de etnotopografia, a fim de trazer informações sobre o uso do espaço e as relações sociais com o meio ao utilizar a bicicleta.

Palavras-chave: Cor, arquitetura, patrimônio cultural, imagem paradigmado.

Referências bibliográficas

BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Cotia: Ateliê, 2008.

SE ESSA CASA FOSSE MINHA, EU MANDAVA LADRI- LHAR - REPRESENTAÇÕES CORPO-ARQUITETURA NO CONTEXTO DOMÉSTICO PERIFÉRICO

Victória Helena Michelini Junqueira

Mestranda PROARQ

Orientador: Rubens de Andrade

A premissa deste trabalho considera que herdamos, no Sul Global, uma concepção linear do tempo em que se confunde o porvir com “evolução”. O curso dessa linha também pode ser lido como o processo de desenvolvimento, e assim, o que precede seu ponto inicial é um estágio de não-desenvolvido e o que está depois dela, o progresso, estágio desenvolvido – à imagem de referenciais europeus e norte-americanos (NAME, 2021). Deste modo, tal perspectiva além de embaralhar categorias, contribui para a construção de narrativas que reduzem a ideia de civilização, arte e técnica a representações, signos e símbolos (materiais e imateriais) dados. Além de a história contada pelos vencedores ter assegurado a manutenção das narrativas heroicas atribuídas aos personagens colonizadores desde os períodos imperiais (NAME, 2021), a difusão do modelo de sociedade norte-americano (herdeiro de muitos valores europeus) se institucionalizou em 1949, às luzes da guerra-fria, quando o discurso sobre o “desenvolvimento” ajuda a consolidar uma dominação entre pares contrastantes: desenvolvido-subdesenvolvido, pobre-rico, avançado-atrasado, centro-periferia (ACOSTA, 2016). Em outras palavras, a ideia do desenvolvimento rumo ao progresso foi um dos dispositivos do capitalismo contra o comunismo e, dessa forma, o mundo se organizou, de fato, para alcançar tal estágio “superior”, ditado pelas prerrogativas do modo de vida europeu estadunidense. As consequências desse processo encontram paralelo no que Stuart Hall chamou de fragmentação e crise da identidade cultural na era da modernidade tardia. Para ele, a globalização seria um dos principais responsáveis por deslocar as identidades culturais nacionais no final do século XX, gerando um efeito pluralizante e, ao mesmo tempo, fazendo emergir identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição (HALL, 1996). Alberto Acosta destaca nessa mesma direção que à medida que os países passam a interferir direta e indiretamente em assuntos internos dos países periféricos ou ditos subdesenvolvidos, estaria institucionalizada a ocidentalização e homogeneização do mundo. Como resultado, teríamos uma grande perda de diversidade: uma simplificação global da arquitetura, da indumentária e dos objetos da vida diária. “A homogeneização de desejos e sonhos ocorrem profundamente no subconsciente das sociedades” e a difusão de

certos padrões inalcançáveis (porque localizados histórica e geograficamente), infiltram-se no imaginário coletivo de uma tal forma que mantém os grupos sociais como “prisioneiros de um desejo permanente” (ACOSTA, 2016, p.35). Nesse ínterim, Milton Santos avalia as reações “positivas” vindas da América Latina, África e Ásia, em suas reivindicações para um “universalismo” menos excludente, baseado em relações de solidariedade e capazes de definir a inserção de lugares em uma rede de relações humanas de modo a valorizar a singularidade em meio à totalidade. O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas (SANTOS, 2001) Ao abordar a cultura espacial, sob o foco no Sul global, o que se vê ainda hoje é que majoritariamente as teorias e referências de cidade, paisagem e arquitetura estão situadas em parte da Europa e dos Estados Unidos (NAME, 2021). Percebe-se que há uma dinâmica de apropriação de símbolos e signos provindos do “centro” e difundidos pela cultura de massa, cultura cujo alcance difundiu um discurso hegemônico que define padrões na criação da paisagem e do ambiente construído. A apropriação desses símbolos que são, por um lado, familiares – pois imbuídos no imaginário coletivo através dos mecanismos da cultura de massa – mas, por outro, estranhos – porque estão localizados em outras esferas geográficas e socioculturais; reverbera na paisagem latino-americana em diversos níveis. Como uma primeira aproximação a esse campo de debate, pode-se dizer que tais ideologias que grosso modo estabelecem processos de homogeneização da cidade, forjam padrões estéticos e potencializam práticas construtivas afastadas das especificidades locais. Diante desse panorama, a pesquisa em curso pretende explorar: i) como as transformações culturais – subtrações, assimilações, fragmentações, hibridismos – e a apropriação de símbolos se manifestam na construção da paisagem e do ambiente construído no Sul Global e ii) Como se revela o impacto dos pontos acima elencados na produção da arquitetura da paisagem, em regiões periféricas do Rio de Janeiro, em particular no município de Magé.

Palavras-chave: Arquitetura, Cultura, Homogeneização Cultural, Paisagem, Sul Global.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NAME, Leo. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões espaciais básicas em arquitetura. Pos FAUUSP, São Paulo, v. 28, n. 52, 2021, 12 p.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2001.

PAISAGEM DO RISCO: UM ESTUDO MORFOLÓGICO DAS ENCOSTAS DO DISTRITO DE CONSELHEIRO PAULINO, EM NOVA FRIBURGO/RJ

Aline Ourique Toledo

Mestranda PROARQ

Orientadora: Andrea Rego

Introdução: Entre 1991 e 2012, o Brasil registrou um aumento de 40% no número de desastres comparado com a década anterior. Entre esses registros, os casos deflagrados por movimentos gravitacionais de massa, ou seja, deslocamento de solo e rocha em uma encosta, apresentaram a maior variação, crescendo 21,7 vezes enquanto a média geral multiplicava-se por 6 (UFSC CEPED 2013). Segundo a arquiteta e urbanista Monica Bahia Schlee (2028 p.17), a leitura morfológica da paisagem das encostas, considerando diferentes escalas e contextos, é capaz de refletir os processos que a produziram, e representam uma importante ferramenta para formulação de estratégias para sua proteção. Nesse âmbito, é necessário destacar que eventos catastróficos produzem um novo contexto material, que conseqüentemente “altera a forma/paisagem, e introduz novos objetos, funções, valores e intencionalidades” (LUCHIARI, 2014, p 14).). É preciso que haja, portanto, uma análise de categorias, de discursos, de sistemas filosóficos, estéticos, morais, que a paisagem deve pretensamente prolongar a refletir” (BESSE, 2014, p.14), e que ultrapasse o momento do impacto. Dessa forma, considerando a paisagem antes e depois do desastre, a fim de compreender seus condicionantes e impedir que eles se perpetuem. Com base nos aportes teóricos citados, a questão que se coloca é como a análise morfológica da paisagem das encostas, observando a forma, a caracterização do sistema de espaços livres, padrão de ocupação e dados demográficos, podem auxiliar no diagnóstico do risco ao desastre, e no embasamento e na fiscalização de medidas para sua mitigação. Objetivos: Desse modo, o objetivo geral da dissertação é buscar diretrizes para o planejamento das encostas urbanas, considerando a associação das vulnerabilidades socioambientais às características do Sistema de Espaços Livres, a fim de evidenciar a importância dessa visão multidisciplinar para a mitigação do risco socioambiental. Os objetivos específicos traçados são (1) Identificar assentamentos urbanos com recorrência de movimentos gravitacionais de massa através de leituras multidisciplinares da paisagem; (2) Analisar como a morfologia urbana e arquitetônica contribuem para o risco ao desastre na micro e na macroescala; (4) Hierarquizar os graus de risco das encostas e compara-los com diagnósticos anteriores, identificando os

avanços e retrocessos na gestão dos desastres; (5) Analisar a influência de desastres pretéritos na vulnerabilidade das encostas; (6) Cartografar sinteticamente as Paisagens da vulnerabilidade, estabelecendo diretrizes urbanísticas e Edifícios para essas regiões afetadas. Metodologia: Para tal, utiliza-se como recorte geográfico os distritos urbanos de Nova Friburgo-RJ, umas das cidades serranas mais afetadas pela maior tragédia climática brasileira (BANCO MUNDIAL, 2012). Os métodos apresentados possuem caráter qualitativo e correlacional, visando integrar abordagens do campo da geografia, e da geomorfologia com a arquitetura e o planejamento da paisagem. A revisão bibliográfica proposta compreende os conceitos que fundamentam a pesquisa, tais como desastre, risco, vulnerabilidade, a fim de traçar comparativos entre a arcabouço teórico, os marcos legislativos, e a realidade dos municípios brasileiros sob a perspectiva da gestão dos riscos. Com a revisão metodológica, investigou-se os atuais métodos para o mapeamento, setorização e classificação dos riscos geológicos no âmbito nacional, observando especialmente sua aplicabilidade nos cruzamentos de leituras da cidade. Além disso, buscou-se identificar quais os métodos mais adequados para o associar os dados geomorfológicos com questões da paisagem, identificando seus critérios de análises e sua escala de abordagem. Assim, delimitou-se os procedimentos a serem seguidos: (1) compartimentação da paisagem das encostas por áreas homogêneas, a fim de identificar os diferentes padrões de vulnerabilidade na macroescala, aqui chamados de Unidades da Paisagem (UP). Posteriormente a essa etapa, (2) investigou-se na microescala a ocupação de cada unidade de paisagem por meio de uma análise tipo-morfológica. Ao final, baseados nas duas etapas anteriores, (3) delimitou-se diretrizes urbanísticas e arquitetônicas para a gestão do risco a desastres em um quadro síntese. Resultados esperados: Como resultados, espera-se comprovar a aplicabilidade do método para a identificação da construção do risco nos domínios montanhosos e a importância dos diagnósticos da morfologia urbana e arquitetônica para a mitigação dos movimentos gravitacionais de massa.

Palavras-chave: Morfologia urbana Paisagem Risco Vulnerabilidade Nova Friburgo, RJ.

Referências bibliográficas


BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

LUCHIARI, Maria Thereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período.

contemporâneo In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

SCHLEE, Mônica Bahia. A Ocupação Das Encostas No Rio De Janeiro: Morfologia, Legislação E Processos Sócio-Ambientais. Tese (Doutorado em Arquitetura) Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU-PROARQ, Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2011. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/773842.pdf>. Acesso em: 28 ago. de 2022.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. CEPED - Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Atlas Brasileiro de Desastres Naturais: 1991 a 2012 2. Volume Brasil. 2 ed. rev. ampl. Florianópolis: CEPED UFSC, 2013. 126 p.



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 12

OTIMIZAÇÃO DE UM MODELO DE HABITAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: A APLICAÇÃO DO EPS PARA REDUZIR O IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO DESEMPENHO ENERGÉTICO DOS EDIFÍCIOS

Alexandre Santana Cruz

Doutorando PROARQ

Orientador: Leopoldo Bastos

Introdução: Em 2009, o Governo Federal criou o programa “Minha Casa, Minha Vida” para facilitar o acesso à moradia para famílias de baixa renda. O programa focou em um modelo padronizado para todo o país para reduzir custos e acelerar o processo de construção. Conseqüentemente, o resultado levou a edifícios de baixa qualidade, principalmente em termos de conforto térmico e desempenho energético (TRIANA et al.). As discussões sobre eficiência energética no Brasil são extremamente recentes, e paralelamente a isso, há uma crescente preocupação com as mudanças climáticas como uma potencial ameaça ao aumento da demanda energética das edificações e dependência do sistema de climatização (CRUZ; CUNHA, 2021). O isolamento térmico é uma das formas mais eficazes de poupar energia nos edifícios. Porém, altos níveis de isolamento térmico podem promover o superaquecimento, bloqueando a dissipação do calor interno em regiões que requerem principalmente sistemas de refrigeração, a menos que sejam adotadas medidas adequadas para melhorar o conforto térmico. Objetivo: O objetivo deste estudo foi avaliar a eficiência da aplicação de isolamento térmico no desempenho termo energético de habitações de interesse social no Brasil ao abordar o impacto das mudanças climáticas. Metodologia: Este estudo considerou simulações computacionais para uma habitação unifamiliar localizada no Rio de Janeiro com aplicação de EPS. O método seguido constituiu de quatro etapas. Na primeira etapa, por meio da ferramenta CCWorldWeatherGen (SERG, 2012), os arquivos meteorológicos foram modificados e avaliados para cenários climáticos futuros. A segunda etapa consistiu da simulação do caso base - NBR 15775 (ABNT, 2013) utilizando o software EnergyPlus. Na terceira etapa, utilizando o software EnergyPlus acoplado às ferramentas de parametrização (jEPlus) e otimização (jEPlus+EA), o modelo energético foi otimizado para o contexto climático atual e futuro (2080). O processo de otimização estabelecido variou três parâmetros do envelope do caso base: orientação do edifício, solução de envidraçamento e espessura de isolamento térmico da parede e do telhado. Com base no algoritmo NSGA-II, a simulação multiobjetivo focou em minimizar a demanda de energia de resfriamento e as horas de desconforto do modelo. A última etapa apresentou a comparação e análise

dos resultados. Resultados: Na primeira etapa, os dados meteorológicos da cidade do Rio de Janeiro gerados pela ferramenta CCWorldWeatherGen foram analisados. A temperatura média anual do ar externo aumentará 3°C, a umidade relativa média anual aumentará 10,8% e a radiação horizontal global média anual aumentará 12,1 Wh/m², até 2080. Na segunda etapa, o desempenho termo energético do modelo NBR 15575 foi avaliado. Como esperado, o número de horas de desconforto aumentará nas próximas décadas e, conseqüentemente, a dependência do sistema de climatização. As horas anuais de desconforto aumentarão cerca de 100 horas e a demanda de energia de refrigeração dobrará até 2080. Na terceira etapa, foi realizada a otimização multiobjetivo. Em todas as melhores soluções da frente de Pareto, foi preferido o uso de EPS como isolamento térmico no telhado e nas paredes. No futuro, o aumento da espessura do isolamento térmico garantirá um melhor desempenho. Além disso, vidros de alto desempenho, maior proteção solar (SHGC) e baixa transmitância térmica (U-Value) serão essenciais em projetos residenciais. Na quarta etapa, os modelos otimizados foram examinados para cenários futuros. Os modelos otimizados (atual/futuro) foram capazes de reduzir as horas de desconforto em 28% e 54%, respectivamente. Em termos de demanda de refrigeração, os modelos conseguiram reduzir a demanda de energia em 10% e 17%, respectivamente. Conclusão: Foi possível concluir que a otimização desenvolvida destaca a necessidade de uma revisão das diretrizes construtivas da NBR 15575 com base no impacto das mudanças climáticas. Além disso, a adoção do isolamento térmico EPS em paredes e telhado, combinado com vidros de alto desempenho, mostrou-se uma alternativa promissora para regiões climáticas brasileiras que necessitam principalmente de um sistema de refrigeração como a cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Otimização, Isolamento Térmico, Habitação Social, Mudanças Climáticas, Eficiência Energética

Referências bibliográficas

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15575-4:2013 - Edificações habitacionais - Desempenho Parte 4: Sistemas de vedações verticais internas e externas. Rio de Janeiro: ABNT, 2013.

CRUZ, Alexandre Santana; CUNHA, Eduardo Grala da. The impact of climate change on the thermal-energy performance of the SCIP and ICF wall systems for social housing in Brazil. *Indoor and Built Environment*, 0(0), 1–15, 2021.

SERG Sustainable Energy Research Group - University of Southampton. Climate Change World Weather File Generator for World-Wide Weather Data. CCWorldWeatherGen, 2012.

TRIANA, Mari Andrea; LAMBERTS, Roberto; SASSI, Paola. Should we consider climate change for Brazilian social housing? Assessment of energy efficiency adaptation measures. *Energy and Buildings*, 158, 1379–1392, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.enbuild.2017.11.003>.

INTEGRAÇÃO FOTOVOLTAICA EM FACHADAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA RENOVAÇÃO ENERGÉTICA DE EDIFÍCIOS EM CENTROS URBANOS NO BRASIL

Giselle Graça Bahiense de Lyra

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Sylvia Rola

As mudanças climáticas tornaram-se uma das principais preocupações deste século, sendo urgente a redução de emissões de gases de efeito estufa para limitar o aumento médio da temperatura global. As emissões de CO² relacionadas com a energia devem ser reduzidas progressivamente. A produção de eletricidade a partir de fontes renováveis e a eficiência energética são cruciais nesse processo. A demanda de energia em edifícios continua a aumentar, impulsionada pelo maior acesso à energia; aumento da renda e do uso de dispositivos que consomem energia; além da ampliação da área global de edifícios, associada ao crescimento da urbanização em todo o mundo (IEA, 2018). Estima-se que 85 a 95% dos edifícios atuais ainda estarão operacionais em 2050. Cerca de 75% desse parque edificado foi construído sem foco em eficiência energética (EU COMMISSION, 2019). Se faz necessária uma reflexão sobre o papel dos edifícios existentes. A renovação energética desses edifícios é fundamental na transição para um ambiente construído mais eficiente, e de baixo carbono, e cumpre o papel de resgatar sua plena condição de habitabilidade, além de adaptá-los à uma nova realidade, alinhada às metas de um futuro sustentável, contemplando ainda possíveis novos usos. Nesse contexto, destacam-se algumas iniciativas globais como os programas Renovation Wave, no âmbito da União Europeia (EU), focado na renovação energética do parque edificado existente, com foco no impulso para transição de energia limpa; e Renovate Europe, iniciativa da European Alliance of Companies for Energy Efficiency in Buildings (EuroACE), que a partir do apoio de parceiros da indústria, sociedade civil e de entes governamentais, visa reduzir a demanda de energia do parque imobiliário na UE em 80% até 2050, a fim de atingir o padrão Near Zero Energy Buildings (nZEB). Como iniciativa local, destaca-se o Plano de Requalificação do Centro do Rio de Janeiro, Reviver Centro, que prevê incentivos para a renovação e o reuso adaptativo de edifícios, especialmente nas conversões para uso residencial ou misto, e ressalta a oportunidade de inclusão de energia renovável. A energia solar fotovoltaica se apresenta como a fonte renovável mais adaptável ao ambiente construído, podendo ser adotada através de sistemas não integrados, aplicados sobrepostos a envoltória, designados como Building Applied Photovoltaics (BAPV), ou integrados, como

parte inseparável da envoltória, definidos como Building Integrated Photovoltaics (BIPV). Embora o uso do BIPV venha se expandido mundialmente de forma acelerada, esta solução é pouco difundida no país. No processo de renovação de edifícios, a inserção do BIPV se dá numa condição de adaptação a uma envoltória preexistente, condicionada às limitações impostas pela volumetria edificada, orientação e pela inserção da edificação no tecido urbano, impondo a investigação da influência da configuração da envoltória e da morfologia urbana na geração solar, de modo a avaliar a aplicabilidade dessa alternativa em diferentes cenários urbanos. Diante dessas complexidades, o objetivo principal da investigação é avaliar o potencial de contribuição de elementos fotovoltaicos integrados em fachadas, no contexto da renovação energética de edifícios no Distrito Neutro da Cidade do Rio de Janeiro. O tema se desdobra em três eixos de investigação, definindo os objetivos específicos da pesquisa: analisar as contribuições das vedações fotovoltaicas em fachadas para o ganho de eficiência energética da envoltória e potencial de geração de energia; identificar os fatores de influência da morfologia urbana em relação ao potencial de geração solar; e analisar o potencial de aplicação do BIPV na renovação energética de edifícios, em diferentes cenários de ocupação urbana. A metodologia proposta baseia-se em 4 etapas: revisão bibliográfica sobre o tema de renovação energética de edifícios; investigação, a partir de simulações, dos impactos das vedações fotovoltaicas na eficiência da envoltória; investigação da influência da morfologia urbana na geração solar pela envoltória de edifícios, por simulações; estudo de caso que permita avaliar a contribuição da integração fotovoltaica em edifícios passíveis de renovação, no Distrito Neutro do Rio de Janeiro. Atualmente, encontra-se em desenvolvimento a primeira etapa da pesquisa, que visa o aprofundamento no tema de renovação energética de edifícios, tomando por base as experiências em curso nas campanhas Renovation Wave e Renovate Europe.

Palavras-chave: Renovação energética de edifícios, fotovoltaicos integrados em edifícios, BIPV, transição energética, energia solar.

Referências bibliográficas

EUROPEAN COMMISSION. A Renovation Wave for Europe: greening our buildings, creating jobs, improving lives. 2020. Disponível online: <<https://eur-lex.europa.eu/legalcontent/EN/TXT/?qid=1603122220757&uri=CELEX:52020DC0662>> Acessado em: 14/10/2021.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY - IEA. 2018 Global Status Report Towards a zero-emission, efficient and resilient buildings and construction sector. [s.l.]: [s.n.], 2018. ISBN: 9789280737295.

_____. Building Envelopes. 2020. Disponível online: <<https://www.iea.org/reports/building-envelopes>> Acessado em: 01/08/2021.

AUTOCONSTRUÇÃO E A DEMOCRATIZAÇÃO DA ARQUITETURA: CONSIDERAÇÕES SOBRE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E O NECESSÁRIO DEBATE DE CONCEITUAÇÃO DA ATHIS DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Conrado Carvalho

Doutorando PROARQ

Orientador: Marcos Silvano

O presente trabalho é parte constituinte da pesquisa de doutorado em desenvolvimento no PROARQ intitulada Do traço ao traço: contribuições para a expansão da prática construtiva no ensino de arquitetura e urbanismo, e lança luz sobre a forma de atuação profissional dos negócios sociais, tema ainda pouco abordado na Academia, mas que vem ganhando espaço no campo profissional. Faz apontamentos críticos sobre o empreendedorismo social como uma estratégia tanto divergente como complementar às políticas públicas de habitação social, ressaltando a importância da caracterização de ambos os modos de atuar para o enfrentamento à complexa e múltipla questão da crise habitacional. A partir da primeira década do século o país passou por uma mudança no panorama sociodemográfico dos estudantes, devido às políticas afirmativas das cotas e de financiamento universitário. Com isso, houve uma transformação histórica com um aumento de estudantes e profissionais moradores de territórios populares, regiões que historicamente têm menos acesso aos serviços de arquitetura. Mais recentemente, desde 2015, o país tem passado por um processo de desinvestimento público em políticas urbanas e habitacionais, elevando consideravelmente a vulnerabilidade social da população e a carência por serviços de arquitetura. Paralelamente à diminuição do investimento em programas urbanos e habitacionais, ganha espaço nas cidades brasileiras uma forma de atuação em arquitetura referenciada na ideia do empreendedorismo social (ou negócios sociais). Na esfera acadêmica, as críticas aos negócios sociais se dão devido à incorporação de aspectos importados do mundo corporativo e ao pensamento de que atividades voltadas à negócios não são conciliáveis com atividades voltadas à redução de impactos sociais e ambientais (ROSOLEN; TISCOSKI e COMINI, 2014). Entre os arquitetos brasileiros, as críticas se concentram no fato de que a vulnerabilidade social e ambiental e a inadequação habitacional não são compatíveis com qualquer atuação que não seja uma de cunho público e inteiramente gratuita. Apesar disso, contraditoriamente, o próprio CAU/BR, entidade defensora e divulgadora das políticas voltadas à habitação de interesse social, por vezes divulgou e apresentou experiências e metodologias de Negócios Sociais em arquitetura como referências de iniciativas de ATHIS, ainda que

essas referências não atuam com a gratuidade dos serviços para famílias com renda de até 3 salários mínimos (CARDOSO; LOPES, 2022). Considerando que os Negócios Sociais são um empreendimento que precisam de divulgação para aumentar o alcance e conhecimento sobre os serviços, para consequentemente realizar a captação de clientes, é usual que as iniciativas se apoiem em ferramentas digitais, especialmente as redes sociais, e impulsionar os trabalhos. Nesse sentido, sobretudo via Instagram, tem sido possível observar o surgimento de novos grupos de profissionais atuantes com Negócios Sociais em arquitetura, bem como observar o portfólio de projetos e a oferta dos serviços. Nesse sentido, cabe frisar que muitas vezes os Negócios Sociais vendem também pacotes de cursos de capacitação profissional. Na maioria das vezes esses cursos são oferecidas como capacitações em ATHIS, ainda que a abordagem não se apoie no texto da Lei Nº 11.888/2008. O texto aponta para um caminho de investigação que pretende ser seguido no contexto da pesquisa de doutorado, identificando o fenômeno do surgimento e ampliação dos Negócios Sociais em arquitetura, chamando a atenção para a importância das definições (e divulgações) dos conceitos e das mais diversas formas de atuação profissional em territórios periféricos, considerando o amplo espectro social e infraestrutural presente nas periferias, buscando contextualizar as referidas formas de atuação profissional com o ensino de tecnologias construtivas em arquitetura e urbanismo. É fundamental, pois, que busquemos fortalecer a luta por uma arquitetura pública e gratuita, visando garantir a segurança, saúde e conforto dos moradores. É essencial, também, tendo em vista a ampla estratificação social das famílias que historicamente não acessam os serviços de arquitetura e urbanismo, que haja espaço para outros modelos de atuação profissional de forma a levar arquitetura adequada para as famílias brasileiras que tenham recursos a despender para isso.

Palavras-chave: Habitação Social, Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social, Assessoria Técnica, Empreendedorismo social, Negócio social.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei nº 11.888/2008, de 24 de dezembro de 2008. Assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social e altera a Lei no 11.124, de 16 de junho de 2005. Diário Oficial da União, Brasília, 2008. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11888.htm >. Acesso em 01 de setembro de 2022.

CARDOSO, Fernanda Simon; LOPES, João Marcos de Almeida. Assessoria e Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social: do discurso à construção da prática profissional. In.: Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v.24, São Paulo, 2022.

ROSOLEN, Talita; TISCOSKI, Gabriela; COMINI, GRAZIELLA. Empreendedorismo Social e Negócios Sociais: um estudo bibliométrico da publicação nacional e internacional. In.: RIGS, v.3, n.1, UFBA – Salvador, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/8994> >. Acesso em: 27 de agosto de 2022.

DIRETRIZES DA AVALIAÇÃO SOCIAL DO CICLO DE VIDA (ASCV) PARA PROJETOS ARQUITETÔNICOS: ESTUDO DE CASO SOBRE HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL

Eduarda Alberto

Mestranda PROARQ

Orientador: Marcos Silvos

Políticas públicas para atendimento a diversos direitos sociais respaldados pelo Artigo 6º da Constituição Federal, tais como para a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a proteção à maternidade e à infância, são materializadas, antes de tudo, pela indústria da construção civil. O setor é responsável pela execução de projetos arquitetônicos e tem grande influência sobre os três pilares da sustentabilidade: ambiental, econômico e social. No que tange aspectos sociais, dados de 2019 do IBGE expõe que do total de brasileiros ocupados no ano referido, como empregados ou conta própria, 13,6% são trabalhadores do setor, com considerável parcela destes no mercado informal. Gravemente, o setor, que mobiliza grande volume de mão de obra, se destaca em relação aos números de incapacidade permanente e em número de mortes por acidentes de trabalho. Com vistas a dirimir tantos impactos, cabe destaque à Avaliação Social do Ciclo de Vida (ASCV), que se apoia na Avaliação do Ciclo de Vida (ACV), como um braço social. Nacionalmente, a ACV foi normatizada em 2001 através da ABNT NBR ISO 14040 e, em síntese, estabelece uma estrutura de avaliação partida em 4 etapas iterativas. A partir da ASCV, tal qual a ACV, será possível compreender os processos e aspectos mais onerosos e, então, adotar providências em projeto. Nesse sentido, o presente trabalho se atém à questão: poderia a ASCV contribuir com decisões de projeto em arquitetura com vistas a proporcionar um ambiente produtivo menos oneroso aos operários de construção civil? “O rosto frio do maquinário não pode iludir lá onde os meios de produção são de carne”, adverte Sergio Ferro (2006). Faz-se relevante considerar que as decisões de projeto vão influenciar em uma série de procedimentos de trabalho que incidem sobre os corpos dos operários de construção (ibidem). Este fator, reforça a responsabilidade da/o profissional de arquitetura no desenvolvimento sustentável, considerando quem a constrói. No íterim da pesquisa de Mestrado desenvolvida no PROARQ, que objetiva avaliar impactos sociais de decisões de projeto sobre os operários de construção no Brasil, com a aplicação prática da ASCV, o presente trabalho introduz alguns aspectos da metodologia. Foi realizada revisão bibliométrica de artigos no banco de dados do Scopus e, em seguida, foi realizada revisão sistemática dos artigos com estudo de caso, selecionados

para análise com ênfase na metodologia. Suplementarmente, foi realizada a revisão da principal literatura que direciona a realização da ASCV para apresentá-la sinteticamente. A partir de busca considerando “social life cycle assessment” nos títulos, resumos e palavras-chave, verificou-se que o Brasil se apresenta no quarto lugar entre os países com mais produções científicas sobre o tema. Deste modo, pode-se notar o considerável interesse nacional sobre o tema apresentado no presente Anteprojeto. A revisão conduzida apresenta numerosas menções ao guia desenvolvido por UNEP/SETAC, de 2009, como referencial metodológico para a ASCV realizada, não obstante não há um instrumento normativo que regule a aplicação da ASCV e a primeira vez que foi conduzida ASCV relativa ao setor da construção foi somente no ano de 2012. Embora, predominantemente, os artigos selecionados apresentem caráter quantitativo, também foram identificados estudos de teor semi-quantitativo e/ou com aplicação de questionários (BACKES, J. et al., 2021). Há grande variação entre as metodologias aplicadas, sobretudo: no que tange aos métodos de coleta de dados; ferramentas e procedimentos de cálculo; teor das avaliações e, conseqüentemente, o tratamento dos dados de saída. Cabe mencionar que, neste levantamento não foi encontrado estudo em acordo com a revisão recente do Guia da UNEP, de 2020. A estrutura da ASCV demanda abordagem a partir de uma “parte interessada”, para cada qual, são determinadas categorias de impacto e indicadores de impacto como suporte à avaliação. Conclusivamente, nesse ínterim, tendo em vista as edificações “carimbo”, reproduzidas em escala, invariavelmente, por todo o território nacional, compreende-se que os impactos sobre os operários no canteiro também são gerados e reproduzidos em escala. Assim, destacam-se as construções realizadas no âmbito de políticas públicas de Habitação de Interesse Social como objetos de estudo adequados com tal consideração e pertinentes com a aplicação da ASCV em cenário brasileiro.

Palavras-chave: Sustentabilidade, Avaliação Social do Ciclo de Vida, Construção Civil, Arquitetura, Habitação de Interesse Social.

Referências bibliográficas

BACKES, J.; TRAVERSO, M. Application of Life Cycle Sustainability Assessment in the Construction Sector: A Systematic Literature Review. *Processes*, v. 9, n. 7, p. 1248, 2021.

FERRO, S. *Arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

IBGE. PNAD Contínua. Tabela 7199 - Pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência como empregador ou conta própria no trabalho principal, por grupamentos de atividade. 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/acervo> (Acesso em: 20/08/2022).

UNEP. *Guidelines for Social Life Cycle Assessment of Products and Organizations 2020*.

CORRELAÇÃO DE IMAGEM DIGITAL APLICADA AO DIAGNÓSTICO DE PATOLOGIAS NO EDIFÍCIO JORGE MACHADO MOREIRA

Fernanda Alves

Graduanda FAU/UFRJ

Orientador: Thiago Melo Grabois

Introdução: A partir do século XIX e melhor embasado durante o século XX, o conceito de patrimônio ganha importância no sentido de preservar conhecimentos, técnicas, conceitos, civilizações e paisagens, adquirindo o peso de herança cultural que reverbera no presente e no futuro. Lançado sob a luz da análise, o presente projeto de pesquisa tem como objeto de estudo o edifício Jorge Machado Moreira (JMM), um marco na arquitetura moderna do Rio de Janeiro, projetado na década de 50 e batizado com o nome de seu arquiteto, e premiado na IV Bienal Arquitetura de São Paulo, em 1957 (ESCRITÓRIO TÉCNICO, 1961). Assim, a partir da importância histórica e cultural dos patrimônios arquitetônicos para uma sociedade, a análise e monitoramento destas edificações representam uma maneira de evitar a ocorrência de impactos destrutivos sobre o objeto. Deste modo, a DIC (CHU et al., 1985; GHORBANI et al., 2015; GRABOIS et al., 2018) apresenta-se como uma possível ferramenta para a verificação das estruturas ao permitir uma análise mais global e menos invasiva. Objetivos: A pesquisa tem por finalidade validar a aplicação da Correlação de Imagem Digital (DIC), método consolidado na área da mecânica experimental, como ferramenta capaz de gerar análises globais de manifestações patológicas em um patrimônio edificado. Além disso, também busca mapear as patologias construtivas e estruturais identificadas no caso de estudo, o edifício Jorge Machado Moreira (JMM), atual sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Metodologia: Com base nessas proposições, na retomada das atividades presenciais e na alteração do quadro de pesquisadoras voluntárias do projeto de pesquisa, deu-se início as etapas de: 1. Revisão bibliográfica sobre patologias construtivas em estruturas de concreto armado e aproximação das ferramentas baseadas em imagens digitais na identificação e monitoramento de estruturas civis; 2. Revisão do levantamento orçamentário para a aquisição do material necessário ao andamento da pesquisa, como equipamento fotográfico, computador e software de pós-processamento de imagens digitais; 3. Mapeamento visual e documentação das manifestações patológicas no interior do edifício JMM. Resultados: Com a retomada do levantamento fotográfico do bloco A do edifício Jorge Machado Moreira, em especial a fachada Sudeste, identifi-

cada como a região com maior número de ocorrência de manifestações patológicas, e a comparação com relatórios anteriores, os resultados obtidos demonstraram o progresso dos sintomas previamente identificados, como a perda de revestimento cerâmico, perda de cobrimento e a expansão contínua das armaduras por corrosão.

A aproximação com o software de pós-processamento de imagens digitais permitiu a compreensão sobre a aplicabilidade da DIC e a etapa de adequação dos códigos para os futuros testes com imagens de amostras geradas em laboratório e de um sintoma patológico a ser elencado no edifício JMM. Os testes preliminares foram capazes de gerar mapas e gráficos que traduzem os deslocamentos de uma série de pontos ordenados para um ensaio de simulação de rotação. Todavia, um dos valores encontrados não correspondia ao esperado para o recorte sob análise, exigindo a revisão do código e das imagens utilizadas. Conclusões:

A aplicação controlada do método da DIC demonstrou leituras aceitáveis durante o período de testes. A possibilidade de implementação do processo para analisar os sintomas patológicos no edifício JMM, que permanecem progredindo devido a falta de manutenção e reparo, pode viabilizar a estimativa do intervalo de tempo necessário para a realização de novos levantamentos fotográficos para avaliação através do software. Além disso, os dados gráficos gerados pelo programa auxiliam no entendimento sobre o comportamento de determinado elemento construtivo submetido a um esforço. Esse material visual pode servir como referência a ser incorporado em materiais didáticos utilizados pelo corpo docente da FAU UFRJ.

Palavras-chave: Sintomas patológicos, Correlação de Imagem Digital (DIC), Edifício Jorge Machado Moreira (JMM), Patrimônio edificado.

Referências bibliográficas

CHU, T., RANSON, W., SUTTON, M. "Applications of Digital Image Correlation techniques to experimental mechanics", *Experimental Mechanics*, v. 25, n. 3, pp. 232–244, 1985.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL. Anuário 1961: Faculdade Nacional de Arquitetura. Rio de Janeiro, 1961.

GHORBANI, R. et al. Full-Field Deformation Measurement and Crack Mapping on Confined Masonry Walls Using Digital Image Correlation, *Society for Experimental Mechanics* 2014, p 227-243, 2014.

GRABOIS, T.M., NEGGERS, J., PONSON, L., HILD, F., FILHO, R.D.T. On the validation of integrated dic with tapered double cantilever beam tests. *Engineering Fracture Mechanics* v.191, pp. 311-323, 2018.

A MODELAGEM DA INFORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO (BIM) E O ENSINO DE CONCEPÇÃO DE PROJETOS ARQUITETÔNICOS

Rodrigo Dantas Mendonça

Mestrando PROARQ

Orientadora: Aline Calazans

O presente estudo tem como temática a análise da integração de novos processos, de caráter digital, no ensino de projetos de concepção arquitetônica. Mais especificamente busca explorar a questão: quais aspectos do processo da Modelagem da Informação da Construção (BIM) poderiam enriquecer o ensino de concepção arquitetônica no que concerne ao desenvolvimento de capacidades criativas e habilidades cognitivas nos estudantes de arquitetura? Nesse sentido, como o processo BIM poderia ampliar as perspectivas do ensino de concepção arquitetônica?


A discussão sobre a inserção da informática na arquitetura é mais frequentemente associada a uma abordagem instrumental, ou seja, o digital como ferramenta de representação de decisões já tomadas. Em contrapartida, é menos recorrente a exploração da informática enquanto agente influenciador das tomadas de decisões projetuais, como parte do processo. Além disso, o desenvolvimento do aprendizado de projetos em arquitetura envolve a aquisição e assimilação de diversas habilidades do âmbito criativo e cognitivo. Algumas delas como: produção divergente (ALENCAR, 2003), funções executivas (COSENZA, 2011), reconhecimento de problemas, reestruturação de problemas, manipulação de ferramentas para solução dos problemas, entre muitas outras. Tais capacidades são profundamente afetadas pelos meios através dos quais se expressam ou pelos quais são representadas, fato atestado pela ciência cognitiva (FLORIO, 2007). Diante disso, esse estudo se justifica a partir da ideia de que, para os arquitetos, a representação de seus pensamentos que precedem as tomadas de decisão são parte do seu processo de conceber um projeto. Os croquis, os desenhos esquemáticos, as maquetes volumétricas, ou seja, recursos manuais, são de extrema importância no exercício e na formação da capacidade de projetar. Contudo, os artifícios tecnológicos dos quais dispomos na atualidade permitem a utilização de métodos, procedimentos e ferramentas auxiliares nas decisões de projeto afetando diretamente sua concepção. Além disso, a expressão por meio de recursos digitais permite que os alunos de disciplinas de projeto exercitem e desenvolvam habilidades além das trabalhadas por meio do método tradicional. Nesse contexto, o processo BIM tem se mostrado um gerador de transformação da maneira de projetar em arqui-

tetura quando entendido preponderantemente como um processo. O BIM é um paradigma amplo. Jernigan (2008) afirma que se trata do gerenciamento das informações, das complexas relações entre aspectos sociais e técnicos, da colaboratividade e das interrelações das organizações contemporâneas e o meio. Além disso, o BIM é um potencial agente transformador do ateliê de projetos, pois oportuniza o afastamento do modelo de pensamento que limita a concepção auxiliada por meios digitais à uma dimensão tão somente descritiva e bidimensional ao mesmo tempo que faz emergir a discussão da inserção do digital no processo de concepção a partir de outras óticas, como por exemplo a da concepção digital formativa, generativa, baseada em desempenho (AMBROSE, 2012 apud. RUSCHEL, 2014). Alguns aspectos do BIM que serão desenvolvidos neste estudo como resposta à questão de pesquisa apresentada e como perspectivas que visam engrandecer o aprendizado e oferecer mais caminhos para se pensar a concepção projetual, são: a colaboratividade (antecipação do processo colaborativo), agilidade nos testes de possibilidades em situações “e/se”, a modelagem paramétrica para manipulação dos dados em função da automatização da concepção, o desenvolvimento de visão sistêmica, a relação experiência (ou intuição) do projetista em contraste com as simulações de feedbacks imediatos, a concepção generativa, o domínio do projeto a partir da relação 2D/3D de maneira simultânea, a diferença entre a construção virtual da edificação em comparação a sua representação, entre outros. A metodologia a ser aplicada terá por base a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo mediante observação (estágio de docência) e meios participativos (workshops e questionários) direcionado a alunos em nível de graduação. Como resultados, espera-se contribuir na identificação de onde a integração do BIM pode ser adotada em disciplinas de projeto de modo a expandir antigas demarcações delineadas pelos métodos tradicionais de ensino e compatibilizar a formação do aluno com as dinâmicas profissionais que enfrentará na contemporaneidade.

Palavras-chave: BIM, Ensino, Concepção de projetos, Arquitetura, TICs.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, Eunice ML Soriano; DE SOUZA FLEITH, Denise. Criatividade: múltiplas perspectivas. Editora UnB, 2003
- COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. Neurociência e educação. Artmed Editora, 2009.
- FLORIO, Wilson. Contribuições do Building Information Modeling no processo de projeto em arquitetura. Encontro de tecnologia da informação e comunicação na construção civil, v. 3, p. 1-12, 2007.
- JERNIGAN, Finith E. Big BIM, little bim: the practical approach to building information modeling: integrated practice done the right way!. Salisbury, MD, USA. 4site Press, 2008.
- RUSCHEL, Regina C. To BIM or not to BIM. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, v. 3, p. 1-12, 2014.
- AMBROSE, Michael A. Agent Provocateur – BIM in the academic design studio. International Journal of Architectural Computing, Brentwood, v. 10, n. 1, p. 53-66, 2012.



SESSÕES CIENTÍFICAS
sessão 13

FERRAMENTA PARA ANÁLISE DO POTENCIAL DA VENTILAÇÃO NATURAL NOS ESPAÇOS DE INTERNAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS ASSISTENCIAIS DE SAÚDE

Kátia Maria Macedo Sabino Fugazza

Doutoranda PROARQ

Orientadora: Sylvia Rola

De antemão, é importante salientar que este estudo parte da premissa de que o profissional responsável pelo projeto arquitetônico já destacou quais as áreas de acordo com os riscos dos ambientes poderão ser atendidas pela ventilação natural sem o tratamento do ar por filtragem específica, da condição climática externa do entorno e da evolução da malha urbana, não sendo este tema atendido por este recorte. A Norma de Desempenho Térmico de Edificações Parte 1 - NBR 15220/2005, divide o Brasil em oito zonas climáticas, sendo o município do Rio de Janeiro pertencente à zona oito e possui como estratégias de condicionamento térmico passivo durante o verão a ventilação cruzada permanente e, como bem citado na norma, não é suficiente para as horas mais quentes do ano. A inclusão da estratégia da ventilação natural nos estabelecimentos de saúde, além de propiciar a recuperação do paciente, características como a temperatura interna, a umidade do ar e a velocidade do vento são fatores preponderantes para a promoção do conforto higrotérmico, melhora na qualidade do ar e de sua renovação e da eficiência energética do edifício. Antes de mais nada é importante conceituarmos a ventilação natural. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a ventilação natural são forças naturais que conduzem o ar externo através de aberturas construídas na envoltória do edifício, possuindo como objetivo geral fornecer ar saudável para a respiração, diluir e remover os poluentes originados dentro da edificação. Diante desta breve introdução, observamos a importância da ventilação natural para os usuários da edificação de saúde e para a saúde, porém, sendo uma estratégia de difícil mensuração, devido a vários fatores que dificulta ou até mesmo inviabiliza seu uso durante o projeto preliminar de arquitetura. Logo, o uso de programas livres facilitam seu acesso, tendo ainda como adversidade o equipamento físico, hardware e os poucos estudos a respeito. Esta pesquisa tem, portanto como tema, central a criação de uma ferramenta de parametrização que analise a ventilação natural e adequa às normativas de ventilação natural durante o percurso do projeto em ambientes de saúde em espaços de internação. Serão utilizados programas livres, sendo ele o Blender com os plugins BlenderBim, Ladybug e Butterfly. Para isso selecionamos como objeto de estudo o Hospital São Zacharias no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. A fim de entender como a

ventilação natural se comporta na parte interna do edifício, será modelado o hospital e seu entorno direto, em programa computacional, gerando um arquivo base para parametrização. A partir do modelo criado, será gerado um código computacional (script) para realizar simulações fluidodinâmicas (CFD) com intuito de analisar o potencial de aproveitamento da ventilação natural nos leitos de internação do edifício. Utilizando como dados as variáveis climáticas de sua localização a fim de obter a melhor localização e abertura dos vãos das esquadrias para o atendimento das taxas normativas de renovação de ar no ambiente para internação, utilizando o programa livre OpenBim. Este artigo descreve a primeira etapa da metodologia desta pesquisa mostrando o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Ventilação natural, Simulação computacional, Estabelecimentos assistenciais de saúde, Qualidade do ar interno, Software livre.

Referências bibliográficas

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 7256: 2021. Tratamento de ar em estabelecimentos assistenciais de saúde (EAS) – Requisitos para projeto e execução das instalações. Rio de Janeiro, 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15.220 Parte 3: Desempenho térmico de edificações Parte 3: Zoneamento bioclimático brasileiro e diretrizes construtivas para habitações unifamiliares de interesse social. ABNT. Rio de Janeiro, p. 23. 2005.

ULRICH, R. S. Effects of Healthcare Environmental Design on Medical Outcomes. *Journal of Healthcare Interior Design*, 2001. 97-109.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Importância dos projetos de sistemas de climatização em estabelecimentos assistenciais de saúde. Nota Técnica, de 16 de abril de 2009. ANVISA. Brasília. 2009

A INFLUÊNCIA DE NORMAS PARA PREVENÇÃO DE INCÊNDIO E PÂNICO DO PROJETO ARQUITETÔNICO

Natana Janiele Nobre Alves

Graduanda FAU/UFRJ

Orientador: Bruno Costa

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as normas de segurança contra incêndio e pânico incidentes no estado do Rio de Janeiro e entender como elas influenciam o processo de projeto arquitetônico de novas edificações. É parte de uma pesquisa maior, que analisa casos referência de construções normativas (relativamente a regulação do uso do solo e das regras edíficas) em diversas cidades do mundo com o intuito de propor uma nova forma de código urbano, que potencialize e regule as interações entre o lote, o entorno e a cidade, de modo a reconhecer as realidades existentes e as particularidades urbanísticas de cada contexto específico e valorizar o uso do espaço público. Trata-se de uma lacuna do conhecimento identificada a partir de pesquisa realizada na plataforma Google Acadêmico. Utilizou-se as seguintes palavras chave da pesquisa: “bombeiro” e “projeto arquitetônico”, onde foram encontrados 4450 resultados, sem nenhum tipo de restrição na filtragem e que automaticamente foram organizados por relevância segundo o site de busca. Destes, foram lidos os 50 primeiros títulos e seis deles tiveram seus resumos analisados por potencialmente possuírem alguma relação com o tema da pesquisa. No entanto, nenhum possuía uma abordagem diretamente relacionada com a temática desenvolvida e com o recorte proposto, pois focavam em partes específicas do sistema de prevenção de incêndio e pânico. Portanto, evidenciou-se a necessidade de estudar e analisar de forma mais aprofundada a influência das normas de incêndio na elaboração do projeto arquitetônico voltado para construções multifamiliares da cidade do Rio de Janeiro. A metodologia da pesquisa consistiu na revisão bibliográfica das normas de segurança contra incêndio e pânico promulgadas pelo Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), nomeadamente das seguintes: i) Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico (COSCIP, Decreto Estadual do Rio nº 42, de 17 de dezembro de 2018); ii) 50 Notas Técnicas do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro. Para além delas, foram analisadas as Normas Brasileiras promulgadas pela ABNT: NBR 9077/2001, 10898/2013, 12693/2013, 13714/2000, 14100/1998, 16820/2020 e 17240/2010. Os critérios de análise das normas foram estabelecidos concomitante ao estudo das mesmas, identificando elementos normativos que potencialmente

condicionassem o desenvolvimento do projeto arquitetônico. Os resultados dessa análise foram tabelados e linkados como respectivo texto normativo, com o intuito de serem produzidas representações gráficas de suas demandas, de modo a facilitar a sua compreensão e entendimento por parte do projetista. Para tanto, concomitantemente foram estudadas técnicas de representação gráfica de modo a selecionar aquela mais adequada ao proposto pela pesquisa, não tendo sido pré-estabelecido nenhum referencial. Buscou-se técnicas que viabilizassem a representação gráfica dos requisitos de segurança contra incêndio e pânico que possuem direta influência nas escolhas arquitetônicas, contribuindo para a definição da solução de uma nova edificação. Após a leitura e análise de dos trabalhos de Ching (2017), Ching e Winkel (2018) e São Paulo (2018) iniciou-se a produção dos desenhos para elaboração do manual gráfico desses requisitos. A pesquisa, iniciada em setembro de 2021, encontra-se em fase final de produção dos desenhos explicativos. Tem-se observado forte incidência das normas no projeto arquitetônico, condicionando o desenvolvimento e dimensionamento de escadas, dutos, portas, circulações e espaços comuns, disposição de estacionamento, materialidade da fachada e de elementos internos e até mesmo tendo influência direta na relação área vendável / área total construída. Espera-se que a pesquisa contribua não só para o desenvolvimento do projeto arquitetônico, evitando retrabalhos e atrasos, mas também a compreensão e ensino dessa temática no ambiente universitário.

Palavras-chave: Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, Edificações residenciais multifamiliares, Normas, Representação gráfica, Segurança contra incêndio e pânico.

Referências bibliográficas

CHING, Francis D. K. Técnicas de construção ilustradas. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2017.

CHING, Francis D. K.; WINKEL, Steven R. Building codes illustrated: a guide to understanding the 2018 International Building Code. New Jersey: Wiley, 2018.

SÃO PAULO. Código de Obras e Edificações Ilustrado. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2018.

O HABITAR MÍNIMO: AVALIAÇÃO DA QUALIDADE ESPACIAL EM APARTAMENTOS DE ÁREA REDUZIDA

Isabella Queiroz Rohr

Mestranda PROARQ

Orientadores: Mauro Santos e Luciana Figueiredo

A produção de “microapartamentos” e habitações mínimas como kitnets vem aumentando cada vez mais. O crescimento urbano, o adensamento da população, a crise social e principalmente o alto custo dos terrenos centrais nas cidades são alguns dos fatores que contribuem para a redução das áreas das unidades habitacionais. Desde a década de 70 os apartamentos passaram por uma trajetória de redução de área, e embora o Código de Obras estabeleça as dimensões mínimas para quartos, salas, banheiros e cozinhas, não há nenhuma definição do que seja um apartamento, proporcionando as construtoras a construir apartamentos compostos apenas por quarto (que funciona ao mesmo tempo como sala e cozinha) e banheiro, dessa forma, surgem apartamentos de 20m² e até mesmo menores (PANE et al. 2019). As habitações mínimas surgiram inicialmente para atender pessoas solteiras, jovens e que moram sozinhas, porém, a realidade é que famílias inteiras vivem nesses espaços, incluindo idosos e crianças. Que qualidade de vida é possível ter em um habitar mínimo? As questões de conforto, privacidade, qualidade de vida e saúde são negligenciadas nesses empreendimentos e os aspectos subjetivos do morar deixados de lado. A relação entre uma pessoa e sua casa é o habitar, essa noção vai muito além dos aspectos práticos do residir, sendo também um ato simbólico. A habitação não deve ser pensada apenas como uma definição arquitetônica, ela vai além do espaço físico e não tem somente a função de abrigo e proteção do sol e da chuva, mas é fundamentalmente um local para interações e trocas entre os membros. A casa é um espaço social onde os moradores convivem e se relacionam, se estendendo muito além do espaço físico da residência, podendo ser tanto o espaço íntimo do quarto quanto a área do edifício ou o entorno. Para Bachelard (2005), o habitar supre não só as necessidades físicas do corpo como dormir, comer, ler ou descansar, mas acomoda também a mente, a memória, os sonhos e os desejos. O lar é um conjunto de rituais e rotinas do dia a dia, é relativo à identidade e a comportamentos biológicos e valores culturais. Com o tempo, a sociedade de consumo e a especulação imobiliária transformou a casa em mercadoria, sua essência metafísica se perdeu e a casa se tornou um produto que busca satisfazer somente nossas necessidades físicas, deixando nossa identida-

de desabrigada. A casa de hoje não promove o habitar e deixou de ser um lar. De acordo com Heidegger (2012), as casas modernas geralmente são econômicas e fáceis de manter, mas elas não garantem que o habitar ocorra nelas. Este trabalho tem como objetivo investigar a habitabilidade de apartamentos mínimos e a qualidade de vida de seus moradores, tendo como estudo de caso o Condomínio Parque Residencial Laranjeiras, edifício com kitnets de 23m² localizado na Rua das Laranjeiras. Tem como objetivos específicos analisar a relação entre vizinhos e a do morador com o espaço, tanto com a unidade habitacional, o prédio e o entorno, entendendo que o conceito de habitar vai além da unidade habitacional em si, e conhecer os problemas dessa moradia, suas histórias, usos e apropriações. Tem como metodologia o método participativo aplicado a um estudo de caso, as ferramentas utilizadas vão desde entrevistas com moradores e a administração do condomínio, levantamentos de plantas, perfil dos moradores, história do edifício, walkthrough e mapa comportamental. O walkthrough é um percurso dialogado com fotografias, croquis e gravações abrangendo os ambientes, onde o observador faz uma identificação descritiva do ambiente, seus usos, aspectos negativos e positivos encontrados em uma primeira impressão, sendo uma reação do participante em relação ao ambiente. O mapa comportamental é um registro gráfico das observações relacionadas com as atividades dos moradores em determinado espaço, identificando os arranjos espaciais, os fluxos, as relações de uso e espaço (RHEINGANTZ, 2009). Através das entrevistas é possível identificar os conflitos entre morador e moradia, as opiniões e falas dos usuários evidenciam os problemas e falhas da habitação, assim como suas qualidades. Dessa forma, a arquitetura é investigada para além de sua geometria e o foco é a relação pessoa-ambiente, analisando como os habitantes vivem em suas casas e suas experiências no espaço, verificando se a moradia mínima é capaz de proporcionar um habitar adequado e saudável.

Palavras-chave: habitação, morar mínimo, microapartamentos, qualidade espacial, área mínima.

Referências bibliográficas

BACHELARD, G. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. Petrópolis: Vozes, 2012.

PANE, M. F. et al. Microapartamentos em empreendimentos imobiliários contemporâneos. Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, v. 6, p. 333-344, 2019.

RHEINGANTZ, Paulo A., et al. Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Coleção PROARQ/FAU/UFRJ, 2009.

REQUALIFICAÇÃO URBANA E AMBIENTAL NA MITIGAÇÃO DE INUNDAÇÕES: CASO DO RIO CATARINO, REALENGO - RIO DE JANEIRO

Giulia Figueiredo Ferreira

Graduanda FAU/UFRJ

Orientadores: Aline Veról e Rodrigo Rinaldi

O crescente impacto da urbanização sobre o ciclo natural da água é um dos principais fatores para o agravamento das cheias urbanas. A impermeabilização do solo, a ocupação de áreas sujeitas a alagamentos, a canalização e a regularização de corpos hídricos são parte das ações humanas no ambiente natural que influenciam negativamente na resiliência das cidades às inundações (MIGUEZ et al., 2016). Tais práticas contribuem para o assoreamento dos rios, a redução do percentual de infiltração das águas pluviais, o aumento do escoamento superficial, entre outras consequências. Em vista disso, surge a demanda por uma abordagem ecológica, capaz de restabelecer o equilíbrio entre ser humano e meio ambiente, minimizando os efeitos da urbanização. As soluções clássicas de engenharia para gestão dos corpos hídricos e manejo das águas pluviais ainda são predominantes, porém cada vez mais as propostas de drenagem sustentável ganham destaque. Por essa razão, o planejamento urbano aliado a ações pautadas no desenvolvimento sustentável e na construção de cidades resilientes se tornou uma alternativa de grande relevância para a perpetuação da natureza e da vida humana. Dentre as diferentes abordagens de drenagem sustentável empregadas atualmente, as Infraestruturas Verdes e Azuis (IVAs) são medidas com alto potencial de resgate do ciclo hidrológico e mitigação de inundações. Associadas aos espaços livres públicos, elas possibilitam a criação de espaços multifuncionais, a revitalização urbana e a requalificação da paisagem (GUIMARÃES et al., 2018). As IVAs se apresentam como uma solução viável e atraente para o poder público, pois permitem a integração entre áreas verdes e corpos hídricos, de modo sustentável e com custo inferior às intervenções tradicionais da engenharia (KOZAK et al., 2020). O presente trabalho tem por objetivo propor um projeto de intervenção urbana para um recorte do bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, visando a requalificação ambiental. O referido recorte está inserido na Bacia Hidrográfica do Rio Acari, historicamente castigada por inundações e pela degradação causada pelas mesmas (OLIVEIRA, 2018). As inundações nesta bacia são um problema crônico e provocam danos com frequência, os quais se acumulam ao longo dos anos e impedem a chance de recuperação da população local, representada majoritariamente pelas classes C e D. As inundações

que atingem reiteradamente o bairro de Realengo também apresentam impacto negativo sobre demais sistemas e funções urbanas. Tais eventos têm influência direta sobre as condições habitacionais, a qualidade de vida da população, a mobilidade urbana, entre outros aspectos. A proposta deste trabalho é mitigar os efeitos das cheias urbanas por meio do manejo sustentável das águas pluviais e do emprego de IVAs, contribuindo para uma mudança no cenário de perdas econômicas e sociais ocasionadas pelas cheias, assim como para a restauração das qualidades estéticas e ambientais da paisagem local. Este trabalho concebe uma proposta ecossistêmica com atuação local, voltada para o entorno do Rio Catarino, afluente do Rio Acari, sobretudo para a região da Rua Bernardo de Vasconcelos, via localizada no centro do bairro e importante para a mobilidade urbana dentro do contexto da Zona Oeste. Este é um dos principais pontos de inundação associados ao supracitado curso d'água, representando um ponto crítico de falhas nos sistemas de macro e microdrenagem. Para realização deste trabalho, é adotado um método baseado nas seguintes etapas: Revisão bibliográfica; Definição do recorte de estudo; Diagnóstico da área do entorno do Rio Catarino, dentro do contexto da Bacia do Rio Acari; Plano de ações/Anteprojeto para requalificação urbana. Como considerações preliminares, o desenvolvimento deste trabalho delinea o emprego de ações estruturais e não-estruturais pautadas na sustentabilidade e resiliência urbana. Dessa forma, através do planejamento urbano sustentável, pretende-se reduzir os impactos negativos das frequentes inundações sobre a paisagem de Realengo e a qualidade de vida da parcela social que ocupa tal lugar. O resultado esperado para este trabalho é que a análise aprofundada do local contribua para o estabelecimento das diretrizes do projeto de intervenção urbana a ser desenvolvido em etapas futuras.

Palavras-chave: Drenagem urbana sustentável, Mitigação de cheias urbanas, Infraestruturas Verdes e Azuis Espaços livres multifuncionais Resiliência urbana à inundações.

Referências bibliográficas

GUIMARÃES, Luciana F. et al. O Uso de Infraestruturas Verde e Azul na Revitalização Urbana e na Melhoria do Manejo das Águas Pluviais: O Caso da Sub-Bacia do Rio Comprido. *Paisagem e Ambiente: Ensaios*. São Paulo, n. 42, p. 75-96, 2018.

KOZAK, Daniel et al. Blue-green infrastructure (BGI) in dense urban watersheds. The case of the Medrano stream basin (MSB) in Buenos Aires. *Sustainability*, v. 12, n. 6, p. 2163, 2020.

MIGUEZ, Marcelo G. VERÓL, Aline P. REZENDE, Osvaldo M. *Drenagem Urbana: Do Projeto Tradicional à Sustentabilidade*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

OLIVEIRA, Antonio K. B. *O Sistema de Drenagem Como Eixo Estruturante do Planejamento Urbano: Caso da bacia Hidrográfica do Rio Acari*. Dissertação de mestrado em engenharia civil pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2018, 210 p.

MATRIZ DE PRIORIDADES PARA PROJETOS URBANOS MULTIFUNCIONAIS ESTRUTURADOS PELA DRENAGEM URBANA SUSTENTÁVEL

Beatriz Cruz Amback

Mestranda PROARQ

Orientadores: Aline Veról e Marcelo Miguez

Introdução: As transformações na paisagem causadas pela ocupação urbana provocam alterações no ciclo hidrológico e perdas de funções ecológicas, agravando as inundações nas cidades (VERÓL et al., 2020). As inundações urbanas são os desastres naturais que trazem severas consequências sociais, como perdas humanas e de bens materiais, desgaste na infraestrutura urbana, e interrupção de serviços. O manejo de águas pluviais assumiu diversas abordagens ao longo da história. Atualmente defende-se uma ótica sustentável e resiliente, que foca na manutenção de funções naturais com incremento da capacidade de recuperação das cidades diante de adversidades. O conceito de Drenagem Urbana Sustentável consiste em medidas que reduzem o risco hidráulico, respeitando a dinâmica natural dos rios e aliando o bem-estar da população com a dinâmica da natureza (BATTEMARCO et al., 2022). Para isso, é preciso pensar na qualificação de espaços livres urbanos multifuncionais, criando espaço para a água nas cidades. Reconhecendo a importância do Sistema de Espaços Livres de uma cidade para a população e o seu valor ecológico, propõe-se esses espaços sejam pensados de forma multifuncional, garantindo a vitalidade da cidade. Em áreas de ocupação consolidada, mesmo que se possa minimizar os impactos da urbanização, torna-se impossível reestabelecer processos naturais e funções ecológicas de forma íntegra. Uma área ainda não ocupada, por outro lado, apresenta um grande potencial de receber uma ocupação urbana coerente com as características existentes no local, mas apresenta também uma forte tendência à degradação, caso não haja um planejamento urbano adequado. Esse cenário aponta para a necessidade de um planejamento urbano sustentável e resiliente em áreas de expansão urbana. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo desenvolver e aplicar um conjunto de ferramentas para orientar projetos urbanos estruturados na drenagem urbana sob uma ótica sustentável e resiliente, tendo como estudo de caso a Bacia Hidrográfica do Rio Piraquê-Cabuçu, área de expansão urbana no município do Rio de Janeiro. Metodologia: Inicia-se com a elaboração de uma análise morfológica da paisagem urbana da bacia de estudo, tendo como referência trabalhos como o de Valentini et al (2020). Foram estabelecidas diferentes camadas de análise, divididas em duas categorias:

fatores físicos e antrópicos. A sobreposição dessas camadas orientará a compartimentação da paisagem e a delimitação de Unidades de Paisagem. A caracterização de cada Unidade de Paisagem também levará à identificação de potenciais, fragilidades e à elaboração de diretrizes projetuais para cada uma. A segunda fase da metodologia é composta por uma Matriz de Prioridades, ferramenta original com objetivo de dar suporte à definição de locais com prioridade para receber projetos urbanos orientados pela drenagem urbana. A matriz será aplicada a cada compartimento delimitado na fase anterior e atribuirá uma hierarquia na prioridade para intervenção com base na gravidade, urgência e tendência. A dimensão da gravidade inclui indicadores que avaliam a predisposição física do recorte para a ocorrência de eventos de inundação, a dimensão de urgência avalia a exposição de pessoas aos eventos de inundação e a tendência avalia a perspectiva de piora do problema caso medidas não sejam tomadas. Após a identificação de locais com maior prioridade para receber projetos urbanos, será elaborado um projeto urbano com a inserção de técnicas compensatórias em Drenagem Urbana Sustentável, incluindo uma modelagem hidrodinâmica para avaliar o desempenho do projeto na mitigação de cheias urbanas. Resultados esperados: É esperado que a análise morfológica forneça um diagnóstico da Bacia Hidrográfica de estudo e que a compartimentação em Unidades de Paisagem seja útil em trabalhos futuros com o mesmo Estudo de Caso. É esperado também que as diretrizes projetuais elaboradas na primeira fase possam orientar projetos urbanos em outras Unidades de Paisagem da mesma bacia hidrográfica. É esperado que a Matriz de Prioridades seja capaz de avaliar quais trechos da bacia devem ser priorizados para intervenções paisagísticas com foco na drenagem urbana. Espera-se que a proposta de projeto realizada no âmbito desta pesquisa seja uma solução eficaz para o atendimento de demandas sociais juntamente à mitigação de cheias em um recorte da bacia. Espera-se também que a matriz de prioridades seja replicável a outros recortes geográficos.

Palavras-chave: Paisagem Urbana, Espaços Livres Multifuncionais, Drenagem Urbana Sustentável, Resiliência Urbana a Inundações, Matriz de Prioridades.

Referências bibliográficas

BATTEMARCO, Bruna Peres; TARDIN-COELHO, Raquel; VERÓL, Aline Pires; DE SOUSA, Matheus Martins; DA FONTOURA, Cynthia Vanderlinde Tarrisse; FIGUEIREDO-CUNHA, Júlia; BARBEDO, José Mendes Ribeiro; MIGUEZ, Marcelo Gomes. Water dynamics and blue-green infrastructure (BGI): Towards risk management and strategic spatial planning guidelines. *Journal of Cleaner Production*, v. 333, 2022.

VALENTINI, Daiane Regina; VILLELA, Ana Laura Vianna; MATIELLO, Alexandre Maurício; COLETTI, Tomé; TÂNGARI, Vera Regina; REGO, Andréa Queiroz. Análise tipo-morfológica da paisagem como subsídio ao planejamento ambiental de cidades médias. *Oculum Ensaios*, v. 18, 2020.

VERÓL, Aline Pires; LOURENÇO, Ianic Bigate; FRAGA, João Paulo Rebechi; BATTEMARCO, Bruna Peres; MERLO, Mylenna Linares; DE MAGALHÃES, Paulo Canedo; MIGUEZ, Marcelo Gomes. River restoration integrated with sustainable urban water management for resilient cities. *Sustainability (Switzerland)*, v. 12, n. 11, 2020.

CIDADES RESILIENTES ÀS CHEIAS: A ÁGUA COMO EIXO ESTRUTURANTE DO PLANEJAMENTO TERRITORIAL - O CASO DE GUARATIBA/RJ

Mylenna Linares Merlo

Mestranda PROARQ

Orientadores: Aline Veról e Osvaldo Rezende

As águas urbanas são consideradas força motriz do crescimento das cidades. Contudo, a paisagem e seus componentes naturais acumularam, ao longo do tempo, transformações advindas de ações antrópicas, que desencadearam processos de degradação que modificam a qualidade dos ambientes naturais e construídos (VERÓL, et al 2020). No século XX foi possível observar um inchamento populacional nas cidades, que não tiveram suas infraestruturas desenvolvidas na mesma velocidade. Os impactos causados pela rápida urbanização sobre a paisagem são intensificados em áreas onde o desenvolvimento é desacompanhado de infraestrutura de saneamento e onde há um déficit dos serviços públicos, ou seja, áreas de periferia urbana. Sendo assim, a população mais pobre acaba por ocupar as periferias que, por vezes, são áreas de maior risco de inundações. As inundações podem ser consideradas eventos passíveis de manejo e, por isso, torna-se viável gerenciar os riscos das cheias urbanas. Güneralp et al (2020) defende uma gestão proativa da urbanização pode possibilitar a formação de paisagens urbanas mais equitativas e acessíveis. Sendo assim, um planejamento eficiente do uso do solo é fundamental para a proposta de cidades sustentáveis. Nesse sentido, a cidade resiliente pode ser considerada um sistema integrado que tem que ser projetado para enfrentar as consequências negativas de um determinado perigo e diminuir os danos associados (Miguez et al 2018). Existe um crescente consenso científico indicando um reconhecimento da natureza como meio para auxiliar na solução da redução do risco de desastres onde compreende-se as Soluções Baseadas na Natureza, ou apenas SbN, como soluções inspiradas e apoiadas pela natureza, e que fornecem tanto benefícios ambientais, quanto sociais e econômicos. Desta forma, o presente trabalho enuncia a seguinte questão: Como identificar os problemas locais acarretados pelo processo de expansão urbana e apontar soluções de planejamento territorial que possibilitem tornar a cidade resiliente a inundações, considerando ações integradoras para desenvolvimento urbano com foco no tratamento das cheias? Pretende-se, portanto, desenvolver uma ferramenta metodológica para auxílio do planejamento territorial com objetivo de reduzir o risco a inundações. De acordo com os objetivos pretendidos, o trabalho propõe a utilização de

métodos quantitativos e qualitativos, por meio do uso de três fases: Diagnóstico, Síntese da Análise – onde elabora-se um quadro chamado “Quadro Síntese Analítico” - e Fase Propositiva, tendo como estudo de caso a Bacia Hidrográfica do Rio Piraquê-Cabuçu, no Rio de Janeiro. Espera-se que as informações obtidas na fase síntese analítica possam ser aproveitadas tanto no âmbito da formulação de novos instrumentos de planejamento quanto para intervenções futuras na bacia em referência e que a estrutura do Quadro Síntese Analítico se torne uma importante contribuição para novos estudos de caso.

Palavras-chave: Planejamento territorial, Resiliência às inundações, Soluções Baseadas na Natureza.

Referências bibliográficas

GÜNERALP, B., et al, 2020, “Trends in urban land expansion, density, and land transitions from 1970 to 2010: a global synthesis.” *Environmental Research Letters*. V. 15. <https://doi.org/10.1088/1748-9326/ab6669>

MIGUEZ, M.G. et al, *Gestão De Riscos E Desastres Hidrológicos*. Rio De Janeiro: Elsevier, 2018.

VERÓL, A.P. et al, *River Restoration Integrated With Sustainable Urban Water Management For Resilient Cities*. *Sustainability* V.12, 2020. <https://doi.org/10.3390/Su12114677>



PROARQ

Av. Pedro Calmon, 550 - sala 433
Cidade Universitária - Rio de Janeiro, RJ
<https://proarq.fau.ufrj.br/>